

Manifestações de Espírito de pessoa viva

(Em que condições elas ocorrem)



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Manifestações de Espírito de pessoa viva

(Em que condições elas ocorrem)

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Data da publicação: 26/05/2017

REVISÃO: João Frazão de Medeiros Lima e Hugo Alvarenga Novaes

DIAGRAMAÇÃO: Paulo Neto

CAPA: <https://pbs.twimg.com/media/CyTEJ7NUoAABEF9.jpg>

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Paulo Neto.
P355m	Manifestações de espírito de pessoa viva (Em que condições elas ocorrem) / Paulo da Silva Neto Sobrinho; revisão de Hugo Alvarenga Novaes, João Frazão de Medeiros Lima. Londrina, PR : EVOC, 2017. 272 p.
	1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Espiritismo. 3. Doutrina espírita. I. Novaes, Hugo Alvarenga. II. Lima, João Frazão de Medeiros. III. Título.
	CDD 133.91 19.ed.

Manifestações de Espírito de pessoa viva

(Em que condições elas ocorrem)

"[...] sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, tem este que se achar onde se ache o seu pensamento [...]." (KARDEC, *Obras Póstumas*)

"Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma que pensa." (*O Livro dos Espíritos*, q. 89.a – resposta)

Paulo Neto

Índice

Prefácio	5
Introdução.....	11
Considerações iniciais	18
Análise doutrinária do tema	21
O que alguns estudiosos do Espiritismo encontraram	135
O inexplicável caso de Emilie Sagée	220
O que a experiência de médiuns aponta	241
Emancipação da alma em estado de vigília caso em que ocorre	255
Considerações finais.....	261
Conclusão	266
Referências bibliográficas	269

Prefácio

Muito se fala e ensina em nosso movimento a respeito da caridade. Paulo de Tarso, no capítulo treze da primeira Epístola aos Coríntios, descreve a caridade com a sabedoria. O Espiritismo tem como lema *“fora da caridade não há salvação”*. Mas poucos se lembram de refletir sobre os diversos tipos de caridade. Lembremos aqui de um deles. Emmanuel, na obra *Estude e Viva* (psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira), no capítulo 40, intitulado *“Socorro Oportuno”*, assim se expressa: *“Lembra-te deles, os quase loucos de sofrimento, e trabalha para que a Doutrina Espírita lhes estenda socorro oportuno. Para isso, estudemos Allan Kardec, ao clarão da mensagem de Jesus Cristo, e, seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra, recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação.”* (Grifos em negrito, meus).

Portanto, a divulgação do Espiritismo é também uma forma de caridade, caridade esta que exige responsabilidade já que requer estudo e compreensão da Doutrina Espírita. Mas, Emmanuel não está sozinho! Bezerra de Menezes e Camilo, Espíritos cujo nome muito respeitamos no movimento espírita, não se cansaram de deixar claro: *“Fidelidade à doutrina é o que se nos*

impõe"¹ e "*Esses tempos atuais chamam-nos à fidelidade aos projetos do Espírito de Verdade*"², respectivamente. Aprendi, então, a reconhecer e valorizar a importância da fidelidade ao Espiritismo.

Nisso, foi com bastante satisfação que li os originais da presente obra e recebi o convite para prefaciá-la. Satisfação dupla, pois Autor e Obra possuem uma qualidade especial que se tem tornado cada vez mais rara em nosso movimento espírita: ambos se destacam por valorizar Kardec e a Doutrina Espírita.

O Autor, Paulo Neto, é nosso amigo e se destaca a anos por realizar estudos que buscam elucidar questões diversas com base no Espiritismo. Ele tem dado vários exemplos daquilo que Emmanuel, Bezerra e Camilo destacaram: a caridade da divulgação da Doutrina.

A presente obra, *Manifestações de Espírito de pessoa viva (Em que condições elas ocorrem)*, se destaca por satisfazer as recomendações de Emmanuel, Bezerra e Camilo. Ela aborda uma questão muito séria, relevante para o conhecimento espírita, e que requer

1 Mensagem "O Meio-Dia da Nova Era", de Bezerra de Menezes recebida por D. P. Franco em 12-04-2007 publicada em *Reformador*, Junho de 2007.

2 Mensagem "Definição e trabalho em tempos difíceis.", de Camilo recebida por Raul Teixeira em 11-11-2005 publicada em *Reformador*, Janeiro de 2006.

saber o que exatamente o Espiritismo ensina a respeito. Basicamente, a questão é a seguinte: pode um Espírito encarnado, como nós, se emancipar parcialmente do corpo (a emancipação total seria a desencarnação), e se manifestar mediunicamente através de um médium alhures? Ou poderia o Espírito encarnado se tornar visível e tangível em lugar distinto de onde se localiza seu corpo físico? Essas questões são muito importantes por permitir demonstrar a existência da alma, e sua independência do corpo físico.

A obra mostra, então, e de modo muito claro, as conclusões de Kardec sobre o tema, bem como os fatos que levaram Kardec a concluir da forma como o fez. Nisso, temos que reconhecer o esforço e o trabalho do irmão Paulo Neto. Ele vasculhou as obras básicas (o pentateuco), as obras complementares e a *Revista Espírita*, todas obras de Kardec, para pesquisar todos os fatos, estudos e comentários de Kardec a respeito do fenômeno. Não exagero quando falo em “todos” na frase anterior. O leitor irá encontrar, sim, todos os exemplos de casos, as descrições de pessoas que viram ou passaram elas mesmas pelo fenômeno de emancipação da alma, assim como a lucidez e o bom senso do nosso respeitado Codificador, analisando prós e contras, e determinando a posição que devemos considerar como *espírita*.

A obra traz, também, casos relatados por outros pesquisadores, demonstrando que todos eles concordam com Kardec. Isto é, todos aqueles que investigaram os fenômenos de manifestação mediúnica de vivos chegaram às mesmas conclusões que Kardec.

Mas, a obra ensina mais. Ela traz esclarecimentos doutrinários relevantes para o entendimento do fenômeno mediúnico em contraponto ao fenômeno anímico. Destaco, por exemplo, a questão da diferença conceitual entre os fenômenos de *comunicação* e *manifestação* de um Espírito. Alguns leitores como eu mesmo, não tínhamos atentado para as diferenças.

Preciso destacar também um detalhe que é pouco valorizado em nosso movimento espírita. Muitos, de boa fé, pensam que Ciência Espírita só se faz através de estudos com base em conceitos e métodos de outras ciências. Em geral, desconhecemos como o *avanço do conhecimento* ocorre em todas as áreas. Ficamos admirados quando o noticiário divulga descobertas em torno da saúde, da tecnologia ou do Universo que nos rodeia. Entretanto, não percebemos que antes dessas descobertas maiores, a Ciência trabalhou em pequenos *avanços de conhecimento* realizados a cada dia, nos laboratórios e escritórios de pesquisa de cada área e em todo o mundo. Assim também ocorrerá com a Ciência Espírita. Os *avanços no conhecimento espírita* devem

acontecer da mesma maneira. Não precisamos aguardar revelações da Física, da Química ou da Medicina em torno de fenômenos espíritas para perceber *avanços do conhecimento espírita*. Basta acompanhar a seriedade e o aprofundamento de estudos como a da presente obra. Ela é, também, um exemplo de trabalho legítimo da Ciência Espírita, pois ela nos ajuda a perceber e esclarecer a respeito de um fenômeno que diz respeito a todos nós. Precisamos saber reconhecer esse mérito da obra.

Portanto, *Manifestações de Espírito de pessoa viva (Em que condições elas ocorrem)* é uma obra que nos convida ao estudo do Espiritismo no tocante à possibilidade de encarnados darem manifestações espíritas quando estejam em estados de emancipação da alma. É uma obra de grande utilidade e inestimável valor para estudiosos e expositores espíritas, mormente aqueles que, como solicitaram Bezerra e Camilo, trabalham com responsabilidade e respeito à fidelidade ao Espiritismo. Mais que isso, a obra é necessária a todos que pretendem "*seja no exemplo ou na atitude, na ação ou na palavra,*" honrar o Espiritismo realizando a caridade de divulgá-lo e ensiná-lo com fidelidade a Kardec. A palavra de ordem, nesse milênio que se iniciou, é valorizar Kardec! A presente obra valoriza Kardec.

Alexandre Fontes da Fonseca

3 de maio de 2017.

Introdução

O Espiritismo, segundo o que entendemos, ensina que é possível a manifestação de um Espírito de uma pessoa viva, através de um médium, somente se ele estiver em um estado alterado de consciência, como, por exemplo, no sono ou em êxtase, situação em que ocorrem as condições para que a alma se emancipe do corpo físico e, assim, possa se manifestar em qualquer local, até mesmo no ambiente onde este se encontra.

Evitamos o termo comunicação, pois esse também inclui a telepatia, que não é o que aqui abordaremos.

Recentemente, no meio espírita, alguns confrades ventilaram a possibilidade disso também ocorrer, mesmo no caso de o encarnado estar em estado de vigília; claro, como se era de esperar, tornou-se uma questão controversa por não se apresentarem as bases doutrinárias que a justifiquem.

Embora num contexto diferente, tomaremos esta fala de Camille Flammarion (1842-1925), porquanto ela tem tudo a ver com a tarefa que aqui empreenderemos:

[...] é dever do investigador abster-se completamente de qualquer sistema de teorias, até que ele tenha reunido um número de fatos

suficiente para formar uma base sólida sobre a qual ele possa raciocinar. [...].⁽³⁾

Neste estudo, nos aprofundaremos nas obras básicas da Codificação Espírita para descobrir como o tema é nela tratado; e se há maior respaldo doutrinário para essa questão. “Muitos livros têm sido escritos sobre comunicações diretas, não-telepáticas, entre vivos que se visitam em desdobramento ou são vistos em locais diferentes de onde se acham seus corpos físicos.”⁽⁴⁾ É disso que aqui trataremos, é preciso deixar isso bem claro.

Entendendo como “obras básicas” todas as que foram publicadas por Allan Kardec (1804-1869), incluímos, também, *Obras Póstumas* que, apesar de não ter sido publicada por Kardec, por óbvio, o seu teor compõe-se de manuscritos pessoais dele, que foram encontrados em sua residência, pouco tempo depois de seu retorno ao mundo espiritual.

Embora exista uma mensagem contida na *Revista Espírita* que, à primeira vista, sugere essa possibilidade, nós a analisaremos e mostraremos que, segundo o Espiritismo, se o encarnado estiver em estado de vigília, o seu Espírito jamais se afastará do corpo para participar de uma manifestação espiritual.

3 FLAMMARION, *As Forças Naturais Desconhecidas*, p. 311.

4 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 174.

Também veremos se temos suporte doutrinário para admitir que, ao se manifestar, o Espírito de uma pessoa viva, teria o “poder” de assumir a aparência de seu corpo físico de alguma de suas reencarnações passadas.

Alguém poderá julgar que a análise crítica na esfera espírita não deve ser feita, pois, em alguns casos, seria como que menosprezar o médium ou duvidar do Espírito que por ele se manifesta. Ledo engano, pois não existe médium infalível, e, além disso, pelo que depreendemos das obras da Codificação, somente os Espíritos Puros estão isentos de erros.

Eis aqui o sábio conselho de Kardec, que é corroborado pelo Espírito São Luís:

Se submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, perscrutando-se-lhes e analisando suas ideias e expressões, como fazemos quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando-se, sem *hesitação*, tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que supomos esteja se está manifestando, levaremos os Espíritos mentirosos ao desânimo, os quais acabam por se retirar, desde que fiquem bem convencidos de que não conseguirão nos enganar. Repetimos: este é o único meio, porém, meio infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os Espíritos bons nunca se ofendem com ela, pois eles nos

aconselham e examinar as comunicações, já que não têm nada a temer do exame. Somente os maus se ofendem e procuram evitar críticas, porque têm tudo a perder. Só com isso provam o que são.

Eis aqui o conselho que a tal respeito nos deu São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto de vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.”⁽⁵⁾ (grifo nosso)

Acreditamos que o critério de se avaliar tudo não poderá causar qualquer tipo de melindre ao médium, em primeiro lugar, e muito menos nos que confiam nele, em segundo, caso não se queira manter numa área de fanatismo cego.

A Dra. Marlene Nobre (1937-2015), em *Lições de Sabedoria*, nos dá a conhecer a opinião de Chico Xavier (1910-2002): “[...] A crítica é limpeza. E devemos ser agradecidos a quem nos ofereça esse

5 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 266, p. 281-282.

concurso com sinceridade. [...]” ⁽⁶⁾ (grifo nosso)

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, item 196, Kardec descreve os médiuns imperfeitos; entre eles, destacamos:

Médiuns suscetíveis – Variedade dos médiuns orgulhosos. Melindram-se com as críticas de que sejam objeto as comunicações que recebem e se irritam com a menor contradição. Se mostram o que obtêm, não é para pedir opinião de ninguém, mas para que o trabalho deles seja admirado. Geralmente, tomam aversão pelas pessoas que não os aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não possam impor-se e dominar. ⁽⁷⁾ (grifo nosso)

E, mais à frente, no cap. XXIII, no tópico “Causas da obsessão”, também fala deles:

[...] Todo médium que se melindra com a crítica das comunicações que recebe, faz-se eco do Espírito que o domina, e esse Espírito que não pode ser bom, já que lhe inspira um pensamento ilógico de se recusar ao exame. [...]. ⁽⁸⁾ (grifo nosso)

Mas, por incrível que possa parecer, não são só os médiuns que se melindram com as críticas às

6 NOBRE, *Lições de Sabedoria*, p. 229.

7 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 196, p. 201.

8 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 248, p. 267.

comunicações; infelizmente, acontece também a muitos adeptos do Espiritismo, quando se faz alguma consideração ao que procede de certos Espíritos ou de determinados médiuns os quais veneram, como se ambos fossem infalíveis.

Algo que vai na contramão do que Kardec fez é quando se menciona o nome do médium que recebeu determinada mensagem, em que não se tem um caráter particular, mas geral, com teor doutrinário ou científico, seja artigo ou livro.

Vejamos o que Kardec colocou na “Introdução” de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*:

Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns, ademais, não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos. Mencioná-los seria apenas satisfazer ao amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios não ligam nenhuma importância. Compreendem que o seu papel, por ser meramente passivo, o valor das comunicações em nada lhes realça o mérito pessoal, e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho intelectual a que prestam apenas o seu concurso mecânico. (9) (grifo nosso)

9 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 15.

Em *O Céu e Inferno*, Kardec fala quase a mesma coisa, para justificar o fato de também não colocar os nomes dos médiuns nessa obra. ⁽¹⁰⁾

A verdade, pura e simples, é que, em termos doutrinários, ainda temos muito que aprender e até mesmo sobre o *modus operandi* de Kardec.

10 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, Prefácio, p. 12.

Considerações iniciais

A condição necessária para se sustentar a hipótese de que um Espírito de pessoa viva tenha realmente se manifestado, por algum canal mediúnico, é provar, de forma incontestável, que, todas as vezes que houve alguma manifestação, ela estava dormindo ou em algum estado alterado de consciência, para que sua alma pudesse se emancipar do corpo físico e manifestar-se. Aliado a isso, também é preciso distinguir se ela teve condições de assumir o caráter de uma de suas personalidades anterior.

Devemos refletir para ver se a nossa opinião não se enquadra nisto que Kardec disse:

[...] O preconceito, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque, então, tudo vê e tudo refere do seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é o meio de chegar à verdade. [...]. ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Estamos dizendo isso, pois alguns confrades justificam a possibilidade desse tipo de manifestação, apontando uma explicação, assinada por “Um Espírito”, que foi publicada no mês de março, na *Revista Espírita de 1867*.

11 KARDEC, *Revista Espírita 1863* (FEB – PDF), p. 145-146.

Mostraremos, no tempo oportuno, e com base nos preceitos espíritas, que, embora ela tenha sido publicada, a opinião nela contida não tem respaldo doutrinário nos princípios básicos do Espiritismo; portanto, não deveria servir como base para se sustentar a tese da possibilidade de um encarnado, em estado de vigília, se desdobrar e se manifestar através de um médium em outro lugar.

Visto que esse fenômeno é, algumas vezes, também denominado de desdobramento, o qual é definido:

DESDOBRAMENTO. Transe no qual o espírito do percipiente desloca-se e vai até outros lugares, distantes ou não, fora da dimensão tempo/espço, e descreve o que vê e o que faz. É o processo de exteriorização do perispírito, decorrendo vários outros fenômenos. A bicorporeidade ou bilocação, por exemplo, é a materialização do perispírito do médium desdobrado, emancipado (parcialmente ou momentaneamente) do corpo. Como qualquer tipo de transe, o médium pode estar consciente ou não. ⁽¹²⁾

Nos tópicos que seguem, apresentamos um estudo aprofundado do tema de acordo com as obras básicas e alguns autores espíritas clássicos.

12 PALHANO JR, *Dicionário de Filosofia Espírita*, p. 83.

O nosso propósito será levantar tudo quanto for possível das obras da Codificação, que venha demonstrar as condições necessárias para a comunicação de Espírito de pessoa viva, pela via mediúnica.

No próximo tópico, buscaremos a devida resposta à pergunta: O que ensina a Doutrina Espírita a respeito do assunto?

Análise doutrinária do tema

Inicialmente, a nossa análise consistirá de dois detalhes muito importantes, expostos por Kardec, a respeito da validade das mensagens espirituais.

O primeiro detalhe está presente na *Revista Espírita 1865*, na qual ele diz:

O Espiritismo não é mais a obra de um único Espírito como não é a de um único homem; é a obra dos Espíritos em geral. Segue-se que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e não tem valor senão quando é sancionada pelo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. Diante desse poderoso critério, caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de ideias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado. Uma ideia falsa pode, sem dúvida, agrupar ao seu redor alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte. ⁽¹³⁾
(grifo nosso)

O teor dessa explicação de Kardec, deve ser observado sempre que estivermos analisando alguma

13 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 307.

mensagem vinda de desencarnados; no presente caso, aquela com a qual se tenta justificar a manifestação de um Espírito de pessoa viva no estado de vigília.

Na *Revista Espírita* 1866, Kardec volta a dizer, taxativamente, que:

[...] para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. [...]. ⁽¹⁴⁾ (grifo nosso)

Portanto, qualquer mensagem, que se apresente como justificativa para manifestação do Espírito de uma pessoa viva, em estado de vigília, deve, primeiramente, ser vista como apenas de opinião de um Espírito; somente, então, quando passar pelo crivo do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, poderá ser levada à conta de ponto doutrinário, conforme sempre afirmava Kardec.

Em *O que é o Espiritismo* temos a seguinte explicação:

136. *Qual o estado da alma durante o sono?*

No sono é só o corpo que repousa, mas o

14 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 191.

Espírito não dorme. As observações práticas provam que, nessas condições, o Espírito goza de toda a liberdade e da plenitude das suas faculdades; aproveita-se do repouso do corpo, dos momentos em que este lhe dispensa a presença, para agir separadamente e ir aonde quer. Durante a vida, qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito fica sempre preso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo, quando a sua presença se torna necessária. Só a morte rompe esse laço. ⁽¹⁵⁾ (grifo nosso)

Durante o sono ocorre a emancipação da alma; porém, em *O Livro dos Espíritos*, foi dito que não é necessário o sono completo para que a alma se emancipe:

[...] o Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de repouso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende; quanto mais fraco for o corpo, mais livre, se torna o Espírito. ⁽¹⁶⁾ (grifo nosso)

Considerando que “o Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem”, então, há necessidade de algum estado alterado de consciência,

15 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 204.

16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 407, p. 211.

consequentemente, não ocorrerá a emancipação da alma quando a pessoa estiver em pleno estado de vigília.

Na *Revista Espírita* 1858, mês de maio, temos Kardec comentando, em nota explicativa, uma das perguntas feitas ao Espírito Mozart:

O médium poderia se pôr em relação com a alma de um vivo, e em que condições? – R – “Facilmente, se o vivente dorme.”

Eis comentário de Kardec, que aqui destacamos:

Se uma pessoa viva for evocada no estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação, ou, pelo menos, experimentar um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; mas, muito frequentemente, a evocação não dá resultado, sobretudo se não for feita com uma intenção séria e benevolente. ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

A relação direta da necessidade do Espírito não utilizar o corpo físico é, segundo o que apreendemos, condição *sine qua non* para que o Espírito de uma pessoa viva possa se manifestar; é o que se estabelece aqui pelo Espírito Mozart, e ficará mais claro, ainda, no que depreenderemos do pensamento de Kardec, ao longo deste estudo.

17 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 138.

Kardec, em *O que é o Espiritismo*, falando sobre a sede da alma, entre outras coisas, afirma:

Durante a vida a alma age mais especialmente sobre os órgãos do pensamento e do sentimento. Ela é, ao mesmo tempo, interna e externa, isto é, irradia exteriormente, podendo mesmo isolar-se do corpo, transportar-se ao longe e aí manifestar sua presença, como o provam a observação e os fenômenos sonambúlicos. ⁽¹⁸⁾
(grifo nosso)

A prova que a alma pode transportar-se para longe está fundamentada na observação e nos fenômenos sonambúlicos, que são, exatamente, estados de emancipação da alma com o agente em estado mais profundo que o sono.

É oportuno esclarecer que o sonambulismo “É um estado de independência da alma, mais completo do que no sonho, estado em que as suas faculdades ficam mais desenvolvidas. [...]” ⁽¹⁹⁾

Sonâmbulo é a pessoa que está no estado de sonambulismo, razão pela qual:

[...] O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e

18 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 215.

19 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 216.

percebe, fora dos limites dos sentidos. [...]. ⁽²⁰⁾
(grifo nosso)

As questões relativas à manifestação de Espírito de pessoa viva se encontram em *O Livro dos Médiuns*, guia dos médiuns ou dos evocadores. Para que fique claro qual as bases doutrinárias contidas nas explicações, tomemos, de sua “Introdução”, o seguinte trecho:

Importantes melhorias foram introduzidas na segunda edição, muito mais completa do que a primeira [*Instrução Prática*]. Foi corrigida com especial cuidado pelos Espíritos, que lhe acrescentaram grande número de notas e instruções do mais alto interesse. Como eles reviram tudo, aprovando-a ou modificando-a à vontade, pode-se dizer que ela é, em grande parte, obra deles, porque a sua intervenção não se limitou a alguns artigos que assinaram. [...]. ⁽²¹⁾
(grifo nosso)

É imprescindível chamar a sua atenção, caro leitor, para o fato de que essa obra foi revisada e corrigida pelos Espíritos; portanto, ela é uma base segura com a qual devemos procurar entender a questão.

No cap. XIX – O papel dos médiuns nas

20 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 172, p. 178.

21 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Introdução, p. 11.

comunicações espíritas, de *O Livro dos Médiuns*, ao tratar da “Influência do Espírito pessoal do médium”, no item 223, são desenvolvidas várias questões, dentre as quais destacamos:

2. *As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito do médium?*

“A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que invocais, alguns estão encarnados na Terra. *Eles, então, vos falam como Espíritos, e não como homens.* Por que não se havia de dar o mesmo com o médium?” (22) (grifo nosso)

Informações específicas relativas ao tema constam no Capítulo XXV – Das evocações, item 284 que trata, especificamente, da “Evocação de pessoas vivas”, do qual destacamos as seguintes questões:

37. *A encarnação do Espírito constitui obstáculo absoluto à sua evocação?*

“Não, mas é necessário que o estado do

22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XIX, item 223, p. 222-226.

corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda. Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos os corpos são menos materiais."

38. *Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?*

"Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar *sem ser evocado*, dependendo da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica."

39. *Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?*

"Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre."

42. *O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono comunica-se tão livremente como o de uma pessoa morta?*

"Não; a matéria sempre o influencia em maior ou menor grau."

OBSERVAÇÃO – Uma pessoa, que se achava nesse estado e a quem foi feita essa pergunta, respondeu: "Estou sempre ligada à grilheta que arrasto comigo".

42-a. *Nesse estado, o Espírito poderia ser impedido de vir, por se achar em outra parte?*

"Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde deseje permanecer e então não atende à evocação, sobretudo quando feita por

quem não o interesse.”

43. *É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?*

“Embora difícil, não é absolutamente impossível, porque a evocação *produz efeito*, pode acontecer que a pessoa adormeça. Mas o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.”

OBSERVAÇÃO – Prova a experiência que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou, pelo menos, um torpor aproximado do sono, embora semelhante efeito só se possa produzir por ato de uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação *nenhum resultado dá*. Mesmo no caso de a evocação poder provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se sucumbir, seu Espírito ficará perturbado e dificilmente responderá. Conclui-se daí que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre, seu Espírito pode vir ter com aquele que o chama, da mesma maneira que pode ir a outro lugar. Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e esta procura dormir para esse efeito, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, o sono não forçado é sempre preferível.

57. *Quando, nos momentos mais impróprios, sentimos irresistível vontade de dormir, isto não de deverá ao fato de estarmos sendo evocados em algum lugar?*

“Pode, sem dúvida, acontecer que assim seja. Porém, trata-se de mero efeito físico, seja porque o corpo tenha necessidade de repousar, seja porque o Espírito precise da sua liberdade.”

OBSERVAÇÃO – Uma senhora que conhecemos, médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada pela linguagem, pelas expressões habituais da criança e pela narração exatíssima de muitas coisas que lhe tinham acontecido no colégio, mas ainda uma circunstância veio confirmá-lo. De repente, a mão da médium para em meio de uma frase, sem que lhe seja possível obter coisa alguma. Nesse momento, a criança, meio despertada, virou-se várias vezes em sua cama. Alguns instantes depois, tendo novamente adormecido, a mão da médium começou a mover-se outra vez, continuando a conversa interrompida. A evocação das pessoas vivas, feita em boas condições, prova, da maneira menos contestável, a ação distinta do Espírito e do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Veja-se, na *Revista espírita* de 1860, muitos exemplos notáveis de evocação de pessoas

vivas.) ⁽²³⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Então, se conclui que a condição, para que um Espírito de uma pessoa viva possa se manifestar, se prende ao estado de consciência em que ela se encontra, quer dizer, se está desperta (entenda-se em vigília) ou dormindo.

A manifestação mais facilmente ocorrerá no estado de sono, que deve ser o preferível, pois *“é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda.”*

Novamente chamamos a sua atenção, caro leitor, ao que está no início da primeira observação de Kardec: *“Prova a experiência que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou, pelo menos, um torpor aproximado do sono.”*

E na segunda também temos algo que merece destaque. Trata-se do fato da médium interromper a psicografia no momento em que o Espírito da criança se encontrou *“meio desperta”*, porquanto, isso prova exatamente a necessidade do sono, para que a alma possa emancipar-se.

O segundo detalhe importante nessa análise,

23 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV, item 284, p. 314-315 e 319.

encontra-se na “Introdução” de *A Gênese*, quando Kardec explica:

Aliás, os leitores assíduos da *Revista Espírita* já devem ter notado, sem dúvida sob a forma de esboços, a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. Muitas vezes a *Revista* representa, para nós, um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como parte constitutiva da Doutrina. ⁽²⁴⁾ (grifo nosso)

As orientações do Codificador são claras e define a *Revista Espírita* como que um campo de ensaio destinado a “*sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina*”. Essa é a razão para que ela seja uma boa fonte de pesquisas; daí tomarmos muita coisa dela.

Na *Revista Espírita 1858*, mês de dezembro, do artigo “Das Aparições”, transcrevemos o seguinte trecho:

Os Espíritos podem aparecer seja em sonho, seja no estado de vigília. As aparições no estado de vigília não são nem raras nem novas; houve-as em todos os tempos; delas a

24 KARDEC, *A Gênese*, Introdução, p. 11-12.

história narra um grande número; mas, sem remontar tão alto, em nossos dias elas são muito frequentes, em muitas pessoas que as tiveram, à primeira vista, tomaram-nas pelo que se convencionou chamar de alucinações. São frequentes, sobretudo, nos casos de morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Frequentemente, elas não têm objetivo determinado, mas pode-se dizer que, em geral, os Espíritos que nos aparecem assim são seres atraídos a nós pela simpatia. Conhecemos uma jovem senhora que via, muito frequentemente, em sua casa, em seu quarto, com ou sem luz, homens que ali penetravam e dali se iam apesar das portas fechadas. Com isso estava muito atemorizada, e isso a tornara de uma pusilanimidade que se achava ridícula. Um dia, ela viu distintamente seu irmão, que estava na Califórnia, e que não estava morto de todo: prova que o Espírito dos vivos pode também transpor as distâncias e aparecer em um lugar ao passo que o corpo está alhures. Depois que essa senhora se iniciou no Espiritismo, não tem mais medo, porque tem consciência de suas visões, e sabe que os Espíritos que vêm visitá-la, não podem fazer-lhe mal. Quando seu irmão lhe apareceu, provavelmente estava adormecido; se ela entendesse a sua presença, poderia conversar com ele, e este último, em seu despertar, poderia disso conservar vaga lembrança. É provável, além disso, que nesse momento ele estivesse sonhando que estava perto de sua

irmã. ⁽²⁵⁾ (grifo nosso)

É certo que Kardec já tinha consciência da necessidade da emancipação da alma como condição para as manifestações ao dizer que “Quando seu irmão lhe apareceu, provavelmente estava adormecido”.

Na *Revista Espírita 1858*, mês de dezembro, no artigo “Fenômeno de bicorporeidade”, lemos:

Um dos membros da Sociedade nos comunica uma carta de um de seus amigos, de Bolognes-sur-Mer, na qual se lê a passagem seguinte. Essa carta está datada de 26 de julho de 1856.

“Meu filho, desde que o magnetizei, por ordens de nossos Espíritos, tornou-se um médium muito raro, pelo menos foi o que me revelou em seu estado sonambúlico, no qual o colocara a seu pedido, no dia 14 de maio último, e quatro ou cinco vezes depois.

“Para mim, está fora de dúvida que meu filho desperto conversa livremente com os Espíritos que deseja, por intermédio de seu guia, que chama familiarmente seu amigo; que, à sua vontade, transporta-se em Espírito para onde deseja, e disso vou citar-vos um fato, do qual tenho as provas escritas nas mãos.

“Há justamente um mês de hoje, estávamos os dois na sala de jantar. Eu lia o curso de magnetismo do senhor Du Potet, quando meu filho toma o livro e o folheia; chegado a um certo

25 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 323.

lugar, seu guia lhe disse ao ouvido: Leia isso. Era a aventura de um doutor da América, cujo Espírito visitara um amigo, a 15 ou 20 léguas dali, enquanto ele dormia. Depois de lê-lo, meu filho disse: Bem que gostaria de fazer uma pequena viagem semelhante. – Pois bem! Onde queres tu ir? disse-lhe seu guia. – A Londres, respondeu meu filho, ver meus amigos, e ele designou aqueles que queria visitar.

“Amanhã é domingo, respondeu-lhe; não estás obrigado a levantar cedo para trabalhar. Dormirás às oito horas e irás viajar a Londres até às oito e meia. Sexta-feira próxima, receberás uma carta de teus amigos, que te censurarão por permanecer tão pouco tempo com eles.

“Efetivamente, na manhã do dia seguinte, na hora indicada, ele adormeceu com um sono de chumbo; às oito e meia despertou, e não se lembrava de nada; de minha parte, não disse uma palavra, esperando a consequência.

“Na sexta-feira seguinte, [...] o carteiro veio entregar uma carta de Londres, na qual os amigos de meu filho lhe fazem uma censura por ter ido nessa cidade, no domingo precedente, e não ter ido vê-los, tendo uma pessoa de seu conhecimento o encontrado. Tenho a carta, como disse, que prova que não inventei nada.”

Contado o fato acima, um dos assistentes disse que a história narra vários fatos semelhantes. Citou Santo Alfonso de Liguori⁽²⁶⁾, que foi canonizado antes do tempo previsto

26 Vimos que, na maioria dos casos, seu nome aparece Afonso e

por haver-se mostrado, simultaneamente, em dois lugares diferentes, o que passou por um milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha, e no momento em que pregava, seu pai (em Pádua) ia ao suplício, acusado de uma morte. Nesse momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai, e faz conhecer o verdadeiro criminoso, que mais tarde sofreu o castigo. Foi constatado que Santo Antônio, no mesmo momento, pregava na Espanha.

Santo Alfonso de Liguori, tendo sido evocado, foram-lhe dirigidas as perguntas seguintes:

1. O fato pelo qual fostes canonizado é real? – R. Sim.

2. Esse fenômeno é excepcional? – R. Não; pode se apresentar em todos os indivíduos desmaterializados.

3. Era um motivo justo para vos canonizar? – R. Sim, uma vez que, pela minha virtude, havia me elevado a Deus; sem isso, não poderia me transportar a dois lugares ao mesmo tempo.

4. Todos os indivíduos, nos quais esses fenômenos se apresentam, merecem ser canonizados? – R. Não, porque nem todos são igualmente virtuosos.

5. Poderíeis dar-nos a explicação desse fenômeno? – Sim; o homem, quando está completamente desmaterializado pela sua

virtude, que elevou sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, eis como. O Espírito encarnado, sentindo chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar para um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiserdes chamá-lo, abandona então seu corpo, seguido de uma parte de seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo vizinho da morte, porque resta no corpo um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, e esse laço não pode ser definido. O corpo aparece, pois, no lugar pedido. Creio que é tudo o que desejais saber.

6. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito. – R. Achando-se o Espírito desligado da matéria, segundo seu grau de elevação, pode-se tornar tangível à matéria.

7. Entretanto, certas aparições tangíveis, de mãos e de outras partes do corpo, pertencem evidentemente a Espíritos de uma ordem inferior. – R. São os Espíritos superiores que se servem de Espíritos inferiores para provarem a coisa.

8. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares? – R. A alma pode se dividir quando se sente levada para um lugar diferente daquele onde se encontra o corpo.

9. Um homem, estando mergulhado no sono, ao passo que seu Espírito aparece alhures, que ocorreria se fosse despertado subitamente? – R. Isso não ocorreria porque se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito reentraria no corpo, e preveria a intenção, já que o Espírito lê

no pensamento.

[...].

Depois que essa comunicação nos foi dada, vários fatos do mesmo gênero, cuja fonte é autêntica, nos foram contados, e entre eles há muito recentes, que ocorreram, por assim dizer no nosso meio, e que se apresentaram com as circunstâncias mais singulares. As explicações, às quais deram lugar, alargaram singularmente o campo das observações psicológicas.

A questão dos homens duplos, relegada outrora entre os contos fantásticos, parece ter, assim, um fundo de verdade. A ela retornaremos brevemente. ⁽²⁷⁾ (grifo nosso)

No relato, observa-se que o guia do médium estabelece que ele durma por certo período de tempo, momento em que irá ser levado a Londres. Portanto, não há nenhuma dúvida de que algum estado alterado de consciência é necessário para que o Espírito de uma pessoa viva possa se manifestar em local longe do seu corpo.

A explicação do Espírito Santo Afonso de Liguori é um tanto quanto contraditória, pois ele afirmou que o Espírito se divide, quando, de fato, isso não ocorre, pois “o Espírito é indivisível” ⁽²⁸⁾

27 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 328-330.

28 Conforme resposta dos Espíritos à q. 137, que, mais à frente, transcreveremos.

Na *Revista Espírita 1859*, Kardec, no mês de fevereiro, no artigo “Os Agêneres”, faz referência a esse caso, dizendo o seguinte:

A história do jovem de Londres, relatada em nosso número de dezembro, é um fato de bicorporeidade, ou, melhor dizendo, de dupla presença, que difere essencialmente daquele de que tratamos. [...] O jovem de Londres estava perfeitamente vivo. Enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu Espírito, envolto pelo perispírito, foi a Londres, onde tomou uma aparência tangível. ⁽²⁹⁾ (grifo nosso)

Quando ocorreu a manifestação o corpo do agente dormia.

Ainda em fevereiro de 1859, podemos encontrar o artigo “Meu amigo Hermann”, em que dá notícia de uma publicação no folhetim do *Journal de Debates*, de uma história fantástica. Hermann dizia ter uma espécie de duas vidas, uma delas acontecia todas as noites, quando, ao pôr do Sol, sempre caía em sono profundo, só acordando ao amanhecer do outro dia. Condenado à morte, acabou por também “morrer” na sua outra vida, a que vivia durante o dia, em outro local. Kardec resume toda a história, mas o que, no momento, nos interessam são os dois últimos parágrafos de seus comentários:

29 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 40-41.

Toda essa história está contada com um imperturbável sangue frio e o tom mais sério; nada lhe falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Em presença de fenômenos estranhos, dos quais somos testemunhas, um fato dessa natureza poderia parecer, se não real, pelo menos possível, e se relacionar, até um certo ponto, com aqueles que citamos. Com efeito, não seria análoga à do jovem que dormia em Boulogne ao passo que, no mesmo instante, conversava em Londres com seus amigos? A de Santo Antônio de Pádua, que no mesmo dia pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida de seu pai, acusado de morte? À primeira vista pode-se dizer que, se esses últimos fatos são exatos, não é mais impossível que esse Hermann viveu na Austrália enquanto dormia na Alemanha e reciprocamente. Embora nossa opinião estivesse perfeitamente estabelecida a esse respeito, cremos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. **A esta pergunta: Os fatos narrados pelo Journal des Debats é real? Foi respondido: Não; é uma história de pura invenção, para divertir os leitores. - Se não é real, é possível? - R. Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes.**

Com efeito, na história de Boulogne, se bem que o jovem haja se mostrado em dois lugares diferentes, não havia, realmente, senão um corpo, em carne e osso, que estava em Boulogne; em Londres, não havia senão uma aparência do perispírito, tangível, é verdade, mas que não era o próprio corpo, o corpo mortal; não poderia

morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, segundo a história, tinha realmente dois corpos, uma vez que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, conduzido de frente duas existências, o que, segundo os Espíritos, não é possível. Os fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, se bem que bastante frequentes, são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, e não têm, jamais, um caráter de permanência, ao passo que o pretense Hermann era assim desde a sua infância. Mas a razão, a mais grave de todas, é a da diferença de caracteres; seguramente, se esses dois indivíduos não tiveram senão uma e a mesma alma, ela não poderia ser, alternativamente, a de um homem de bem e a de um bandido. O autor se funda, é verdade, sobre a influência do organismo; mas o lamentamos se tal é sua filosofia, e mais ainda se procura creditá-la, porque isso seria negar a responsabilidade dos atos; uma semelhante doutrina seria a negação de toda moral, uma vez que reduziria o homem ao estado de máquina. ⁽³⁰⁾
(grifo nosso)

Por ser indivisível, o Espírito jamais poderá animar dois corpos ao mesmo tempo, eis o que de importante sobressai dessa narrativa.

No mês de abril de 1859, Kardec transcreve uma poesia ditada pelo Espírito Alfred de Musset à senhora

30 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 45.

M***; logo após escreveu esta nota:

O médium que serviu de intérprete, não só é estranho às regras mais vulgares da poesia, mas jamais pôde fazer um único verso por si mesmo. Escreve-os com uma facilidade extraordinária sob o ditado dos Espíritos, e embora seja médium há pouco tempo, delas já possui uma coletânea numerosa, das mais interessantes. Nós as vimos, entre outras, encantadoras e oportunas, que lhe foram ditadas pelo Espírito de uma pessoa viva que evocou, e que habita a 200 léguas. Essa pessoa, quando está desperta, não é mais poeta que ele. ⁽³¹⁾ (grifo nosso)

Além do fato, de que, no momento da manifestação, a pessoa viva dormia, outra coisa surge do relato que é a possibilidade da pessoa viva acessar seu inconsciente e dele tirar conhecimentos de vidas anteriores, temporariamente “esquecidos”. O que não se deve deduzir, porém, é que, ao despertar, traga essas lembranças para o consciente.

Em maio de 1859, temos o artigo “O laço do Espírito e do corpo”, no qual se lê:

A senhora Schutz, uma de nossas amigas, que é perfeitamente deste mundo, e não parece dever deixá-lo tão cedo, tendo sido evocada durante seu sono, mais de uma vez, nos deu a

31 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 110.

prova da perspicácia de seu Espírito nesse estado. Um dia, ou melhor uma noite, depois de uma conversa bem longa, ela disse: Estou fatigada; tenho necessidade de repouso; eu durmo; meu corpo dele tem necessidade.

Sobre isso se lhe fez esta pergunta: Vosso corpo pode repousar; falando-vos, eu não o altero; é vosso Espírito que está aqui, e não o vosso corpo; podeis, pois, conversar comigo, sem que este sofra com isso. Ela respondeu:

“Estais errado crendo isso; meu Espírito se desliga bem pouco do meu corpo, mas é como um balão cativo retido por cordas. Quando o balão recebe os abalos ocasionais pelo vento, o poste que o mantém cativo sente a comoção dos abalos transmitidos pela amarração. Meu corpo está no lugar do poste, com a diferença que ele experimenta sensações desconhecidas ao poste, e que essas sensações cansam muito o cérebro; eis porque meu corpo, como meu Espírito, têm necessidade de repouso.”

Esta explicação, na qual nos declarou que, durante a vigília, ela não havia jamais sonhado, mostra perfeitamente as relações que existem entre o corpo e o Espírito, quando este último goza de uma parte de sua liberdade. Sabemos muito bem que a separação absoluta não ocorre senão depois da morte, e mesmo algum tempo depois da morte, mas essa ligação não nos fora pintada com uma imagem tão clara e tão surpreendente; também felicitamos sinceramente essa senhora por tanto espírito que

tinha enquanto dormia. ⁽³²⁾ (grifo nosso)

Novamente, mais um caso em que a pessoa viva estava dormindo. E o fato dela não se lembrar, significa que, no momento da sua manifestação, estava mesmo num estado alterado de consciência, no caso, o sono, pois se estivesse no estado de vigília, certamente, não haveria de esquecer.

Se nem o que lhe acontece no estado de emancipação a pessoa viva se recorda do que fez, como se lembraria do que lhe aconteceu em vidas passadas?

Do artigo “Mobiliário do além-túmulo”, publicado em agosto de 1859, transcrevemos este trecho:

“Eis um outro fato, que me é pessoal, e que me ocorreu nesse mesmo apartamento, no mês de maio de 1858; foi a aparição do Espírito de um vivo, que ficou muito espantado depois de ter me visitado; eis em que circunstância: Eu estava muito doente e não dormia há muito tempo, quando vi, às dez horas da noite, um amigo de minha família sentado perto da minha cama. Testemunhei-lhe minha surpresa pela sua visita a essa hora. Ele me disse: 'Não faleis, vim velar-vos; não faleis, é necessário que possais dormir;' e estendeu a sua mão sobre a minha fronte. Várias vezes reabri os olhos para ver se estava ali ainda, e cada vez me fazia sinal para fechá-los e calar-me. Ele rolava sua

32 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 127-128.

tabaqueira em seus dedos e, de tempo em tempo, tomava uma pitada, como tinha hábito de fazê-lo. Adormeci, enfim, e no meu despertar a visão havia desaparecido. Diferentes circunstâncias me deram a prova de que, no momento dessa visita inesperada eu estava perfeitamente desperto e que isso não fora um sonho. Em sua primeira visita, apressei-me em agradecer-lhe; ele levava a mesma tabaqueira, e escutando-me, tinha o mesmo sorriso de bondade que eu notara nele enquanto me velava. Como ele me afirmou que não viera, o que de resto não tive dificuldade em crer, porque não houvera nenhum motivo que pudesse convidá-lo a vir em semelhante hora e a passar a noite junto a mim, compreendi que só seu Espírito não se dera conta da visita, enquanto seu corpo repousava tranquilamente em sua casa.”⁽³³⁾
(grifo nosso)

A visita do amigo aconteceu às 10 horas da noite, o que nos leva a crer na enorme possibilidade dele, no momento de sua manifestação, estar dormindo. Isso é reforçado pelo fato da pessoa viva que se manifestou, afirmar que não teria ido visitar, o que, dificilmente, aconteceria se estivesse em vigília.

Na *Revista Espírita* 1860, mês janeiro, encontramos algo mais específico num artigo cujo título é “O Espírito de um lado e o corpo de outro – Conversa com o Espírito de uma pessoa viva”, no qual Kardec

33 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 197-199.

narra a evocação e o conseqüente diálogo que se estabeleceu quando da manifestação de uma pessoa viva, no caso, o Sr. Conde de R... C..., que antes havia se colocado à disposição para essa experiência. Vejamos o relato de Kardec, pois nele temos coisas a comentar:

 Nosso honorável colega, Sr. conde de R... C... nos dirigiu a seguinte carta, datada de 23 de novembro último:

 "Senhor Presidente,

 "Ouvi dizer que médicos, entusiastas de sua arte e desejosos de contribuir pelo progresso da ciência, tornando-se úteis à Humanidade, tinham, por testamento, legado seus corpos ao escalpelo das salas anatômicas. A experiência, à qual assisti, da evocação de uma pessoa viva (sessão da Sociedade do dia 14 de outubro de 1859) não me pareceu bastante instrutiva, porque se tratou de uma coisa muito pessoal: colocar em comunicação um pai vivo com a sua filha morta. Pensei que o que os médicos fizeram com relação ao corpo, um membro da Sociedade poderia fazê-lo com relação à alma, quando vivo, colocando-se à vossa disposição para uma experiência desse gênero. Poderíeis, talvez, preparando de antemão as perguntas que, nesta vez, nada teriam de pessoal, obter algumas luzes novas sobre o fato do isolamento da alma e do corpo. Aproveitando de uma indisposição que me retém em casa, venho oferecer-me como objeto de estudo, se vos aprouver. Sexta-feira próxima, pois, se não receber ordem contrária, deitar-

me-ei às nove horas, e penso que às nove e meia podereis me chamar, etc...”

Aproveitamos o oferecimento do Sr. conde de R... C... com tanto mais diligência, porque, colocando-se à nossa disposição, pensamos que seu Espírito se prestaria mais voluntariamente às nossas pesquisas; por outro lado, sua instrução, a superioridade de sua inteligência (o que, abrindo parênteses, não o impede de ser um excelente Espírita) e a experiência que adquiriu ao redor do mundo como capitão da marinha imperial, poderiam nos fazer esperar, de sua parte, uma apreciação mais sadia de seu estado: Nossa espera não foi enganada. Tivemos, conseqüentemente, com ele, as duas entrevistas seguintes, a primeira no dia 25 de novembro, e a segunda no dia 2 de dezembro de 1859. ⁽³⁴⁾ (grifo nosso)

Bem sintomática esta parte da fala do Conde de R... “Sexta-feira deitar-me-ei às nove horas, e penso que às nove e meia podereis me chamar”, ou seja, ele calculou um tempo de meia hora para dormir, quando então poderia ser evocado, comprovando, que essa era a condição para uma pessoa viva ser evocada.

Do diálogo que se deu na primeira manifestação ocorrida a 25 de novembro, citaremos, especificamente, as perguntas de 1 a 4, 8 e 21, para, dessa última, destacar a nota de Kardec que lhe segue:

34 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 11-12.

1. Evocação. – R. Estou aqui.

2. Tendes, neste momento, consciência do desejo que expressastes de ser evocado? – R. Perfeitamente.

3. Em que lugar vos achais aqui? – R. Entre vós e o médium.

4. Vede-nos tão claramente como quando assistíeis pessoalmente às nossas sessões? – R. Mais ou menos, mas um pouco velada; eu ainda não durmo bem.

8. O estado em que estais é semelhante ao de um sonâmbulo? – R. Não inteiramente; meu corpo dorme, quer dizer, está mais ou menos inerte; o sonâmbulo não dorme; suas faculdades orgânicas estão modificadas e não anuladas.

21. O estado atual de vosso corpo sente uma modificação fisiológica qualquer, em consequência da ausência do Espírito? – R. De nenhum modo; estou no estado que chamais o primeiro sono; sono pesado e profundo que todos experimentamos, e durante o qual nos afastamos do nosso corpo.

Nota. O sono, que não era completo no começo da evocação, se estabeleceu pouco a pouco, em consequência do próprio desligamento do Espírito que deixa o corpo num maior repouso. ⁽³⁵⁾ (grifo nosso)

Claro, fica que o desprendimento do Espírito provocou o sono, pois, como dito por Kardec, é “em

35 KARDEC, *Revista Espirita 1860*, p. 14.

consequência do próprio desligamento do Espírito que deixa o corpo num maior repouso”.

Vê-se que, da resposta sobre o lugar onde se acha, fica evidente que o Conde de R... C... estava ali, presente na reunião, em Espírito, o que confirma esta resposta dos Espíritos a Kardec (LE, q. 89-a.): “Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma que pensa.” (36)

Registramos a questão 32, por conta do comentário de Kardec que se segue a ela:

32. Vosso corpo sonha? – R. Não; é nisto, justamente, que ele não se cansa; a pessoa de quem falais experimentava, por seus órgãos, impressões que transmitiam ao Espírito; é isto que a fadiga; eu não sinto nada semelhante.

Nota. Ele fez alusão a uma pessoa de quem se falava neste momento, e que, numa situação semelhante, havia dito que seu corpo se cansava, e havia comparado seu Espírito a um balão cativo, cujos abalos sacudiram o poste que o retinha.

No dia seguinte o senhor de R... disse-nos ter sonhado que estivera na Sociedade entre nós e o médium; foi, evidentemente, uma lembrança da evocação. É provável que no momento da pergunta não sonhasse, uma vez que respondeu negativamente; ou talvez também,

e isto é o mais provável, o sonho não era senão uma lembrança da atividade do Espírito, não é, em realidade, o corpo que sonha, uma vez que o corpo não pensa. Portanto, pôde, e mesmo deve ter respondido negativamente, não sabendo se, uma vez desperto, seu Espírito se lembraria. Se seu corpo tivesse sonhado enquanto seu Espírito estava ausente, é que o Espírito teria tido uma dupla ação; ora, ele não poderia estar, ao mesmo tempo, na Sociedade e na sua casa. ⁽³⁷⁾ (grifo nosso)

O término do comentário de Kardec é importante para o nosso tema: “ele [o Espírito] não poderia estar ao mesmo tempo na Sociedade e na sua Casa”, não deixando dúvida alguma quanto ao fato de um Espírito estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Agora, vejamos esta outra resposta do Conde R... C..., a uma nova pergunta:

34. Tendes consciência de vossas existências precedentes? – Muito confusamente: está ainda aí uma diferença que esqueci; depois do desligamento completo, que se segue à morte, as lembranças são sempre mais precisas; atualmente são mais completas do que durante a vigília, mas não o bastante para poder especificá-las de um modo inteligível. ⁽³⁸⁾ (grifo nosso)

37 KARDEC, *Revista Espirita 1860*, p. 15.

38 KARDEC, *Revista Espirita 1860*, p. 15.

Acreditamos que aqui se tem os elementos para se ver a enorme dificuldade, ou quiçá mesmo da impossibilidade, do acesso total às suas vidas passadas para poder encenar uma delas no presente, quando em algum estado de emancipação da alma.

Apenas para registro, lembramos que na *Revista Espírita 1860*, há, sim, um relato onde uma pessoa viva diz se lembrar. Esse foi o único caso que encontramos em que uma pessoa viva se lembrou de uma vida passada, embora não haja informação se foi de toda a vida; portanto, é singular, pois se trata de “um jovem idiota de treze anos, vivo, e cujas faculdades intelectuais são de tal modo nulidade que não reconhece seus pais” (³⁹). Entendemos ser uma excepcionalidade, que não se deve generalizar para todas as pessoas vivas, já que, as informações que colhemos, não abrem campo para essa possibilidade.

É oportuno também trazermos um trecho da resposta à pergunta 431 de *O Livro dos Espíritos*, que trata do sonâmbulo:

[...] Que é, afinal, um sonâmbulo? Espírito, como nós, e que se encontra encarnado na matéria para cumprir a sua missão, despertando dessa letargia quando cai em estado sonambúlico. Já te temos dito, repetidamente,

39 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 173.

que vivemos muitas vezes. Esta mudança é que, ao sonâmbulo, como a qualquer Espírito ocasiona a perda material do que haja aprendido em precedente existência. Entrando no estado, a que chamamos *crise*, lembra-se do que sabe, mas sempre de modo incompleto. Sabe, mas não poderia dizer donde lhe vem o que sabe, nem como possui os conhecimentos que revela. Passada a crise, toda recordação se apaga e ele volve à obscuridade. ⁽⁴⁰⁾ (grifo nosso)

Vê-se, portanto, que, até mesmo no caso dos médiuns sonâmbulos, não é plena a lembrança.

E já que se falou em médium sonâmbulo, seria oportuno completemos com um trecho do item 455, de *O Livro dos Espíritos* intitulado “Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista”:

A emancipação da alma se verifica, às vezes, no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido pelo nome de *segunda vista*, que dá aos que possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir *além dos limites dos nossos sentidos*. Percebem as coisas ausentes por toda parte onde a alma possa estender a sua ação; veem, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo é sensivelmente modificado; o olho

40 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 218.

tem algo de vago; ele fita sem ver; toda a sua fisionomia reflete uma espécie de exaltação. [...]. ⁽⁴¹⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Aqui o fenômeno acontece em estado de vigília; porém, as condições da pessoa alteram-se de tal modo que, na prática, é “uma espécie de exaltação”, ou seja, não está nas condições normais de vigília, ou seja, em pleno estado de consciência, como ocorre “nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio ⁽⁴²⁾, onde a alma parece não estar mais preocupada com a Terra” ⁽⁴³⁾

Acrescentemos, ainda, a essa lista acima, mais esta última questão:

46-a. O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse à distância e, ao mesmo tempo que respondia verbalmente a outra pessoa?

– A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois lugares diferentes só pertence aos Espíritos completamente

41 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 227-228.

42 Devaneio é um estado de divagação do ser humano, quando se deixa levar pela imaginação, imagens, sonhos ou pensamentos profundos; ignorando o contato com a realidade ou o ambiente que o rodeia. (Fonte: <http://www.significados.com.br/devaneio/>)

43 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 336.

desprendidos da matéria. ⁽⁴⁴⁾ (grifo nosso)

O uso da expressão "*Espíritos completamente desprendidos da matéria*", só faz sentido se estiver referindo-se a Espíritos Superiores, em relação a nós habitantes da Terra. O advérbio "completamente" aplicar-se-ia aos Espíritos Puros, pois só eles estão nesse patamar.

Manifestar-se em dois lugares diferentes é o fenômeno próprio de Espíritos desencarnados, pois somente eles é que podem se manifestar em dois lugares, fato que ocorre pelo dom da ubiquidade, assunto tratado no item 282 - Perguntas sobre evocações:

30. *O Espírito evocado simultaneamente em muitos lugares pode responder ao mesmo tempo às perguntas que lhe são dirigidas?*

"Pode, se for Espírito elevado."

30-a. *Nesse caso, o Espírito se divide ou possui o dom da ubiquidade?*

"O Sol é um só e, no entanto, irradia ao seu redor, levando longe seus raios, sem se dividir. Do mesmo modo, os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito, tanto

44 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV, item 284, p. 316.

mais o seu pensamento *irradia* e se estende como a luz. Os Espíritos inferiores são mais materiais; não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem vir a um lugar, se são chamados em outro. Já um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, responderá a ambas as evocações, se as duas forem sérias e fervorosas. Em caso contrário, dará preferência à mais séria." (45)

O termo Espírito aqui empregado se refere aos desencarnados, é bom deixar isso claro.

Na *Revista Espírita 1860*, mês de março, Kardec relata, no artigo "Estudo sobre o Espírito de Pessoas Vivas", sua experiência com a evocação do Espírito dr. Vignal. Do diálogo transcreveremos apenas as questões que se relacionam ao nosso tema:

O senhor doutor Vignal, membro titular da Sociedade, tendo se oferecido para servir num estudo sobre uma pessoa viva, como isto ocorreu com o senhor conde R..., ele foi evocado na sessão de 3 de fevereiro de 1860.

1. (A São Luís.) Podemos evocar o senhor doutor Vignal? – R. Sem nenhum perigo, uma vez que para isso ele está preparado.

5. Em que lugar estais aqui? - R. Naturalmente no lugar que a minha ação necessita: à direita e um pouco atrás do médium.

45 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV, item 282, p. 311.

12. Podeis ver o vosso corpo dormindo? -
 R. Não daqui; vi-o deixando-o; deu-me vontade de rir. ⁽⁴⁶⁾ (grifo nosso)

A pergunta sobre se o Espírito dr. Vignal estava vendo o seu corpo dormindo, indica, claramente, que a concepção dos membros da Sociedade Espírita de Paris, era a de que seria necessário o sono, para que a alma pudesse se emancipar, para lograr sucesso na sua manifestação.

Passemos ao caso da Srta. Indermuhle, surda-muda de nascença, 32 anos, viva, residente em Berna, evocada na sessão de 10 de fevereiro de 1860. Da mesma forma, tomaremos o que interessa ao presente estudo:

1. (A São Luís.) Podemos entrar em comunicação com o Espírito da senhorita Indermuhle? – R. Vós o podeis.

2. Evocação. – R. Estou aqui, e o afirmo em nome de Deus.

3. Sabeis bem onde estais neste momento? - R. Perfeitamente; credes que disso não fui instruída?

4. Como ocorre que possais nos responder aqui, enquanto o vosso corpo está na Suíça? – R. Porque não é meu corpo que vos responde; de resto, ele está perfeitamente incapaz, vós o

46 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 81-82.

sabeis.

5. Que faz o vosso corpo neste momento?
– R. Ele dorme.

7. Quanto tempo gastastes para vir da Suíça até aqui? – R. Um tempo inapreciável para vós.

8. Vistes o caminho que percorrestes para vir aqui? – R. Não.

10. O que ocorreria se o vosso corpo viesse a despertar enquanto nos falais? – R. Ali eu estaria.

11. Há entre o vosso Espírito, que está aqui, e o vosso corpo que está lá embaixo, um laço qualquer? – R. Sim, sem isto quem me advertiria que devo nele reentrar? ⁽⁴⁷⁾ (grifo nosso)

À pergunta sobre o que fazia corpo do agente, não houve outra resposta senão a de que ele estava dormindo, como algo óbvio e esperado por todos. Interessante é que reconheceu que se o corpo despertasse enquanto falava seu Espírito ali estaria, ou seja, voltaria ao corpo.

Ainda na *Revista Espírita 1860*, mês de junho, temos o relato intitulado “O Espírito de um idiota”, cuja evocação aconteceu a 25 de maio de 1860.

Charles de Saint-G... é um jovem idiota de treze anos, vivo, e cujas faculdades intelectuais são de tal modo nulidade que não reconhece

47 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 88-89.

seus pais, e pode, com dificuldade, tomar ele mesmo seu alimento. Há nele parada completa do desenvolvimento de todo o sistema orgânico. Pensa-se que aí poderia estar um interessante assunto de estudo psicológico.

1. (A São Luís.) Quereis dizer-nos se podemos evocar o Espírito dessa criança? – R. Podeis evocá-lo como evocais o Espírito de um morto.

2. Vossa resposta nos faria supor que a evocação poderia dar-se a qualquer momento. – R. Sim; sua alma liga-se ao seu corpo por laços materiais, mas não por laços espirituais; ela pode sempre se desligar.

3. Evocação de Ch. de Saint-G... – R. Sou um pobre Espírito amarrado à Terra como um pássaro por uma pata.

5. Quando o vosso corpo dorme, e que o vosso Espírito se desliga, tendes as ideias tão lúcidas como se estivésseis num estado normal? – R. Quando meu infeliz corpo repousa, estou um pouco mais livre para elevar-me ao céu a que aspiro.

7. Lembrai-vos de vossa existência precedente? – R. Oh! Sim; foi a causa de meu exílio na presente.

8. Qual foi essa existência? – R. Um jovem libertino ao tempo de Henrique III.

13. Em vosso estado de vigília, tendes consciência do que se passa ao vosso redor, e isso apesar da imperfeição dos vossos órgãos? – R. Eu vejo, ouço, mas meu corpo não compreende nem vê nada.

Após finalizar esse caso, Kardec tece o seguinte comentário:

Ninguém desconhecerá o alto ensinamento moral que ressalta desta evocação. Ela confirma, por outro lado, o que sempre se disse sobre os idiotas. Sua nulidade moral não se prende à nulidade de seu Espírito que, abstração feita dos órgãos, goza de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos não é senão um obstáculo à livre manifestação das faculdades; ela não as aniquila. É o caso de um homem vigoroso cujos membros sejam comprimidos por laços. Sabe-se que, em certos países, os cretinos, longe de serem um objeto de desprezo, são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não se prenderia à intuição do verdadeiro estado desses infelizes, tanto mais dignos de considerações quanto seu Espírito, que compreende sua posição, deve sofrer por se ver o resto da sociedade? ⁽⁴⁸⁾ (grifo nosso)

Embora não tenha ficado muito clara o estado de consciência em que se encontrava, a pergunta, que lhe foi dirigida por alguém da Sociedade Espirita de Paris, inicia colocando a questão do sono: “Quando o vosso corpo dorme, e que o vosso Espírito se desliga”. Para nós, isso demonstra, claramente, que a ideia, que preponderava na Sociedade, era a da necessidade do sono para que ocorresse a comunicação.

48 KARDEC, *Revista Espirita 1860*, p. 173-174.

Kardec, em suas pesquisas com pessoas vivas, traz o artigo “Lembrança de uma existência anterior”, inserido na *Revista Espírita 1860*, mês de julho, Kardec relata que recebeu uma carta de um dos assistentes em que dava conta do caso do senhor V..., oficial da marinha, que teve a sensação de ter participado da Noite de São Bartolomeu. Vejamos o seu comentário:

O senhor V..., o autor desta carta, é oficial da marinha e atualmente em viagem. Poderia ser interessante ver se, evocando-o, confirmaria as suas lembranças, mas haveria a impossibilidade de preveni-lo quanto à nossa intenção, e por outro lado, em razão de seu estado, poderia ser difícil encontrar um momento propício. Todavia, nos foi dito para chamar o seu anjo guardião quando quiséssemos evocá-lo, e que ele nos diria se poderíamos fazê-lo. ⁽⁴⁹⁾ (grifo nosso)

“Um momento propício”, certamente, não seria em estado de vigília, essa é a razão desse comentário de Kardec.

Continuando a transcrição do artigo, com o relato do diálogo que se estabeleceu:

1. Evocação do anjo guardião do senhor V... –
R. Atendo ao vosso chamado.

49 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 206.

2. Conheceis o motivo que nos faz desejar evocar o vosso protegido; trata-se, não de satisfazer uma vã curiosidade, mas de constatar, se isso for possível, um fato interessante para a ciência espírita, o da lembrança de sua precedente existência. – R. Compreendo o vosso desejo, mas no momento seu Espírito não está livre, está ocupado ativamente pelo seu corpo e numa inquietação moral que o impede de estar em repouso. ⁽⁵⁰⁾ (grifo nosso)

A impossibilidade da manifestação do Senhor V... prendeu-se justamente ao fato dele estar em estado de vigília, corroborando o que nós estamos descobrindo sobre o tema, quanto à necessidade da pessoa viva evocada estar em sono ou êxtase.

No mês de agosto 1860, encontramos o relato da ata dos trabalhos da sessão de 12 de julho, realizada na Sociedade de Paris, do qual destacamos o item seguinte:

4º O senhor Allan Kardec deu conta de um outro fato, muito bizarro, que lhe foi relatado no ano passado por um visitante do qual não se lembra nem o nome e nem o endereço, e à fonte do qual, conseqüentemente, não pôde remontar para verificá-lo. Eis do que se trata:

Um médico crente e um de seus amigos que não acreditava em nada, conversavam juntos sobre o Espiritismo; o primeiro disse ao outro: "Vou tentar uma prova; ignoro se ela terá êxito;

50 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 207.

em todo caso, não respondo por nada. Designai-me uma pessoa viva que vos seja muito simpática." Tendo o amigo indicado uma jovem que mora numa cidade longínqua, e que era igualmente conhecida do médico, este lhe disse: "Ide passear no jardim, e observai o que se passará; e eu vos repito que é uma experiência que tento e que pode nada produzir." Durante o passeio de seu amigo, ele evocou a jovem; ao cabo de um quarto de hora, o amigo entrou e disse: "Acabo de ver essa pessoa; estava vestida de branco, aproximou-se de mim, apertou-me a mão, depois desapareceu; mas o que é bem singular é que ela deixou-me o anel que aqui está." O médico mandou imediatamente, ao pai da jovem, um despacho telegráfico assim concebido: "Não me pergunteis; mas respondi-me imediatamente, e disse-me o que fazia a vossa filha às três horas e como estava vestida." A resposta foi esta: "Às três horas, minha filha estava sentada no salão comigo; tinha uma roupa branca; ela dormiu durante 15 a 20 minutos; mas, ao despertar, percebeu que não tinha mais o anel que carrega habitualmente."

Uma discussão se estabeleceu sobre esse fato, do qual se examinaram os diferentes graus de probabilidade e de improbabilidade. Interrogado a esse respeito, São Luís respondeu: O fato da aparição é possível; o do transporte não o é quase nada pelo perispírito de uma pessoa viva. Certamente, a Deus tudo é possível, mas não permite essas coisas senão muito raramente: um Espírito desligado pode fazer esses transportes mais facilmente. Quanto a vos

dizer se o fato é verdadeiro, eu o ignoro.

Nota. Sendo este relato publicado, se cair, por acaso, sob os olhos da pessoa que o reportou, ser-lhe-á reconhecido, se consentir dar alguns esclarecimentos a esse respeito. ⁽⁵¹⁾ (grifo nosso)

A confirmação de que, no momento em que a jovem se manifestou, ela dormiu por uns 15 a 20 minutos, vem comprovar tudo quanto estamos apresentando no presente estudo, sobre a necessidade do corpo estar num dos estados alterados de consciência.

Em novembro de 1860, encontramos o artigo intitulado “Maria d'Agreda – fenômeno de bicorporeidade” (sic). Como o artigo é bem longo, também faremos aqui alguns cortes, visando torná-lo um pouco menor:

Encontramos, em resumo histórico que acaba de ser publicado sobre a vida de *Maria de Jesus d'Agreda*, um fato notável de bicorporeidade, que prova que esses fenômenos são perfeitamente aceitos. [...].

Maria de Jesus nascida em Agreda, cidade de Castela, dia 2 de abril de 1602, de pais nobres e uma virtude exemplar. Muito jovem ainda, ela se tornou superiora de um monastério da Immaculée-Conception de Maria, onde morreu

51 KARDEC, *Revista Espirita 1860*, p. 230-231.

em odor de santidade. Eis o relato que se encontra em sua biografia:

"Qualquer desejo que tenhamos de resumir, não podemos dispensar de falar aqui do papel completamente excepcional de missionária e apóstolo, que Maria d'Agreda exerceu no Novo México. [...].

"Tendo o senhor, um dia, a arrebatado em êxtase no momento em que ela orava insistentemente pela salvação dessas almas, Maria d'Agreda se sentiu, de repente, transportada para uma região longínqua e desconhecida, sem saber como, ela se encontrou, então, num clima que não era mais o de Castela, e se sentiu sob os raios de um Sol mais ardente que comumente. Homens de uma raça que jamais ela encontrara, estavam diante dela, e Deus lhe ordenou então satisfazer os seus caridosos desejos, e pregar a lei e a fé santa a esse povo. A estática d'Agreda obedeceu a essa ordem. Ela pregou a esses índios em sua língua espanhola, e esses infiéis a entendiam como se lhes falasse em sua língua natural. Conversões em grande número se seguiram. Retornando desse êxtase, essa santa filha se achava no mesmo lugar onde estava no começo do arrebatamento. Não foi uma única vez que Maria de Jesus cumpriu esse papel maravilhoso de missionária e de apóstolo junto dos habitantes do Novo México. O primeiro êxtase que ela teve desse gênero, ocorreu-lhe em torno de 1622; mas foi seguido de mais de quinhentos êxtases do mesmo gênero, e durante mais ou menos oito anos. Maria d'Agreda se encontrava sem cessar

nesse mesmo país para ali continuar a sua obra de apóstolo. Parecia-lhe que o número de convertidos aumentara prodigiosamente, e que uma nação inteira, o rei à frente, resolvera abraçar a fé em Jesus Cristo.

"[...] Ela via ao mesmo tempo, mas a uma grande distância, os franciscanos espanhóis, que trabalhavam na conversão desse novo mundo, mas que ignoravam ainda até a existência desse povo que ela convertera. Essa consideração levou-a a aconselhar, a esses índios, para enviarem alguns dentre eles até esses missionários, a fim de pedir-lhes para virem conceder-lhes o batismo. Foi por esse meio que a Divina Providência quis dar uma demonstração brilhante do bem que Maria d'Agreda fizera no Novo México, pela sua pregação extática.

"Um dia, os missionários franciscanos, que Maria d'Agreda vira em Espírito, mas a uma grande distância, se viram abordados por um bando de índios, de uma raça que não tinham ainda encontrado em suas excursões. Estes se anunciam como os enviados de sua nação, pedem a graça do batismo com grandes instâncias. Surpresos com a visão desses índios e mais espantados ainda dos pedidos que lhes faziam, os missionários trataram de saber a causa. Os enviados responderam: que há um tempo bem longo, uma mulher aparecera em seu país anunciando a lei de Jesus Cristo. Acrescentaram que essa mulher desaparecia no momento, sem que se pudesse descobrir o lugar de sua retirada; que foi ela que lhes fizera conhecer o verdadeiro Deus e que lhes

aconselhara para irem junto aos missionários, a fim de obter, para toda a sua nação, a graça do sacramento que redime os pecados e faz os filhos de Deus. A surpresa dos missionários aumentou bem mais quando, tendo interrogado esses índios, sobre os mistérios da fé, os encontraram perfeitamente instruídos de tudo o que era necessário para a salvação. [...].

[...].

“Antes de deixar a cidade de Agreda, Benavides quis redigir uma declaração de tudo o que constataria, seja na América, seja em Agreda, em suas conversas com a serva de Deus. Expressou, nessa peça, sua convicção pessoal quanto à maneira pela qual essa ação de Maria de Jesus se fizera sentir aos Índios. Ele inclinava-se a crer que essa ação fora corpórea, sobre essa questão, a humilde religiosa guardou sempre uma grande reserva. Apesar de mil indícios que faziam Benavides concluir, o que concluía antes o confessor da serva de Deus, indícios que pareciam acusar uma mudança corpórea de lugar, Maria d'Agreda persistia sempre em crer que tudo se passava em Espírito; ainda estava ela em sua humildade, fortemente tentada a pensar que esse fenômeno podia bem não ser senão uma alucinação, embora inocente e involuntária de sua parte. Mas seu diretor, que conhecia o fundo das coisas, acreditou poder pensar que a religiosa era corporalmente transportada, em seus êxtases, aos lugares de seus trabalhos evangélicos. Motivava a sua opinião sobre a impressão física que a mudança de clima fazia Maria d'Agreda sentir, sobre a longa seqüência de seus trabalhos

entre os índios, e sobre o conselho de várias doudas personagens que crera dever consultar em segredo. Qualquer que ele seja, o fato permanece sempre como um dos mais maravilhosos dos quais se falou nos anais dos santos, e é muito próprio para dar uma ideia verdadeira, não só das comunicações divinas que Maria d'Agreda recebia, mas também de sua candura e de sua amável sinceridade." (52) (grifo nosso)

Observa-se que, na narrativa desse caso histórico, é dito que a religiosa espanhola Maria d'Agreda (1602-1665), foi arrebatada em êxtase. No relato também a designam de "extática", e nele ainda se informa sobre a ocorrência de seus vários êxtases. Portanto, entrava em estado alterado de consciência quando os fenômenos aconteciam.

Na *Revista Espírita 1861*, mês de fevereiro, no tópico "Perguntas e problemas diversos", temos duas respostas de S. Luís; a que nos interessa é a primeira:

1. Num mundo superior, como Júpiter ou outro, o Espírito encarnado tem a lembrança de suas existências passadas, como no estado errante? - R. Não; do momento em que o Espírito reveste um envoltório material, ele perde a lembrança de suas existências anteriores.

– Entretanto, o envoltório corpóreo em Júpiter

é muito pouco material, e, por essa razão, o Espírito não é mais livre? – R. Sim, mas ele é o bastante para apagar, no Espírito, a lembrança do passado.

– Então os Espíritos que habitam Júpiter e que se comunicaram conosco se encontravam, naqueles momentos, num estado de sono? - R. Certamente. Naquele mundo, o Espírito sendo muito mais elevado compreende bem melhor Deus e o Universo; mas o seu passado é apagado no mesmo instante, porque tudo isso obscureceria a sua inteligência; ele não se compreenderia mais assim mesmo. [...]. ⁽⁵³⁾ (grifo nosso)

Se até um Espírito evoluído habitante de Júpiter, para se manifestar a nós tem que estar num estado de sono, ou seja, estado alterado de consciência, significa dizer que não poderia se manifestar em estado de vigília, bem simples, não?

No mês de julho 1861, foi publicado o artigo “Uma Aparição Providencial”, que transcrevemos:

Leu-se no *Oxford Chronicle* de 1º de junho de 1861:

“Em 1828, um navio que fazia as viagens de Liverpool a New Brunswick tinha por imediato um Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos de Newfoundland, o capitão e o imediato calcularam em um dia sua rota, o primeiro em sua cabine e o

53 KARDEC, *Revista Espirita 1861*, p. 57-58.

segundo no quarto ao lado; as duas peças estavam dispostas de maneira que se podia ver e se falar de uma para a outra. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão subiu para a ponte; sem olhar, disse-lhe: Eu encontro tal longitude; como é a vossa? Não recebendo resposta, repetiu sua pergunta, mas inutilmente. Ele avança então para a cabine e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo sobre a sua ardósia. O indivíduo se voltou, olhou Bruce fixamente, e este, terrificado, se lançou para a ponte. – Capitão, disse ele quando encontrou este último, quem pois está na vossa escrivania neste momento em vossa cabine? – Mas ninguém, eu presumo. – Eu vos certifico que há um estranho. – Um estranho! Sonhais, senhor Bruce; quem ousaria se meter em meu gabinete sem minhas ordens? Talvez vistes o contramestre ou o intendente. – Senhor, é um homem sentado em vossa poltrona e que escreve sobre a vossa ardósia. Ele me olhou na face, e o vi distintamente ou jamais vi ninguém neste mundo. – Ele! Quem? – Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, não vi em outra parte. – Tornastes-vos louco, senhor Bruce; um estranho! E eis seis semanas que estamos no mar. – Eu o sei, e, entretanto, eu o vi. – Pois bem! Ide ver quem é. – Capitão, sabeis que não sou poltrão; não creio em fantasmas; entretanto, confesso que não desejo vê-lo sozinho em frente; gostaria que para ali fôssemos os dois. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. – Vedes bem, disse ele, que sonhastes. – Não sei como isso ocorreu, mas vos juro que estava ali há pouco e que escrevia sobre a vossa ardósia. –

Nesse caso ali deve haver alguma coisa escrita. Ele tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi ao nordeste*. Tendo feito escrever essas mesmas palavras por Bruce, e por todos os homens da tripulação que sabiam escrever, constatou que a escrita não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não se descobriu nenhum estranho. O capitão, tendo consultado para saber se deveria seguir esse aviso misterioso, decidiu-se a mudar a direção e navegou para o nordeste, depois de colocar na vigia um homem seguro. Pelas três horas um pedaço de gelo foi assinalado, depois um navio desmastrado sobre o qual se viam vários homens. Chegando mais perto, soube-se que o navio havia rompido, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram embarcações para recolhê-los; mas, no momento em que chegavam a bordo, o Sr. Bruce, com grande estupefação, reconheceu entre os náufragos o homem que vira na cabine do capitão. Logo que a confusão se acalmou e que o navio retomou a sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: – Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia sobre a vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar; ei-lo; eu o jurarei diante da justiça.

“O capitão indo até esse homem, convidou-o a descer em sua cabine e pediu-lhe para escrever sobre a ardósia, do lado oposto àquele onde se encontrava a escrita misteriosa: *Dirigi ao nordeste*. O passageiro, intrigado com esta pergunta, não se conformou de nenhum modo

com isso. O capitão, tendo pegado a ardósia, virou-a sem disfarçar, e mostrando ao passageiro as palavras escritas precedentemente, disse-lhe: – Está bem aí a vossa escrita? – Sem dúvida, uma vez que acabo de escrever diante de vós. – E esta? acrescentou ele mostrando-lhe o outro lado. – Também esta é minha escrita; mas não sei como ela se fez, porque não escrevi senão de um lado. – Meu imediato, que aqui está, pretende vos ter visto hoje, ao meio-dia, sentado diante desta escrivantina e escrevendo estas palavras. – É impossível, uma vez que não me conduziram sobre este navio senão há um instante.

“O capitão do navio naufragado, perguntado sobre esse homem, e sobre o que poderia ter se passado de extraordinário nele na manhã, respondeu: – Eu não o conheço senão como um de meus passageiros; mas um pouco antes do meio-dia, ele caiu num sono profundo do qual não saiu senão depois de uma hora. Durante seu sono, ele expressou a confiança de que seríamos logo libertados, dizendo que se via a bordo de um navio do qual ele descreveu a espécie e os petrechos, em tudo conforme com aquilo que vimos alguns instantes depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava nem de ter sonhado, nem de ter escrito o que quer que seja, mas somente que tinha conservado do sonho um pressentimento do qual não se dava conta, de que um navio vinha em seu socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo que está sobre este navio me parece familiar, e, todavia, estou muito seguro de nunca aqui ter vindo. Lá em

cima o senhor Bruce contou-lhe as circunstâncias da aparição que tivera, e concluíram que esse fato fora providencial.”

Esta história é perfeitamente autêntica; o senhor Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que a narrou igualmente em sua obra, cercou-se de todos os documentos que podem constatar-lhe a veracidade. Perguntamos se ela tem algum caráter da alucinação? [...].

Esse fato, para os Espíritas, nada tem de extraordinário, porque disso eles se dão conta; aos olhos dos ignorantes parecerá sobrenatural, maravilhoso; para quem conhece a teoria do perispírito, da emancipação da alma entre os vivos, ele não sai das leis da Natureza. [...]. ⁽⁵⁴⁾
(grifo nosso)

Dentre várias, que estamos apresentando, temos aqui outra manifestação ocorrida, quando a pessoa viva estava dormindo.

Da *Revista Espírita* 1862, mês de novembro, temos um artigo intitulado “Os mistérios da Torre Saint-Michel de Bordeaux”, em que se relata a manifestação, na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, que tinha como protetor João Batista, do Espírito Guillaume Remone, que supunham ter sido enterrado vivo, cujo corpo estava nessa Torre.

54 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 199-201.

Evocado esse Espírito, com o qual se estabeleceu um diálogo, no meio do intercâmbio surge a ideia de evocar o Espírito de sua esposa. Eis um trecho interessante, sobre a evocação da Senhora Remone, em 12 de agosto, para confirmarmos as condições necessárias para que o espírito de pessoa viva possa se manifestar.

33. (A São João.) Poderíamos evocar o Espírito da senhora de G. Remone? – R. Não; ela está encarnada.

34. Sobre a Terra? – R. Sim.

35. Se não podemos evocá-la como Espírito errante, não poderíamos fazê-lo como encarnado, e não poderíeis nos dizer quando ela dormirá? – Podeis fazê-lo neste momento, porque as noites para esse Espírito são os dias para vós. ⁽⁵⁵⁾ (grifo nosso)

54. Agora que conhecemos as provas desse Espírito, se nós o evocássemos, de tempo em tempo, durante seu sono, nos dias de sua infelicidade, não poderíamos lhe dar alguns conselhos para levantar sua coragem e pôr sua esperança em Deus; isto influenciaria as resoluções que poderia tomar no estado de vigília? – R. Muito pouco; essa jovem já tem uma imaginação de fogo e uma cabeça de ferro.

55. Dissestes que, no país em que ela reside, as noites são os nossos dias; ora, entre Havana

55 KARDEC, *Revista Espirita* 1862, p. 329.

e Saint-Jean d'Angély, não há senão uma diferença de cinco horas e meia; como era aqui duas horas no momento da evocação, deveria ser em Havana oito horas e meia da manhã? – R. Enfim, ela dormitava no momento em que a evocastes, ao passo que há muito tempo estáveis despertos. Dorme-se tarde nestes países quando se é rico e não se tem nada a fazer. ⁽⁵⁶⁾ (grifo nosso)

Temos, portanto, a confirmação da necessidade de que a pessoa viva esteja dormindo para que seu Espírito possa se emancipar e daí se manifestar.

Na nota de Kardec ao último item, encontramos informação curiosa:

[...] Se na vida exterior de relação, o Espírito encarnado não se lembra de seu passado, liberto, durante o repouso do corpo, ele se lembra. Não há, pois, solução de continuidade na vida do Espírito, que, nesses momentos de emancipação, pode lançar um olhar retrospectivo sobre suas existências anteriores, e delas trazer uma intuição que pode dirigi-lo no estado de vigília. ⁽⁵⁷⁾ (grifo nosso)

Quando em liberdade, o Espírito pode se lembrar de outras existências; entretanto, ao assumir novamente o corpo, o que se lembrou surge como uma

56 KARDEC, *Revista Espirita* 1862, p. 330.

57 KARDEC, *Revista Espirita* 1862, p. 330.

intuição, que poderá direcioná-lo na sua vida de relação.

Seguindo a nossa leitura, vejamos esta outra questão:

45. *Ao ser evocado, o Espírito da pessoa viva responde ele como Espírito ou com as ideias que tem no estado de vigília?*

“Depende da sua elevação; porém, sempre julga com mais ponderação e tem menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos. É um estado quase semelhante.”⁽⁵⁸⁾

A situação, que aqui se apresenta, é a de um Espírito evocado; nada foi tido de livre manifestação para todos os Espíritos, entendendo-se acesso a todo o seu conhecimento ao longo das reencarnações, que ficará condicionado à sua elevação espiritual.

Entendemos que, pelo fato dele responder como Espírito, não significa, necessariamente, que possa assumir a sua personalidade anterior. É bom vermos, na *Revista Espírita 1861*, esta explicação de Kardec sobre um médium que falava na terceira pessoa do feminino:

Entre os fatos citados, há um que parece bastante bizarro; é o do militar que falava na terceira pessoa do feminino, é a distinção das duas personalidades em consequência do desligamento do Espírito; mas há um outro, que o

58 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 316.

Espiritismo nos revela, e do qual é preciso ter conta, porque pode dar às ideias um caráter particular: é a vaga lembrança das existências anteriores que, no estado de emancipação da alma, pode despertar, e permitir lançar um golpe de vista retrospectivo sobre alguns pontos do passado. Em tais condições, o desligamento da alma jamais é completo, e as ideias, se ressentindo do enfraquecimento dos órgãos, não podem estar muito lúcidas, uma vez que não o são mesmo inteiramente nos primeiros instantes que seguem à morte. [...]. (59) (grifo nosso)

Pelo exposto, pode-se aceitar que, na emancipação da alma, o encarnado pode ter vaga lembrança das existências anteriores o que é bem diferente de conseguir ter acesso pleno a uma de suas vidas anteriores, e agir como um de seus personagens.

Da *Revista Espírita 1863*, mês janeiro, trazemos do artigo “Identidade de um Espírito encarnado”:

Nosso colega, Sr. Delanne, estando em viagem, nos transmite o relato seguinte da evocação que fez do Espírito de sua mulher, viva, que ficou em Paris.

...Em 11 de dezembro último, estando em Lille, evoquei o Espírito de minha mulher as onze e meia da noite; ela me informou que uma de suas parentas estava, por acaso, deitada com

59 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 227-228.

ela. Este fato me deixou dúvidas, não o crendo possível, quando, dois dias depois, recebi dela uma carta constatando a realidade da coisa. Envio-vos nossa conversa, embora não haja nada de particular, mas porque oferece uma prova evidente de identidade.

1. Pergunta. Estás aqui, querida amiga? – Resposta. Sim, meu gordo. (É seu termo favorito.)

2. Vês os objetos que me cercam? – R. Vejo-os bem. Estou feliz por estar perto de ti. Espero que estejas bem abrigado! (Eram onze horas e meia; chegara de Arras; nada de fogo no quarto; estava envolvido com meu manto de viagem e não tinha mesmo tirado meu cachênê.)

3. Estás contente por vir sem teu corpo? – R. Sim, meu amigo; disso te agradeço. Tenho meu corpo fluídico, meu perispírito.

4. És tu que me faz escrever, e onde estás? – R. Junto de ti; certamente tua mão tem muito do mal a ceder.

5. Estás bem adormecida? – R. Não, ainda não muito bem.

6. Teu corpo te retém? – R. Sim, eu sinto que me retém. Meu corpo está um pouco doente, mas meu Espírito não sofre.

15. Comunicas-te comigo por intuição ou mecanicamente? – R. Toco mais particularmente sobre teu cérebro, que é próprio para receber mais facilmente, mas, apesar disso, dirijo tua mão ao mesmo tempo.

18. Queres que evoque meu anjo guardião para controlar tua identidade? Isto te incomodará?

– R. Podes fazê-lo.

19. (Ao meu anjo guardião.) É bem o Espírito de minha mulher que acaba de me falar? – R. É tua mulher quem te fala e que está satisfeita em ver-te.

20. (À minha mulher.) Viste meu anjo guardião? – R Sim, é resplandecente de luz; não fez senão aparecer e desaparecer.

[...].

Nota. Se esse controle tivesse se limitado à resposta do anjo guardião, teria sido inteiramente insuficiente, porque seria preciso controlar, a seu turno, a identidade do anjo guardião, do qual um Espírito enganador teria podido, perfeitamente, usurpar o nome. Nada há, em sua simples afirmação, que revele sua qualidade. Em semelhante caso, é sempre preferível fazer o controle por um médium estranho, que não estaria sob a mesma influência; evocar por si mesmo um Espírito, para ele controlar um outro, não oferece sempre uma garantia suficiente, sobretudo pedindo-se a permissão àquele de que se suspeita. Na circunstância da qual se trata, nela encontramos uma descrição que o Espírito dá do anjo guardião; um Espírito enganador não teria podido tomar esse aspecto celeste; reconhece-se, aliás, em todas essas respostas, um caráter de verdade que não poderia simular a fraude. ⁽⁶⁰⁾ (grifo nosso)

Sra. Delanne, cuja evocação foi realizada às onze

e meia da noite, diz não estar ainda bem adormecida; porém, diz que o seu Espírito estava junto ao do filho, que a evocava. Ora, se o Espírito dela estava ali junto ao filho, não tem como estar, ao mesmo tempo, “acoplado” a seu corpo, pois onde está a consciência estará o Espírito.

Na *Revista Espírita 1864*, mês de outubro, no artigo “O sexto sentido e a visão espiritual” há este trecho bem interessante:

[...] Em resumo: a visão espiritual é um dos atributos do Espírito, e constitui uma das percepções do sentido espiritual; é por consequência uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, por consequência, as percepções do sentido espiritual.

No estado de vigília, essas percepções geralmente são vagas, difusas, às vezes mesmo insensíveis e inapreciáveis, porque são amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. No entanto, pode-se dizer que toda percepção extracorpórea é devida à ação do sentido espiritual que, nesse caso, supera a resistência da matéria.

No estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase, e mesmo no de sono comum, estando os sentidos corpóreos momentaneamente entorpecidos, o sentido

espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendendo a entorpecer os sentidos corpóreos, provoca, por isso mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erros, pela razão de que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos avançado, e, por consequência, mais ou menos apto a julgar sadiamente as coisas e a compreendê-las, e que está ainda sob a influência da matéria. ⁽⁶¹⁾ (grifo nosso)

Ou seja, o corpo físico, de certa forma, oferece obstáculo à manifestação do Espírito encarnado, que só consegue uma maior desenvoltura quando emancipado do corpo.

Na *Revista Espírita 1865*, mês de janeiro, no artigo intitulado “Evocação de um surdo-mudo encarnado” temos um dos casos mais interessantes, pois o Espírito da pessoa viva evocado estava presente no mesmo local que o médium, o Sr. Rui, que o evocara. Vejamos o relato:

O Sr. Rui, membro da Sociedade de Paris, nos transmite o fato seguinte:

"Conheci, disse ele, em 1862, um jovem surdo-mudo de doze a treze anos, e, desejoso de fazer uma observação, pedi aos meus guias

61 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 298.

protetores se me seria possível evocá-lo. Tendo a resposta sido afirmativa, fiz vir essa criança em meu quarto, e a instalei em uma poltrona, em companhia de um prato de uva, que se pôs a debulhar com pressa. Coloquei-me, de minha parte, numa mesa; pedi, e fiz a evocação, como de hábito, ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu, e escrevi: Eis-me.

"Eu olhei o menino: Ele estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, o prato sobre os joelhos, e tinha parado de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. Onde estás neste momento? – *R.* Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. Queres me dizer por que és surdo-mudo de nascença? – *R.* É uma expiação de meus crimes passados.

P. Quais crimes, pois, cometeste? – *R.* Fui parricida.

P. Podes me dizer se tua mãe, *que amas tão ternamente*, não teria sido, seja como teu pai ou tua mãe na existência da qual falas, o objeto do crime que cometeste?

"Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levei de novo os olhos sobre o menino; ele acabava de despertar, e comia avidamente suas uvas. Tendo então pedido aos meus guias explicar-me o que acabara de se passar, me foi respondido:

"Ele te deu as informações que desejas, e Deus não permitiu que te desse as outras."

Vejamos o que Kardec coloca em nota:

Nota. – Faremos, de nosso lado, uma outra observação sobre este assunto. A prova da identidade resulta aqui do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento do despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. [...].
(47) (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Esse é o caso que, para nós, liquidaria de vez a questão, demonstrando que uma pessoa viva se for evocada, estando em estado de vigília, acabará por dormir. Observe, caro leitor, que o médium sr. Rui fez o devido controle tanto no início da comunicação, quando o surdo-mudo adormeceu, quanto no final, no momento que acordou sem ter respondido à sua última questão.

Na *Revista Espírita 1866*, mês de janeiro, encontramos o artigo “A jovem cataléptica de Souabe”, do qual transcrevemos:

Durante a vida exterior de relação, o corpo tem necessidade de sua alma ou Espírito por guia, a fim de dirigi-lo no mundo; mas nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se liberta, sem no entanto deixar de estar-lhe presa por um laço fluídico que a chama desde que a necessidade de sua presença se faça sentir; nesses momentos ela recobra em parte a liberdade de agir e de pensar da qual não gozará completamente senão depois da morte do corpo, quando dele estará completamente

separada. Essa situação foi espiritualmente e muito veridicamente descrita pelo Espírito de uma pessoa viva, que se comparava a um balão cativo, e por um outro, o Espírito de um idiota vivo que dizia ser como um pássaro preso pelo pé. (*Revista Espírita*, junho de 1860, p. 173.)

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma*, ocorre normalmente e periodicamente durante o sono; só o corpo repousa para recuperar suas perdas materiais; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita esse descanso para se transportar onde quer. Além disto, ocorre excepcionalmente todas as vezes que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção; é o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo. O desligamento ou, querendo-se, a liberdade da alma é tanto maior quanto a inércia do corpo é mais absoluta; é por esta razão que o fenômeno adquire o seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. Neste estado, a alma não percebe mais pelos sentidos materiais mas, podendo-se exprimir-se assim, pelos sentidos psíquicos; é porque suas percepções ultrapassam os limites comuns; seu pensamento age sem o intermédio do cérebro, é por isto que ela desdobra as faculdades mais transcendentais do que no estado normal. Tal é a situação da jovem B...; também disse ela com razão que “quando passa da vida comum a esse modo de vida superior, parece-lhe que um véu espesso cai de seus olhos.” Tal é também a

causa do fenômeno da segunda vista, que não é outro senão a visão direta pela alma; da visão à distância, que resulta no transporte da alma ao lugar que ela descreve; da lucidez sonambúlica, etc.) (⁶²) (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Relata os estados de emancipação da alma, explicando que “a liberdade da alma é tanto maior quanto a inércia do corpo é mais absoluta”, como já dito, o corpo oferece sério obstáculo à plena manifestação do Espírito. Disso concluímos que, se a pessoa viva está em estado de vigília, esse obstáculo é que não permitirá a livre manifestação do Espírito dela; portanto, jamais terá as mesmas capacidades de um desencarnado.

É também muito importante a colocação de que, na vida de relação, o corpo tem necessidade da alma, o que nos leva a concluir que, no estado de vigília, no sentido próprio do termo, não há como o Espírito se afastar do corpo e manter essa vida de relação; nessa situação, não conseguirá controlar ou agir no próprio corpo do qual, temporariamente, se afastou.

É importante não esquecer que o Espírito, ao se afastar do corpo, leva consigo o perispírito, já que este é parte integrante dele:

[...] qualquer que seja o grau em que se

62 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 23-24.

encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia espiritual. [...] Desse modo, o perispírito faz parte integrante do Espírito, como o corpo o faz parte integrante do homem. [...]. Ele é para o Espírito o que o corpo representa para o homem: o agente ou instrumento de sua ação. ⁽⁶³⁾ (grifo nosso)

Portanto, pode-se dizer que:

O corpo perispiritual durante a vida corpórea é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. (O Livro dos Espíritos, questão 257) ⁽⁶⁴⁾ (grifo nosso)

Considerando que...

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. [...]. ⁽⁶⁵⁾ (grifo nosso)

... então, podemos concluir que...

[...] o Espírito, propriamente dito, não pode

63 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. I, item 55, p. 63-64.

64 ABDALA, *O perispírito: o que fizemos com ele?*, in. Revista Internacional de Espiritismo, Ano LXXXVIII, nº 10, p. 512.

65 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIII, item 5, p. 223.

atuar sobre a matéria grosseira sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material. [...]. (66) (grifo nosso)

... ou resumidamente...

[...] O pensamento, que não é senão o Espírito encarnado, está unido ao corpo pelo perispírito e não pode atuar sobre o corpo sem o perispírito, [...]. (67) (grifo nosso)

Ora, se o Espírito está fora do corpo, por ter se emancipado, não teria condições de agir plenamente sobre ele a não ser nos casos dos médiuns sonambúlicos, que, como se sabe, agem em um estado alterado de consciência. Nesse caso, porém, o Espírito do encarnado sonâmbulo não está longe e atuando sobre outro médium. O Espírito está relativamente próximo ao corpo. Eis, para nós, a razão para quando acontecer de emancipar-se no estado de vigília, ele não conseguirá agir sobre o corpo físico, que fica inerte. O que facilmente se pode perceber desta explicação:

Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida

66 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. IV, item 74, p. 77.

67 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. IV, item 76, p. 83.

corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. [...]. ⁽⁶⁸⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Em *A Gênese*, cap. XI, tópico “Encarnação dos Espíritos”, no item 18, lemos:

Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vital e material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se *enraíza*, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união;

68 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. I, item 54, p. 63.

nasce então o ser para a vida exterior. (69) (grifo nosso)

Esse enraizamento do perispírito no corpo acontece pela sua ligação aos plexos nervosos, pontos pelos quais o Espírito comanda todos os órgãos do corpo. Portanto, caso o perispírito se desloque deste, como agirá de forma plena sobre ele se, momentaneamente, não está jungido a ele, mas apenas ligado pelo cordão fluídico? Grosso modo, é algo como querer dirigir um automóvel estando do lado de fora dele.

Vejamos essa relação do perispírito com o sistema nervoso, com o que consta na Codificação e também na série “André Luiz”:

O fluido perispirítico (70) constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, serve de veículo ao pensamento do Espírito, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as

69 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, item 18, p. 184.

70 Em *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. I, item 3, p. 156, lemos: “[...] O perispírito é o envoltório fluídico da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade, de modo que não se pode conceber uma sem outro. Durante a vida, o fluido perispirítico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma. É também por seu intermédio que a alma atua sobre o corpo e lhe dirige os movimentos.”, com o que podemos entender que fluido perispirítico é a mesma coisa que perispírito.

sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico. ⁽⁷¹⁾ (grifo nosso)

[...] o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos [...]. ⁽⁷²⁾ (grifo nosso)

O sistema nervoso, que se liga à câmara encefálica através de processos indescritíveis na técnica da ciência humana, mais não é do que a representação de importante setor do organismo perispirítico, segundo acabamos de estudar. [...]. ⁽⁷³⁾ (grifo nosso)

Na *Revista Espírita 1866*, mês de março, há um artigo no qual Kardec trata da “Mediunidade Mental”. Inicia-o transcrevendo uma carta de um correspondente de Milianah (Argélia):

"A propósito do desligamento do Espírito que se opera em todo o mundo durante o sono, meu guia espiritual mo exerce durante a vigília. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta ao longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta, e reentra em seguida sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia,

71 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, item 17, p. 181-182.

72 XAVIER, *Entre a Terra e o Céu*, cap. XX, p. 126.

73 XAVIER, *No Mundo Maior*, cap. 3, p. 46.

tenho o sentimento desse desligamento. Também o exerço no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. Este último estudo não ocorre senão durante a noite, por duas ou três horas, e quando o corpo, repousado, desperta. Permaneço alguns instantes na espera como depois de uma evocação. Sinto então a presença do Espírito por uma impressão física e logo uma imagem que me faz reconhecer surgido em meu pensamento. A conversação mental se estabelece, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de conversa tem alguma coisa de adoravelmente íntimo. Frequentemente meu irmão e minha irmã, encarnados, me visitam, acompanhados às vezes de meu pai e de minha mãe, do mundo dos Espíritos.⁽⁷⁴⁾ (grifo nosso)

No estado de vigília, quando o fenômeno ocorre é dito que se encontra em estado de catalepsia, “Enquanto o corpo está entorpecido o espírito se transporta ao longe”. Confirmando, portanto, a necessidade do estado alterado de consciência, que temos vista por várias vezes no decorrer desse estudo.

Na *Revista Espírita* 1867, mês de março, em “Dissertações Espíritas”, temos o artigo intitulado “Comunicação Coletiva”⁽⁷⁵⁾. Informa-nos Kardec que essa comunicação coletiva se deu na Sociedade de Paris,

74 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 86.

75 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 80-85.

a 1º de novembro de 1866, tendo como médium M. Bertrand, em quem se manifesta o Espírito Slener, seu guia, que reporta haver vários Espíritos presentes à reunião e que gostariam de se comunicar (manifestar), mas era humanamente impossível dado ao número de médiuns presentes. Termina sua explicação dizendo: "Agora, caros amigos, todos os Espíritos protetores virão lhes dar o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis ir segundo a sua ideia". (76) (grifo nosso)

Não devemos seguir adiante sem entender o que exatamente são os Espíritos protetores:

489. *Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*

"Sim, o *irmão espiritual*. É o que chamais o *Espírito bom* ou *gênio bom*."

490. *Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião?*

"O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada."

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

"A de um pai com relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições e encorajá-lo nas provas da vida."

519. *As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm seus Espíritos protetores especiais?*

“Sim, pois as aglomerações são individualidades coletivas que marcham para um objetivo comum e que precisam de uma direção superior.” (77)

A não ser que tenhamos um entendimento equivocado, os Espíritos protetores estão no estado errante; portanto, não faz sentido em dizer que estão encarnados; daí, segue-se, por óbvio, que todos os Espíritos que estavam presentes nessa reunião eram desencarnados, ou, numa outra hipótese, poderiam alguns deles estar encarnados em mundos muito superiores à Terra; essa parece-nos ser a possibilidade diante destas colocações de Kardec à resposta da questão 495, de *O Livro dos Espíritos*:

[...] Que haverá então de surpreendente em que os Espíritos, de um mundo a outro possam guiar os que tomaram sob sua proteção, uma vez que para eles a distância que separa os mundos é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal que interliga todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão dos pensamentos, assim como o ar, para nós, é o veículo da transmissão do som?

(⁷⁸) (grifo nosso)

Vemos que, de fato, vários Espíritos se manifestaram; portanto, o título de “Comunicação Coletiva” não é de todo impróprio.

Nesse tópico, distingue-se uma lista de pensamentos oriundos de nada menos que quarenta e seis Espíritos protetores. Entre eles encontramos Platão, Sócrates e São Luís, que são nomes que estão entre os que assinaram o texto em “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos*, e, muitas vezes, aparecem nas mensagens constantes das obras da Codificação. Transcreveremos o que vem logo após a todos estes pensamentos e que antecede a explicação assinada por “Um Espírito”:

Nota. Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de um número muito grande de Espíritos podem se assimilar quase instantaneamente com o fluido do médium, para transmitir-lhe seu pensamento, ao passo que essa assimilação, frequentemente, é difícil da parte de um só Espírito, e não se estabelece, geralmente, senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois deu, espontaneamente a explicação adiante.

“A comunicação que obtivestes no dia de

78 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 241.

Todos os Santos, assim como a última que dela é o complemento, embora nela haja nomes repetidos, foram obtidas da maneira seguinte: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te, o mais exatamente possível, os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejaram se manifestar. Eles formaram ao redor de mim uma assembleia cujos membros ditavam, alternativamente, todos os pensamentos que te transmiti. Isto foi espontâneo, e o que tornou naquele dia as comunicações mais fáceis, foi que os Espíritos presentes tinham *saturado* o apartamento com os seus fluidos.

Quando um Espírito se comunica com um médium, ele o faz com tanto mais facilidade quanto as relações fluídicas estejam melhor estabelecidas entre eles, senão o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética que chega ao cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou de qualquer outra causa, não pode estabelecer essa corrente ele mesmo, ele recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como venho de indicá-lo."

SLENER. (79) (grifo nosso)

Nessa comunicação coletiva, também se manifestou o Espírito guia do médium que agiu como porta-voz para transmitir o pensamento de vários Espíritos.

79 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 84-85.

A sutileza da ocorrência está no seguinte: não houve manifestação de vários Espíritos, mas apenas a de um só. Isso implica na necessidade de distinguirmos os significados dos termos *comunicação* e *manifestação*.

Em o “Vocabulário Espírita”, constante da obra *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, lemos:

Comunicação espírita – manifestação inteligente dos Espíritos tendo por objeto uma troca contínua de pensamento entre eles e os homens. Distinguem-se em:

Comunicações frívolas – as que se referem a assuntos fúteis e sem importância;

Comunicações grosseiras – as que se traduzem por expressões que ofendem a decência;

Comunicações sérias – as que excluem a frivolidade, qualquer que seja o assunto de que tratem;

Comunicações instrutivas – as que têm por objeto principal um ensinamento dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc.

(Quanto às modalidades de comunicações, v. *Sematologia*, *Tiptologia*, *Pneumatofonia*, *Pneumatografia*, *Psicofonia*, *Psicografia*, *Telegrafia humana*).

Manifestação – ato pelo qual um Espírito revela sua presença. As manifestações são:

Ocultas – quando não têm nada de ostensivo

e o Espírito se limita a agir sobre o pensamento;

Patentes – quando são apreciáveis pelos sentidos;

Físicas – quando se traduzem por fenômenos materiais, tais como ruídos, movimento e deslocamento de objetos;

Inteligentes – quando revelam um pensamento (v. *Comunicação*);

Espontâneas – quando são independentes da vontade e ocorrem sem que nenhum Espírito seja chamado;

Provocadas – quando são efeito da vontade, do desejo ou de uma evocação determinada;

Aparentes – quando o Espírito se faz visível à vista (v. *Aparição*). ⁽⁸⁰⁾

Na comunicação, o Espírito, mentalmente, transmite o seu pensamento a outro; tanto faz se está ou não encarnado, e, da mesma forma, tanto faz se o interlocutor é médium ostensivo ou não. É o que hoje denominamos de TELEPATIA.

Observa-se que, neste caso, não há nenhum médium servindo de intermediário. Em *O Livro dos Espíritos*, temos no Cap. VIII – Emancipação da Alma o item “Transmissão oculta do pensamento”:

420. *Os Espíritos podem comunicar-se, se o corpo estiver completamente acordado?*

80 KARDEC, *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, p. 21-22 e 40, respectivamente.

“O Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. Por isso pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, embora o faça mais dificilmente.”⁽⁸¹⁾ (grifo nosso)

Não resta dúvida de que a transmissão oculta do pensamento pode se dar com um Espírito em estado de vigília, mas não é sobre isso que estamos aqui falando, já que o nosso foco é a manifestação mediúnica de um Espírito encarnado, ou seja, o Espírito de uma pessoa viva, cujo corpo está em estado de vigília, utilizar-se de um médium, o que, certamente, não é o caso em questão.

O máximo que poderia acontecer com uma pessoa em estado de vigília, seria dirigir seu pensamento para outra pessoa e, esta, captar o pensamento como num processo de intuição ou inspiração. Nesse caso, a pessoa em estado de vigília não precisou se ausentar do corpo, em desdobramento ou emancipação, para se manifestar através de um médium. Apenas irradiou, vamos assim dizer, o seu pensamento sem se desligar dos seus afazeres no estado de vigília. Não é deste tipo de comunicação a que nos estamos referindo.

Então, a explicação de “Um Espírito”, que

81 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 214-215.

veremos logo a seguir, utilizada para justificar que um Espírito, em vigília, pode se manifestar, na verdade, se reporta à transmissão oculta do pensamento – telepatia –, tendo em vista o quê e a forma como lhe foi perguntado: *“como podem se comunicar os Espíritos encarnados neste mundo ou em outros”* (grifo nosso).

Imediatamente após a mensagem do Espírito Slener, Kardec coloca a seguinte questão: “Entre esses Espíritos, não há os que estão encarnados neste mundo ou em outros, e, neste caso, como podem se comunicar?”⁽⁸²⁾ Vejamos o que lhe foi respondido:

Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem mesmo no estado de vigília. Quanto mais o Espírito é avançado, mais são fracos os laços que o unem à matéria do corpo; ele está num estado quase constante de desligamento, e pode-se dizer que está lá onde dirige seu pensamento.

UM ESPÍRITO.⁽⁸³⁾ (grifo nosso)

Como já dito, é essa explicação que alguns confrades se utilizam para justificar a possibilidade da

82 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 85.

83 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 85.

manifestação do Espírito de pessoa viva, em estado de vigília. Antes de qualquer coisa, porém, deve-se considerar que o aqui dito, é uma opinião isolada, que, como já vimos, por si só não cabe como ponto de valor doutrinário, uma vez que, a olhos vistos, se trata de um julgamento pessoal de um Espírito, sobre o qual, certamente, diria Kardec: *“pode ser justo ou não.”* Há um adágio popular que se enquadra bem ao fato: *“Uma andorinha só, não faz verão.”*

Além disso, temos o fato importante de que Kardec não comentou absolutamente nada sobre o seu teor, como, em geral, fazia para explicar alguns pontos doutrinários importantes.

Deve-se observar que, num trecho dessa mensagem de *“Um Espírito”*, há um detalhe que enfraquece sobremaneira qualquer tentativa de utilizá-la como base para a hipótese de que seja possível o Espírito de um encarnado se manifestar através de um médium estando, ao mesmo tempo, em estado de vigília. Vamos reescrever o que o autor *“Um Espírito”* disse:

Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação de maneira bastante completa para os impedir de se

manifestarem mesmo no estado de vigília. ⁽⁸⁴⁾
(grifo nosso)

Vemos que a primeira frase está correta. É necessário certo adiantamento do Espírito para irradiar para vários pontos ao mesmo tempo. Mas a segunda frase é destituída de clareza. O Espírito disse "*Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação...*" (grifo nosso). O que ele quis dizer com "o estado de encarnação"? Essa expressão é vaga e pode significar, simplesmente, o estado de encarnação em mundos muito mais avançados que o nosso, onde o corpo físico é mais sutil, delicado, e os Espíritos menos presos a ele. Logo, a própria afirmação do Espírito não é clara o bastante para se concluir que seja possível a um encarnado aqui na Terra, em estado de vigília, se desdobre e se manifeste através de algum médium em outro lugar.

É importante atentar para o final da resposta à questão 37 do item 284 – Evocação de pessoas vivas, de *O Livro dos Médiuns*, onde se estabelece a condição de um Espírito encarnado se manifestar:

Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos

84 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 85.

os corpos são menos materiais. (⁸⁵) (grifo nosso)

Ou seja, isso não se aplica aos que se acham encarnados na Terra, especialmente por ela se tratar de um planeta de provas e expiações.

Na questão 510, de *O Livro dos Espíritos*, em que Kardec pergunta se um pai, que vela pelo filho, ao reencarnar, continuaria a velar por ele, algo interessante está contido na resposta:

Isso é mais difícil, mas ele roga, num momento de desprendimento, que um Espírito simpático o assista nessa missão. Ademais, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até o fim. O Espírito encarnado, sobretudo onde a existência é material, acha-se sujeito demais ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro Espírito, isto é, para poder assisti-lo pessoalmente. [...]. (⁸⁶) (grifo nosso)

Fica aí, então, demonstrado que um Espírito encarnado não tem como exercer a função de protetor, por duas razões; a primeira é que não assume missão que não possa desempenhá-la até o fim e, segundo, pelo fato de achar-se, como dito, "sujeito demais ao

85 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXV, item 284, p. 314.

86 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 244.

corpo físico”.

Nessa mesma *Revista Espírita* 1867, também encontramos algo muito interessante no artigo sobre “Os Pressentimentos e os Prognósticos”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Para ser advertido, de maneira oculta, do que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios comuns, é preciso que alguma coisa se desembarace de vós, veja e ouça o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para dela reportar a intuição ao nosso cérebro. Essa alguma coisa deve ser inteligente, uma vez que compreende, e que, frequentemente, de um fato atual prevê as consequências futuras; é assim que temos, às vezes o pressentimento do futuro. Essa alguma coisa não é outra do que nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo como um pássaro numa gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É sobretudo nesses momentos em que o corpo repousa, durante o sono, e o Espírito, aproveitando o repouso, que ele deixa o cuidado de seu envoltório, recobra em parte a sua liberdade e vai haurir, no espaço, entre outros Espíritos, encarnados como ele ou desencarnados, e naquilo que vê, as ideias das quais traz a intuição ao despertar.

Essa emancipação da alma, frequentemente, tem lugar no estado de vigília,

nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, onde a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; sobretudo, ela ocorre, de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*. ⁽⁸⁷⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

A emancipação da alma, no estado de vigília, seria a condição indispensável para que o Espírito de pessoa viva pudesse se manifestar; entretanto, a emancipação da alma só ocorrerá “nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio”, logo, são exatamente as situações que não permitem ao encarnado estar consciente. Por não estar literalmente dormindo é que se diz que está em estado de vigília, termo, certamente, não apropriado para designar esse estado. É um estado em que a pessoa, estando acordada, demonstra estar “distante”, com o pensamento longe do que acontece ao seu redor.

Na *Revista Espírita 1869*, mês março, temos este relato do “Aparecimento de um filho vivo à sua mãe”:

O fato seguinte é contado por um jornal de medicina de Londres, e reproduzido pelo *Journal de Rouen*, de 23 de dezembro de 1868:

“Na última semana o Sr. Samuel W..., um dos principais empregados do Banco, teve que deixar

87 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 338.

em boa hora de ir a uma reunião para a qual tinha sido convidado com sua mulher, porque se achou muito indisposto. Ele reentrou em sua casa com uma febre altíssima. Enviou-se à procura do médico; este tinha sido chamado numa cidade vizinha, e não deveria reentrar senão muito tarde na noite.

“A Senhora Samuel decidiu esperar o médico na cabeceira de seu marido. Se bem que preso a uma febre ardente, o doente dormia tranquilamente. A Senhora Samuel, um pouco tranquilizada, vendo que seu marido não sofria, não lutou contra o sono e ela adormeceu, a seu turno.

“Pelas três horas, ela ouviu ressoar a campainha da porta de entrada, do lado dos senhores e das visitas. Deixou com precipitação sua poltrona, pegou um castiçal e desceu ao salão.

“Lá, ela esperava ver entrar o médico. A porta do salão se abriu, mas em lugar do doutor ela viu entrar seu filho Edouard, o menino de doze anos, que está num colégio perto de Windsor. Ele estava muito pálido e tinha a cabeça cercada de uma grande venda branca.

“– Tu esperavas o médico para papai, não é? fez ele abraçando sua mãe. Mas papai está melhor, isso não é mesmo nada; ele se levantará amanhã. Sou eu que tenho necessidade de um bom médico. Trate de chamá-lo em seguida, porque o do colégio disso não entende grande coisa...

“Agarrada, assustada, a Senhora Samuel teve a força de soar a campainha. A camareira

chegou. Ela encontrou sua patroa no meio do salão, imóvel, o castiçal na mão. O barulho de sua voz despertou a Senhora Samuel. Ela tinha sido o juguete de uma visão, de um sonho, chamemo-lo como quisermos. Ela se lembrava de tudo e repetia à sua camareira o que havia acreditado ouvir. Depois ela gritou chorando: 'Uma infelicidade deverá chegar ao meu filho!'

"O médico tão esperado chegou. Ele examinou o Sr. Samuel. A febre tinha quase desaparecido; ele afirmou que isso não havia sido senão uma simples febre nervosa, que segue seu curso e acaba em algumas horas.

"A mãe, depois dessas palavras tranquilizantes, narrou ao doutor o que lhe havia ocorrido uma hora antes. O homem da arte – por incredulidade, ou talvez pelo desejo de ir repousar – aconselhou a Senhora Samuel a não ligar nenhuma importância a esses fantasmas. No entanto, ele teve que ceder aos pedidos, às angústias da mãe e acompanhá-la a Windsor.

"Ao amanhecer, eles chegam ao colégio. A Senhora Samuel pergunta por notícias de seu filho; é-lhe respondido que estava na enfermaria desde a véspera. O coração da pobre mãe oprimiu-se; o doutor tornou-se cuidadoso.

"Breve, visitaram a criança. Ela se fez uma grande ferida na fronte, brincando no jardim. Foram-lhe dados os primeiros cuidados, só que se lhe havia mal curado. No entanto, a ferida nada tinha de perigosa.

"Eis o fato em todos os seus detalhes; temo-lo de pessoas dignas de fé. Dupla vista ou sonho,

deve-se sempre considerá-lo como um fato pouco comum.”

Como se vê, a ideia da dupla vista ganha terreno; ela se recomenda fora do Espiritismo, como a pluralidade das existências, o perispírito, etc.; tanto é verdade que o Espiritismo chega por mil caminhos, se implanta sob todas as espécies de formas, pelos próprios cuidados daqueles que não o querem.

A possibilidade do fato acima é evidente, e seria supérfluo discuti-la. É um sonho ou um efeito de dupla vista? A Senhora Samuel dormia, e, em seu despertar, lembrou-se do que viu; era, pois, um sonho; mas um sonho que traz a imagem de uma atualidade tão precisa, e que é verificado quase imediatamente, não é um produto da imaginação: é uma visão bem real. Há, ao mesmo tempo, dupla vista, ou visão espiritual, porque é muito certo que não foi com os olhos do corpo que a mãe viu seu filho. Houve, de parte a parte, desligamento da alma; foi a alma da mãe que foi até o filho, ou a do filho que veio até a mãe? As circunstâncias tornam este último caso o mais provável, porque na outra hipótese a mãe teria visto seu filho na enfermaria.

Alguém que não conhece senão superficialmente o Espiritismo, mas admite perfeitamente a possibilidade de certas manifestações, perguntou-nos a esse respeito “como o filho, que estava em sua cama, pudera se apresentar à sua mãe com as suas roupas.” Eu concebo, dizia ele, a aparição pelo fato do

desligamento da alma; mas não compreendo porque os objetos puramente materiais, como as vestes, tenham a propriedade de transportar ao longe uma parte quintessenciada de sua substância, o que suporia uma vontade.

Também, respondemos-lhe, as roupas, tão bem quanto o corpo material do jovem, ficaram em seu lugar. Depois de uma curta explicação sobre o fenômeno das criações fluídicas, acrescentamos: O espírito do jovem se apresentou na casa de sua mãe com o seu corpo fluídico ou perispiritual. Sem ter tido o desejo premeditado de se vestir com as suas roupas, sem ter feito este raciocínio: “Minhas roupas de tecido estão lá; eu não posso vesti-las; é preciso, pois, fabricar as roupas fluídicas que delas me darão a aparência,” bastou-lhe pensar em sua roupa habitual naquela que teria tomado em circunstâncias comuns, para que este pensamento desse ao seu perispiritual a aparência dessa mesma roupa; pela mesma razão, teria podido se apresentar em roupa de dormir, se tal tivesse sido seu pensamento. [...]. ⁽⁸⁸⁾ (grifo nosso)

Tendo o fenômeno da aparição ocorrido às três horas da madrugada, a possibilidade de o filho estar, de fato, dormindo é muito elevada. Kardec, conclui que foi o Espírito do filho que apareceu ao da mãe, já que esta também estava dormindo, o que nos remete ao fato do dele ter se emancipado do corpo, o que não aconteceria

88 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 75-78.

caso estivesse em vigília, como já, inúmeras vezes fora aqui dito, e comprovado pelos relatos.

Temos que voltar a um ponto já dito por nós, inúmeras vezes, mas que nos será útil para confirmar a presente análise.

Tanto em *O Livro dos Espíritos* quanto em *O Livro dos Médiuns*, os Espíritos afirmaram a Kardec que na mediunidade não há posse física do corpo de um encarnado por um desencarnado, o que é conhecido como possessão. O que, infelizmente, poucos Espíritas sabem é que na *Revista Espírita 1863*, mês de dezembro, Kardec publica o caso da Senhorita Julie, a partir da análise da qual ele radicalmente muda de opinião.

Essa nova visão de Kardec sobre a possessão foi parar na sua última obra publicada – *A Gênese* –, passando, portanto, a ser um ponto doutrinário. Os espíritas que não a leem, e, diga-se de passagem, não são poucos, ficam, equivocadamente, com a posição anterior.

Procedimento idêntico não foi feito com a questão da possibilidade da manifestação do Espírito de um vivo no estado de vigília. Logo, vale as explicações contidas no item 284 – Evocação de Pessoas Vivas, de *O Livro dos Médiuns*, acima transcritas.

Para reforçar, traremos, agora, alguns trechos do

livro *Obras Póstumas*. No capítulo “Manifestações dos Espíritos”, temos o tópico “Emancipação da Alma”, do qual transcrevemos:

25. A independência e a emancipação da alma se manifestam, de maneira evidente, sobretudo no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia. A lucidez sonambúlica não é senão a faculdade, que a alma tem, de ver e sentir sem o concurso dos órgãos materiais. É um de seus atributos essa faculdade e reside em todo o seu ser, não passando os órgãos do corpo de estreitos canais por onde lhe chegam certas percepções. A visão a distância, que alguns sonâmbulos possuem, provém de um deslocamento da alma, que então vê o que se passa nos lugares a que se transporta. Em suas peregrinações, ela se acha sempre revestida do seu perispírito, agente de suas sensações, mas que nunca se desliga completamente do corpo, como já ficou dito. O afastamento da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece sem vida.

26. Esse afastamento ou desprendimento pode também operar-se, em graus diversos, no estado de vigília. Mas, então, jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver, dando a compreender que a alma está algures. Como no sonambulismo, ela vê as coisas distantes; tem

percepções e sensações que desconhecemos; às vezes, tem a presciência de alguns acontecimentos futuros pela ligação que percebe existir entre eles e os fatos presentes. Penetrando no mundo invisível, vê os Espíritos com quem lhe é possível entabular conversação e cujos pensamentos lhe é dado transmitir.

À sua volta ao estado normal, de ordinário sobrevém o esquecimento do que se passou. Algumas vezes, porém, ela conserva uma lembrança mais ou menos vaga do ocorrido, como se tivesse tido um sonho.

27. Não raro, a emancipação da alma amortece tanto as sensações físicas, que chega a produzir verdadeira insensibilidade que, nos momentos de exaltação, lhe possibilita suportar com indiferença as mais vivas dores. Provém essa insensibilidade do desprendimento do perispírito, agente transmissor das sensações corporais. Ausente, o Espírito não sente as feridas feitas no corpo.

28. Em sua manifestação mais simples, a faculdade que a alma tem de emancipar-se produz o que se denomina o devaneio em vigília. A algumas pessoas, essa emancipação também dá a presciência, que se traduz pelos pressentimentos; em grau mais avançado de desprendimento, produz o fenômeno conhecido pelo nome de "segunda vista", "vista dupla", ou "sonambulismo vígil". ⁽⁸⁹⁾ (grifo nosso)

Tudo quanto negritamos aponta para o que

estamos dizendo, ou seja, da impossibilidade de, no estado de vigília, o Espírito de uma pessoa viva manter a sua vida de relação: “O afastamento da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece sem vida”; portanto, “jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres”, ou seja, “produz o que se denomina o devaneio em vigília”, entenda-se um estado alterado de consciência.

Nessa obra, um pouco mais à frente, temos o tópico “Aparição de pessoas vivas – bicorporeidade”, do qual transcrevemos:

A faculdade, que a alma possui, de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob uma forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se torna a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi

este fenômeno, aliás muito raro, que deu origem à crença nos homens duplos e que se denomina de *bicorporeidade*. ⁽⁹⁰⁾ (grifo nosso)

A condição para que a alma, quando emancipada, se apresente em outro local é de *“o seu corpo se achar mergulhado em sono”*. Desprendido o seu Espírito, que é de uma pessoa viva, ele pode aparecer para outra pessoa quando essa estiver dormindo ou em estado de vigília; simples, assim.

Para esclarecer um pouco mais a questão dos *“homens duplos”*, Kardec escreve um artigo a respeito disso. Vamos encontrá-lo um pouco à frente no capítulo intitulado *“Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas”*, do qual mencionaremos alguns trechos, porque são importantes para esse nosso estudo.

É fato hoje comprovado e perfeitamente explicado que o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, pode, com auxílio do seu envoltório fluido-perispirítico, aparecer em lugar diferente do em que está o corpo material. Até ao presente, porém, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. [...]. ⁽⁹¹⁾ (grifo nosso)

90 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 62.

91 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 83.

Kardec, aqui, é claro ao dizer *"a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos"*; convicção essa que surgiu como resultado de suas pesquisas práticas na Sociedade Espírita de Paris, quando evocava Espíritos de pessoas vivas, conforme vários relatos na *Revista Espírita*. Porém, como nunca agiu de forma ortodoxa, sempre abrindo a mente para outras possibilidades, utilizou-se da palavra "parece", porque, na sequência, ele apresentará alguns fatos, dizendo: *"Se são exatos, os fatos seguintes provam que ela igualmente se produz no estado de vigília."* ⁽⁹²⁾ (grifo nosso)

Kardec ainda cita a obra *Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*, de Maximiliano Perty (1804-1884), professor da Universidade de Berne, publicada em 1861, da qual cita e comenta nove casos.

Chamou-nos atenção o ano de publicação dessa obra de Perty, pois foi neste ano que Kardec publicou as duas primeiras edições de *O Livro dos Médiuns* - 1ª edição, em janeiro e a 2ª em novembro ⁽⁹³⁾. Significa que é bem provável que Kardec tenha lido Perty antes de publicar a 2ª edição; e como nesta edição manteve a

92 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 83.

93 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 361.

sua opinião, vale, portanto, como ponto doutrinário, o que acima foi transcrito da 2ª edição de *O Livro dos Médiuns* sobre a manifestação de Espírito de pessoas vivas.

Mencionaremos, apenas, dois dos casos citados por Perty (uma vez que Kardec, em *Obras Póstumas*, tece considerações sobre cada um deles), que são extremamente oportunas para entendermos o tema:

1. "Um camponês proprietário foi visto, pelo seu cocheiro, na cavalaria, com o olhar dirigido para os animais, no momento mesmo em que estava a comungar na igreja. Narrando o fato, mais tarde, ao seu pastor, perguntou-lhe este em que pensava ele no momento da comunhão. – Para dizer a verdade, respondeu o camponês, pensava nos meus animais. – Aí está explicada a sua aparição, replicou o eclesiástico."

Estava com a verdade o pastor, porquanto, sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, tem este que se achar onde se ache o seu pensamento. A questão é saber se, no estado de vigília, pode o desprendimento do perispírito ser suficientemente grande para produzir uma aparição, o que implicaria um como desdobramento do Espírito, uma de cujas partes animaria o corpo fluídico e a outra o corpo material. Nada terá isto de impossível, se considerarmos que, quando o pensamento se concentra num ponto distante, o corpo apenas atua maquinalmente, por efeito de uma espécie de impulsão mecânica, o que se

verifica, sobretudo, com as pessoas distraídas. A vida espiritual acompanha o Espírito. É, pois, provável que o homem de quem se trata haja tido, naquele momento, uma distração forte e que os seus animais o preocupavam mais do que a comunhão. ⁽⁹⁴⁾ (grifo nosso)

Kardec, logo de início, deixa bem claro que “sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, tem este que se achar onde se ache o seu pensamento” (grifo nosso), razão pela qual, ao analisar esse caso, age com prudência e bom senso, tendo o critério de não o aceitar como prova de manifestação do Espírito de uma pessoa viva por absoluta falta de comprovação, uma vez que para ele “É, pois, provável que o homem de quem se trata haja tido, naquele momento, uma distração forte.” (grifo nosso). Claramente, induz a imaginarmos a necessidade de um estado alterado de consciência.

Este outro fato é da mesma categoria; apresenta, porém, uma particularidade mais notável:

2. “O juiz de cantão ⁽⁹⁵⁾, J..., em Fr... mandou certo dia seu amanuense a uma aldeia dos arredores. Passado algum tempo, ele o viu

94 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 83-84.

95 Na França, um cantão (em francês *canton*) é uma subdivisão administrativa dos *arrondissements* e departamentos. Os cantões franceses normalmente reagrupam diversas comunas. (WIKIPÉDIA)

entrar de novo, tomar de um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente por que ainda não fora onde o mandara. A essas palavras, o amanuense desapareceu. O livro cai no chão e o juiz o coloca em cima de uma mesa, aberto como caíra. À tarde, de regresso o amanuense, o juiz o interrogou sobre se lhe acontecera alguma coisa em caminho, se tinha voltado à sala onde naquele momento se achavam. – Não, respondeu o amanuense; fiz a viagem na companhia de um amigo; ao atravessarmos a floresta, pusemo-nos a discutir acerca de uma planta que encontráramos e eu lhe disse que, se estivesse em casa, fácil me seria mostrar-lhe uma página de Lineu que me daria razão.

Era justamente esse o livro que ficara aberto na página indicada." ⁽⁹⁶⁾ (grifo nosso)

As considerações de Kardec sobre este segundo caso de Perty, são as seguintes:

Por muito extraordinário que pareça o fato, não se poderia tachá-lo de materialmente impossível, por isso que ainda longe estamos de conhecer todos os fenômenos da vida espiritual. Contudo, faz-se mister a confirmação. Num caso desses, seria preciso comprovar, de maneira positiva, o estado do corpo no momento da aparição. Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em

atividade inteligente. ⁽⁹⁷⁾ (grifo nosso)

Da mesma forma que no caso anterior, Kardec, “o bom senso encarnado”, não aceita a descrição do fenômeno, porque as provas também não foram apresentadas. Isso é agir com critério científico, sem crença cega ou justificativa superficial, que, infelizmente, ocorre às vezes no meio espírita.

A sua finalização do comentário é algo digno de se repetir, porquanto demonstra, claramente, o pensamento de Kardec sobre o tema que estamos estudando: “Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em atividade inteligente.” (grifo nosso)

Em relação aos sete outros casos, vejamos o que Kardec disse sobre eles:

Os que seguem bem mais extraordinários são e francamente confessamos que nos inspiram dúvidas ainda maiores. Compreende-se facilmente que a aparição do Espírito de uma pessoa viva seja vista por uma terceira pessoa, porém não que um indivíduo possa ver a sua própria aparição, principalmente nas condições abaixo referidas. ⁽⁹⁸⁾ (grifo nosso)

O que fica claro é que Kardec nada aceitava

97 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 85.

98 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 85.

cegamente; tudo quando fugia da lógica ele tinha como improvável.

Nos itens 3 a 9, desse capítulo, que estamos analisando, são relatados esses “casos extraordinários”, dos quais transcrevemos este:

9. “Uma governanta francesa, Emília Sagée⁽⁹⁹⁾, perdeu dezenove vezes esse cargo, porque aparecia por toda parte em duplo. As moças de um pensionato em Neuwelke, na Livônia, viram-na algumas vezes no salão ou no jardim, ao mesmo tempo que, em realidade, ela se achava algures. Outras vezes, viam, diante do quadro-negro, duas senhoritas Sagée, uma ao lado da outra, exatamente iguais, fazendo os mesmos movimentos, com a única diferença de que só a verdadeira Sagée tinha na mão um pedaço de giz, com que escrevia no quadro.”⁽¹⁰⁰⁾ (grifo nosso)⁽¹⁰¹⁾

Num tópico mais à frente, mencionaremos novamente esse caso, descrevendo-o mais detalhadamente.

Kardec fala de forma mais abrangente sobre a

99 KARDEC, *Oeuvres Posthumes*, à p. 60, o nome é grafado como Emilie Sagée.

100 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 87.

101 Informamos que os detalhes desse caso são mencionados por Alexandre Aksakof, em *Animismo e Espiritismo* (Leipzig, 1890), no tópico “Aparição do duplo da jovem Emília Sagée”, p. 256-262. Será oportuno, transcrevê-lo; porém, o faremos no tópico seguinte, para que não se perca o fio da meada.

obra de Perty e também sobre as manifestações de Espírito de pessoa viva:

A obra do Sr. Perty contém grande número de fatos deste gênero. É de notar-se que, em todos os casos citados, o princípio inteligente se mostra do mesmo modo ativo nos dois indivíduos e, até, mais ativo no ser material, quando o contrário é que deveria dar-se. Mas, o que nos parece radicalmente impossível é que haja antagonismo, divergência de ideias, de pensamentos e de sentimentos nos dois seres. Entretanto, essa divergência é manifesta, sobretudo, no fato nº 4, em o qual um previne o outro de sua morte, e no nº 7, em que a imperatriz manda fazer fogo contra o seu outro eu.

Admitindo-se a divisão do perispírito e uma força fluídica suficiente a manter a atividade normal no corpo; supondo-se também a divisão do princípio inteligente, ou uma irradiação sua capaz de animar os dois seres e de lhe facultar uma espécie de ubiquidade, esse princípio, que é uno, tem que se conservar idêntico; não poderia, pois, haver, de um lado, uma vontade que não existisse do outro, a menos se admita que haja Espíritos gêmeos, como há corpos gêmeos, isto é, que dois Espíritos se identifiquem para encarnar num só corpo, o que não é concebível.

Se, em todas essas histórias fantásticas, alguma coisa há que se deva guardar, também há muito que repudiar, havendo ainda a parte pertencente à lenda. Longe de nos induzir a aceitá-las cegamente, o

Espiritismo nos ajuda a separar o verdadeiro do falso, o possível do impossível, mediante leis que nos revela, concernentes à constituição e ao papel do elemento espiritual. Não nos apressemos, todavia, em rejeitar *a priori* tudo o que não compreendemos, porque muito distante estamos de conhecer todas as leis e porque a natureza ainda nos não patenteou todos os seus segredos. O mundo invisível é um campo ainda novo de observações e seríamos presunçosos se pretendêssemos haver sondado todas as suas profundezas, quando incessantemente novas maravilhas se ostentam aos nossos olhos. Entretanto, há fatos cuja impossibilidade material a lógica e as leis conhecidas demonstram. [...]. (102) (grifo nosso)

Tal qual pregava, Kardec agia: lógica e bom senso!

Para completar esse nosso estudo nós temos, que voltar à obra *O Livro dos Médiuns* para ver o que mais consta nela sobre bicorporeidade:

A bicorporeidade e a transfiguração são variedades do fenômeno das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pela explicação que deles se pode dar, que não estão fora da ordem dos fenômenos naturais. Ambos se fundamentam no princípio de que tudo o que foi dito sobre as

102 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 87-89.

propriedades do perispírito após a morte também se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito recobra parcialmente a sua liberdade, isto é, **isola-se do corpo**, e foi nesse estado que, em muitas ocasiões, tivemos a chance de observá-los. Mas o Espírito, quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o seu envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas de que já narramos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Há fatos bastante positivos, que não podem deixar qualquer dúvida a tal respeito. [...] ⁽¹⁰³⁾ (grifo nosso)

Na explicação, Kardec já deixa claro que tais fenômenos ocorrem durante o sono, ou seja, não são possíveis no estado de vigília.

Sigamos ao próximo item, do qual transcreveremos o primeiro parágrafo:

A mulher de um amigo nosso viu inúmeras vezes entrar no seu quarto, durante a noite, houvesse ou não luz, uma vendedora de frutas da vizinhança, que ela conhecia de vista, mas com quem jamais havia falado. Essa aparição lhe causou grande pavor, não só porque, na época em que se deu ela não conhecia o Espiritismo, como também porque se repetia com muita frequência. Ora, a vendedora de frutas estava perfeitamente viva e provavelmente

103 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VI, item 114, p. 125.

dormia naquela hora. Assim, enquanto o seu corpo material repousava na sua casa, seu Espírito, com o respectivo corpo fluídico, se dirigia à casa da senhora em questão. Por que motivo? É o que se não sabe. Diante de tal fato, um espírita familiarizado com esse tipo de fenômeno, já teria interrogado a aparição, mas a referida senhora nem mesmo teve essa ideia. Invariavelmente a aparição se desfazia, sem que ela soubesse como, certificando-se aquela dama, após cada desaparecimento, de que todas as portas estavam bem fechadas, de modo que ninguém poderia ter entrado no seu quarto. Essa precaução lhe deu a prova de que estava completamente acordada na ocasião e de que não fora joguete de um sonho. ⁽¹⁰⁴⁾ (grifo nosso)

Perfeitamente se observa que existia uma boa probabilidade de que na hora, em que a vendedora de frutas aparecia à senhora, ela estava em casa dormindo.

No item que vem a seguir, Kardec relata um novo caso:

Outra senhora, residente no interior, estando gravemente enferma, viu certa noite, por volta das dez horas, um senhor idoso, que residia na mesma cidade e com quem ela se encontrava às vezes na sociedade, embora não existissem relações estreitas entre ambos. Estava sentado numa poltrona ao pé de sua

104 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VI, item 115, p. 126.

cama e, de vez em quando, pegava uma pitada de rapé. Parecia velar por ela. Surpreendida com semelhante visita àquela hora, quis perguntar-lhe por que motivo ali estava, mas o senhor lhe fez sinal que não falasse e tratasse de dormir. Tentou falar com ele várias vezes, mas, com o mesmo gesto, era sempre impedida de fazê-lo. A senhora acabou por adormecer. Alguns dias depois, já restabelecida, recebeu a visita do referido senhor, mas em hora mais conveniente; dessa vez, era ele realmente quem lá estava. Usava a mesma roupa, a mesma caixa de rapé e os modos eram os mesmos. Certa de que ela avistara durante sua enfermidade, agradeceu-lhe o incômodo a que se dera. Bastante surpreso, o homem declarou que há muito tempo não tinha a satisfação de vê-la. A senhora, que já conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o fato que se passava, mas, não querendo entrar em explicações com ele, limitou-se a dizer que provavelmente havia sonhado. [...]. ⁽¹⁰⁵⁾ (grifo nosso)

Embora, não se tenha falado nada sobre o estado do homem que visitara essa senhora, é bem possível que estivesse dormindo, porquanto o fato aconteceu por volta das 10 horas da noite. Ademais ao se afirmar que “A senhora, que já conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o fato que se passava”, segundo entendemos, faz relação, ainda que indireta, a um

105 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VI, item 116, p. 126-127.

estado em que sua alma pudesse se emancipar.

Avancemos para um item mais à frente:

Homens duplos

Voltemos ao nosso assunto. Quando isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva, do mesmo modo que o Espírito de alguém que morreu, pode mostrar-se com todas as aparências da realidade. Além disso, pelos mesmos motivos que já explicamos, pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi este fenômeno, designado de *bicorporeidade*, que deu motivo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Citamos aqui dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua

[...].

Resolvemos evocar e interrogar Santo Afonso acerca do fato acima. Eis as respostas que ele nos deu:

1. Poderias explicar-nos esse fenômeno?

“Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: ao sentir que lhe vem o sono, o Espírito encarnado pode pedir a Deus lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiseres, abandona então o corpo,

acompanhado de uma *parte* do seu perispírito, e deixa a matéria impura num estado próximo do da morte. Digo *próximo* do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isto o que queres saber."

2. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

"Estando desprendido da matéria, de acordo com o seu grau de elevação, o Espírito pode tornar-se tangível à matéria."

3. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça noutros lugares?

"A alma é capaz de dividir-se, desde que se sinta atraída para um lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isto seja muito raro. Em todo o caso, jamais se encontrará num estado perfeitamente normal; estará sempre num estado mais ou menos extático.

OBSERVAÇÃO – A alma não se divide, no sentido literal do termo: irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Dá-se o que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos.

4. Imaginemos um homem mergulhado no sono, enquanto seu Espírito aparece em outro lugar. O que aconteceria se alguém o despertasse de repente?

"Isso não aconteceria, porque, se alguém

tivesse a intenção de o despertar o homem, o Espírito seria prevenido dessa intenção e retornaria ao corpo, pois o Espírito lê os pensamentos.”

OBSERVAÇÃO – Muitas vezes já nos foi dada explicação idêntica, por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não a teoria da visibilidade e da tangibilidade. ⁽¹⁰⁶⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Situação também que ocorre no estado de sono. A correção de Kardec sobre a divisão da alma é oportuna, pois se nada falasse a afirmação do Espírito geraria além de confusão uma contradição com a questão 137 de *O Livro dos Espíritos*, que adiante citaremos.

E se alguém intencionasse despertar um homem, cujo Espírito estivesse aparecendo em outro lugar, ele despertaria, então, fica bem claro, que a condição da manifestação é, de fato, a emancipação da alma.

Vejamos, resumidamente, na obra *No invisível*, o que aconteceu aos santos citados:

Santo Afonso de Liguori foi canonizado por se ter mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes. Achando-se adormecido em

106 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VII, item 119, p. 129-130.

Arienzo, pôde assistir à morte do papa Clemente XIV, em Roma, e anunciou, ao despertar, que acabava de ser testemunha desse acontecimento.

O caso de Santo Antônio de Pádua é célebre. Estando em Pádua a pregar, interrompeu-se de repente, em meio do sermão e adormeceu. Nesse mesmo instante, em Lisboa, seu pai, acusado falsamente de homicídio, era conduzido ao suplício. Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai e faz conhecer o verdadeiro culpado. ⁽¹⁰⁷⁾ (grifo nosso)

O detalhe comum a esses dois casos é que os dois personagens citados estavam adormecidos, comprovando, portanto, a tese que estamos defendendo.

Veremos apenas um deles, o de Santo Afonso de Liguori, que é relatado, de forma mais detalhada, no cap. IV – Desdobramento do ser humano do livro *A Alma é Imortal*, de onde transcrevemos:

Santo Afonso de Liguori

A história geral da Igreja, pelo barão Henrion (Paris, 1851, tomo II, pág. 272),¹⁰⁵ narra do modo seguinte o fato *miraculoso* que se deu com Afonso de Liguori:

“Na manhã de 21 de setembro de 1774, Afonso, depois de haver dito missa, atirou-se num sofá. Estava abatido e taciturno. Ficou sem fazer o menor movimento, sem articular uma só palavra

107 DENIS, *No Invisível*, p. 147.

de qualquer oração e sem se dirigir a pessoa alguma e assim passou o dia todo e a noite que se lhe seguiu. Nenhum alimento ingeriu durante todo esse tempo e ninguém notou que manifestasse o desejo de que lhe dispensassem qualquer cuidado. Logo que se aperceberam da situação em que ele se encontrava, os criados se colocaram próximos do seu quarto, mas não ousaram entrar.

“A 22, pela manhã, verificaram que Afonso não mudara de posição e não sabiam o que pensar disso. Temiam fosse mais do que um êxtase prolongado. Entretanto, quando o dia já ia alto, Liguori tocou a campainha, para anunciar que queria celebrar missa.

“Ouvindo aquele sinal, não só o irmão leigo que lhe ajudava a missa, como todas as pessoas da casa e outras de fora acorreram pressurosas. Com ar de surpresa, pergunta o prelado por que tanta gente. Respondem-lhe que havia dois dias ele não falava, nem dava sinal de vida. ‘É verdade, replicou; mas, não sabeis que eu fora assistir o papa que acaba de morrer?’

“Uma pessoa que ouviu essa resposta, no mesmo dia, foi levá-la a Santa Ágata e a notícia ali se espalhou logo, como em Arienzo, onde Afonso residia. Julgaram que aquilo fora apenas um sonho; não tardou, porém, chegasse a notícia da morte de Clemente XIV, que a 22 de setembro passara a outra vida, precisamente às 7 horas da manhã, no momento mesmo em que Liguori recuperara os sentidos.”

O historiador dos papas, Novaes, faz menção desse milagre, ao narrar a morte de Clemente XIV. Diz que o soberano pontífice deixou de viver a 22 de setembro, às 7 horas da manhã (a décima terceira hora para os italianos), assistido pelos gerais dos Agostinhos, dos Dominicanos,

dos Observantinos e dos Conventuais, e o que mais interessa, assistido miraculosamente pelo bem-aventurado Afonso de Liguori, se bem que desprendido de seu corpo, conforme resultou do processo jurídico do mesmo bem-aventurado, processo que a Sagrada Congregação dos Ritos aprovou.

Podem citar-se casos análogos ocorridos com Santo Antônio de Pádua, S. Francisco Xavier e, sobretudo, com Maria de Agreda, cujos desdobramentos se produziram durante muitos anos. ⁽¹⁰⁸⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Da informação que “Temiam que fosse mais que um êxtase prolongado”, concluímos que o nobre santo era useiro e vezeiro dessa típica ocorrência de emancipação da alma.

No tópico “O que a experiência mediúnica aponta”, por ser o momento oportuno, traremos o médium Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), na condição de ser um agente mais recente de ocorrência do fenômeno da bicorporeidade.

Apresentaremos agora um comentário de Kardec que, segundo nosso julgamento, também põe fim à crença de que as manifestações de Espírito de pessoas vivas podem ocorrer em estado de vigília.

108 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 118-119.

O indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes tem, portanto, dois corpos. Mas desses dois corpos, somente um é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Quando o indivíduo desperta, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível – pelo menos não temos exemplo algum do fato e a razão o demonstra – que, quando separados, os dois corpos possam gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. [...]. ⁽¹⁰⁹⁾ (grifo nosso)

Portanto, isso mostra que é totalmente impossível a manifestação de um Espírito de pessoa viva através de um médium e, ao mesmo tempo, ele conversar com outras pessoas através do seu próprio corpo. Pior ainda é considerar que Espírito faça isso se manifestando em uma das suas personalidades de vidas passadas, como querem alguns para justificar suas crenças, ademais não há sequer um caso disso em toda a Codificação.

Outro ponto, que não podemos nos esquecer é sobre os nomes que a si dão os Espíritos. Vejamos o que se encontra em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV – Identidade dos Espíritos, item 258:

109 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VII, item 121, p. 131.

3. *Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?*

“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas seriam suficientes para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, são poucos os que têm nome conhecido na Terra, razão por que, na maioria das vezes, eles não declaram nenhum nome. Vós outros, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o Espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais.”

5. *Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja mesmo o Espírito, ou a alma, do apóstolo que teve esse nome?*

“De maneira alguma, pois há milhares de pessoas às quais foi dito que têm Paulo, ou qualquer outro santo, por anjo da guarda. Mas que vos importa isso, contanto que o Espírito que vos proteja seja tão elevado quanto Paulo? Como eu já disse, precisais de um nome; então eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, do mesmo modo que tomais os nomes de batismo para vos distinguides dos outros membros da vossa família. Podem tomar perfeitamente os nomes dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que isto acarrete maiores consequências. Além disso, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. Tende como certo que um Espírito protetor de ordem mais elevada pode ter sob a sua tutela centenas de

encarnados. Entre vós, na Terra, há tabeliães que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias. Por que haveríeis de supor que fôssemos menos aptos, espiritualmente falando, para a direção moral dos homens, do que os tabeliães para a direção material de seus interesses?" (110) (grifo nosso)

Entendemos que se apegar aos nomes, que os Espíritos usam, como se fosse realmente os seus nomes, é pura falta de conhecimento doutrinário. E daí, entendemos ser pouco recomendável estabelecer reencarnações de uma pessoa, utilizando-se apenas dos nomes que os Espíritos a si designam.

Na *Revista Internacional de Espiritismo*, encontramos o artigo "Exteriorização da Sensibilidade e da Motricidade", assinado por Cairbar Schutel (1868-1928), do qual transcreveremos o caso que ele menciona (111), visando aumentar o número de provas que aqui estamos trazendo, especialmente por se tratar de fonte confiável.

O seguinte caso narrado pelo Dr. Britten, em seu livro "*Man and his relations*", é característico, digno de registro nesta Revista.

– "Um indivíduo de nome Wilson, morador

110 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXIV, item 258, p. 287-288.

111 Informa-nos os editores da *Revista Internacional de Espiritismo* que esse caso já havia sido publicado na RIE em julho de 1918.

em Toronto (Canadá), adormece no seu escritório e sonha que se acha em Hamilton, cidade situada a quarenta milhas inglesas ao oeste de Toronto. Em sonho, faz as suas visitas habituais e vai bater à porta de uma amiga, a Sra. D... Vem uma criada abrir a porta, e anuncia-lhe que a patroa havia saído; entretanto, ele entra e bebe um copo d'água; depois sai, encarregando a criada de transmitir os seus cumprimentos à dona da casa. Wilson desperta, e verifica que tinha dormido quarenta minutos.

Alguns dias mais tarde, uma Sra. chamada G..., residente em Toronto, recebe uma carta da Sra. D..., de Hamilton, na qual esta referia-lhe que o sr. Wilson viera à casa dela, bebera um copo d'água e depois partira sem voltar, o que a tinha contrariado, pois desejaria muito vê-lo. O Sr. Wilson afirmou não ter estado em Hamilton havia já um mês; mas, pensando no seu sonho, pediu à Sra. G..., que escrevesse à Sra. D..., para solicitar-lhe que não falasse do incidente aos criados, a fim de saber se por acaso reconhecê-lo-iam. Ele foi depois a Hamilton com alguns amigos e todos reunidos apresentaram-se na casa da Sra. D... Duas criadas reconheceram Wilson como a pessoa que tinha estado em casa, que batera à porta, que bebera um copo d'água, e que pedira para transmitir os seus cumprimentos à patroa."

Os casos de desdobramento abundam nas páginas da história e o seu fim providencial é a demonstração da existência espiritual

independente do corpo carnal. ⁽¹¹²⁾ (grifo nosso)

É mais um, de vários outros, em que a manifestação do Espírito de pessoa viva se deu no momento de sono, cumprindo-se, portanto, a exigência do agente estar em algum estado alterado de consciência.

112 SCHUTEL, *Exteriorização da Sensibilidade e da Motricidade*, in. *Revista Internacional de Espiritismo*, Ano LXXXIV, nº 09, p. 463.

O que alguns estudiosos do Espiritismo encontraram

Vejamos o que os três estudiosos clássicos do Espiritismo Léon Denis (1846-1927), Ernesto Bozzano (1862-1943) e Gabriel Delanne (1857-1926) descobriram em suas pesquisas e o que disseram a respeito do tema. A data de publicação de suas obras será a ordem que usaremos.

1) 1898 e 1899: Gabriel Delanne, em *Pesquisas Sobre Mediunidade* e *A Alma é Imortal*.

Em *Pesquisas Sobre Mediunidade*, lemos:

É o que ocorre na maioria das vezes nas evocações de pessoas vivas, sobre as quais Allan Kardec, há quase meio século, publicou um estudo aprofundado na *Revista Espírita* e no *Livro dos Médiuns*. Citamos as respostas dadas pelos espíritos que ele interrogou; veremos que concordam com tudo que observamos depois: ⁽¹¹³⁾

[Daqui para frente segue-se a lista das perguntas e respectivas respostas das questões que já mencionamos, vide páginas 13 a 15, não as transcreveremos aqui por desnecessário]. ⁽¹¹⁴⁾
(grifo nosso)

113 Nota da transcrição: Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV, Evocação das pessoas vivas".

114 DELANNE, *Pesquisas Sobre Mediunidade*, p. 368-369.

Delanne publicou essa obra em 1898 ⁽¹¹⁵⁾, cerca de 30 anos depois do que publicado dito na *Revista Espírita 1867*, e que foi utilizado como base para demonstrar a possibilidade da manifestação do Espírito de pessoa viva em estado de vigília. Porém, ao mencionar sua fonte como sendo *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV, *Evocação das pessoas vivas*, Delanne, logo após a fala acima, menciona exatamente as mesmas questões que aqui citamos. Conclui ele dizendo “concordam com tudo que observamos depois”; ou seja, as suas pesquisas apontaram para o que está nelas dito.

Por outro lado, isso significa que Kardec se manteve no pensamento anterior, ou seja, de que em estado de vigília um Espírito de uma pessoa viva não tem como se manifestar.

De sua obra *A Alma é Imortal*, publicada em 1899, transcrevemos os seguintes trechos:

No curso da vida, a alma se acha intimamente unida ao corpo, do qual não se separa completamente, senão pela morte; mas, sob a ação de diversas influências: sono natural, sono provocado, perturbações patológicas,

115 A fonte das datas de publicação das obras de Delanne: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Gabriel%20Delanne/Inicio%20Site%20Gabriel%20delanne/Biografia%20de%20Gabriel%20Delanne.pdf>

ou forte emoção, é-lhe possível exteriorizar-se bastante para se transportar, quase instantaneamente, a determinado lugar e, lá chegando, tornar-se visível de maneira a ser reconhecida. [...]. ⁽¹¹⁶⁾ (grifo nosso)

Vê-se, pois, que, de modo geral, para que a alma possa desprender-se, é preciso que o corpo esteja mergulhado em sono, ou que os laços que de ordinário a prendem ao corpo se hajam afrouxado por uma emoção forte, ou pela enfermidade. As práticas magnéticas ou os agentes anestésicos acarretam por vezes os mesmos resultados. ⁽¹¹⁷⁾

Esta necessidade do sono durante o desdobramento se explica, primeiro, pelo fato de que a alma não pode estar simultaneamente em dois lugares diferentes; depois, a referida necessidade se pode compreender pela grande lei fisiológica do equilíbrio dos órgãos, segundo a qual todo desenvolvimento anormal de uma parte do corpo se opera em detrimento das outras. Se a quase totalidade da energia nervosa é empregada em produzir, no exterior, uma manifestação visível, o corpo, durante esse tempo, fica reduzido à vida vegetativa e orgânica; as funções de relação ficam temporariamente suspensas.

Pode-se mesmo, em certos casos, estabelecer uma relação direta entre a intensidade da ação perispiritual e o estado de prostração do corpo. A

116 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 112.

117 Nota da transcrição: Gabriel Delanne – “O Espiritismo perante a Ciência”, páginas 154 e seguintes.

maior ou menor tangibilidade do fantasma se acha ligada, de maneira íntima, ao grau de energia moral do indivíduo, à tensão de seu espírito para determinado objetivo, à sua idade, à sua constituição física e, sem dúvida, à condição do meio exterior, que depois será preciso determinar. ⁽¹¹⁸⁾ (grifo nosso)

Essas observações de Delanne em nada diferem das de Kardec, que conseguimos apontar nas obras em que se desdobra a Codificação.

2) 1901: Léon Denis, em *No Invisível*, encontramos alguns trechos que guardam relação com o nosso assunto:

Em mais elevadas graduações, no estado de hipnose, a exteriorização se acentua até ao desprendimento completo. A alma, liberta de sua prisão carnal, paira nas alturas; seus modos de percepção, subitamente recobrados, lhe permitem abranger um vasto círculo e se transporta com a rapidez do pensamento. A essa ordem de fenômenos pertence o estado de transe, que torna possível a incorporação de Espíritos desencarnados ao envoltório do médium, deixado livre, semelhante a um viajante que penetra em casa devoluta.

Os sentidos psíquicos, inativos no estado de vigília na maior parte dos homens, podem, entretanto, ser utilizados. Basta, para isso,

118 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 114.

abstrair-se das coisas materiais, cerrar os sentidos físicos a todo ruído e toda visão exterior e, por um esforço de vontade, interrogar esse sentido profundo em que se resumem todas as nossas faculdades superiores e que denominamos o sexto sentido, a intuição, a percepção espiritual. É por ele que entramos em contacto direto com o mundo dos Espíritos, mais facilmente que por qualquer outro meio; porque esse sentido constitui atributo da alma, o próprio fundo de sua natureza, e acha-se fora do alcance dos sentidos materiais, de que difere inteiramente. ⁽¹¹⁹⁾ (grifo nosso)

Denis falará também da possibilidade da incorporação por um Espírito estranho no corpo de uma pessoa que passa pelo estado de desdobramento.

Informa-nos das condições para se utilizar “dos sentidos psíquicos”, bastando “abstrair-se das coisas materiais, cerrar os sentidos físicos a todo ruído e toda visão exterior e, por um esforço de vontade”, ou seja, é necessário entrar num estado alterado de consciência.

Publicou o “L'Éclair” de 24 de novembro de 1908: ⁽¹²⁰⁾

“O comandante de um navio de guerra inglês fazia um cruzeiro nos mares do Sul. Estava, uma noite, encerrado em seu camarote, a fazer

119 DENIS, *No Invisível*, p. 58-59.

120 Nota da transcrição: Conforme a “Revue Spirite”, fevereiro de 1909.

cálculos algébricos a giz, no quadro-negro, e em dado momento sentou-se à mesa para anotar no canhoto os resultados obtidos. Ao voltar-se, para ler no quadro a última equação, viu de repente aparecer uma mão, com um vago começo de antebraço, tomar a esponja e apagar as fórmulas. Ficou estupefato, imóvel. Uma figura, ao começo nebulosa e indistinta, se tornou visível; era um homem, uniformizado, em quem reconheceu um dos seus antigos companheiros de escola, oficial de Marinha como ele, e que deixara de ver, havia muitos anos. Notou que estava envelhecido. A figura tomou um pedaço de giz, escreveu uma latitude, uma longitude, e desapareceu. O comandante, apenas dissipado o assombro que o tomara, sai rapidamente do camarote, chama os seus oficiais e lhes refere o que acabava de presenciar, mostrando-lhes as indicações inscritas no quadro e fazendo-lhes notar que nunca escrevia, como ali estavam, os algarismos.

Tomaram nota da hora e data e, obedecendo a um mesmo sentimento, fizeram rumo a todo vapor para o ponto do oceano indicado no quadro. Ao fim de cinco dias o alcançaram e durante longas horas cruzaram nas imediações do lugar, situado em pleno mar, a milhares de milhas de toda costa e fora das rotas de navegação. Afinal, na manhã do sexto dia, perceberam ao longe alguma coisa que flutuava, ponto negro no horizonte claro, em que se esgarçavam as névoas matutinas. Ao alcançá-lo, verificaram ser uma jangada, feita de tábuas apenas reunidas, à qual, sem viveres, sem água, à mercê do mais ligeiro vento, se achavam agarrados três

agonizantes – como o referiram quarenta e oito horas mais tarde, quando puderam falar – únicos sobreviventes do naufrágio de um grande navio que se tinha incendiado e soçobrado em pouco tempo. Era seu comandante o oficial que aparecera diante do quadro-negro. O sinistro havia ocorrido no ponto inscrito pelo fantasma e precisamente à hora em que este se tinha manifestado.”⁽¹²¹⁾ (grifo nosso)

Não há dúvida de que a pessoa que apareceu ao comandante, e escreveu no quadro, estava em estado alterado de consciência, pois, como dito, quando, em pleno mar, a jangada foi vista, nela “se achavam agarrados três agonizantes – como o referiram quarenta e oito horas mais tarde, quando puderam falar.”

Os fenômenos devidos à exteriorização ou ação extracorpórea da alma humana foram estudados com atenção e classificados por Aksakof sob a denominação geral de *animismo*. Esse erudito observador quis estabelecer uma distinção formal entre esses fatos e as manifestações dos denominados mortos. Tal distinção, realmente, não existe; esses fatos, como veremos adiante, são sempre idênticos quer antes, quer depois da morte. A alma do homem pode, exatamente como a alma desencarnada, atuar sobre médiuns, ditar comunicações, avisos, tanto por escrito como por meio de mesinhas, provocar

121 DENIS, *No Invisível*, p. 149.

deslocamentos de objetos materiais, aparecer a grande distância de seu próprio corpo e impressionar chapas fotográficas.

Allan Kardec consagrou um capítulo inteiro de "O Livro dos Médiuns" (122) aos estudos das aparições de vivos. Esses fenômenos, pois, não eram ignorados pelos espíritas, como se tem pretendido, e Aksakof, em "Animismo e Espiritismo", apenas confirmou o que muito antes dele já havia sido reconhecido.

Experiências mais recentes têm demonstrado a possibilidade, para certos indivíduos, de se desdobrarem parcialmente, de materializarem determinadas partes de sua forma fluídica e produzirem vários fenômenos.

[...].

Não nos seria lícito deixar de mencionar ainda os casos de incorporação de vivos no organismo de médiuns adormecidos. Esse gênero de manifestações introduz quase sempre um elemento de confusão e erro nos fenômenos de "transe" e é preciso uma experiência consumada para os não confundir com as manifestações dos desencarnados. Com efeito, os vivos incorporados em um organismo estranho nem sempre têm a noção perfeita de sua verdadeira situação.

Aqui está um exemplo que demonstra quanto é necessário, no curso de tais experiências, ter

122 Nota da transcrição: Ob. cit., cap. VII, nºs 114 e seguintes. Ver também "O Livro dos Espíritos", Parte 2ª, cap. VIII, "Visitas espíritas entre pessoas vivas", e "Revue Spirite", 1860, pág. 81 – Evocação do Espírito do Dr. Vignal, adormecido.

sempre a máxima atenção:

Durante três anos consecutivos, pôde o Espírito de um vivo manifestar-se, por via de incorporação, no grupo que dirigíamos em Tours, sem que o pudessem distinguir dos Espíritos desencarnados que intervinham habitualmente em nossas sessões. Os pormenores mais positivos nos eram, entretanto, por ele fornecidos acerca de sua identidade. Dizia chamar-se B. e havia sido sacristão da vila de D., na Sarthe. A voz arrastada, o gesto lento e fatigado, a atitude curvada contrastavam com as atitudes e gestos próprios do médium e dos outros Espíritos familiares. Nós o reconhecíamos logo às primeiras palavras proferidas. Punha-se ele então a narrar por miúdo os menores incidentes de sua vida, as admoestações do vigário, por motivo de sua preguiça e das bebedeiras que tomava, o mau estado da igreja e dos paramentos confiados aos seus cuidados, e até suas infrutíferas pesquisas no Espaço, a fim de encontrar a confirmação do que lhe havia sido ensinado! – Tudo nele – propósitos, recordações, pesares – nos dava a firme convicção de estarmos tratando com um desencarnado.

Não pequena foi por isso a surpresa que experimentamos, quando um membro do nosso grupo, tendo ido à indicada região e sido encarregado de proceder a uma pesquisa, nos informou que B. ainda pertencia a este mundo. Tudo o que nos havia ele dito, era, ao demais, exato. Nosso secretário o pôde ver e conversar com ele. Achando-se velho e cada vez mais dado à preguiça e à embriaguez, tivera que

abandonar suas funções. Todas as noites, às primeiras horas, se deitava e adormecia profundamente. Podia assim exteriorizar-se, transportar-se até junto de nós e incorporar-se em um dos nossos médiuns, a quem o prendiam laços de afinidade cuja causa se nos conservou sempre ignorada. ⁽¹²³⁾ (grifo itálico do original, em negrito nosso)

É bem interessante a hipótese de um desencarnado aproveitando de um momento de emancipação da alma de um vivo, servir-se de seu corpo para agir, o que, certamente, viria a justificar, em alguns casos, uma pessoa ver vista em dois locais ao mesmo tempo.

Pelo relato, o Sr. B., que se manifestou na reunião, era uma pessoa dada à “preguiça e embriaguez”, o que leva a supor que, seguramente, naquele momento em que se manifestou, estava dormindo.

O estado de transe é esse grau de sono magnético que permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma

123 DENIS, *No Invisível*, p. 150-152.

desprendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um Espírito. Sob o influxo magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do "eu", se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as

peças presentes. ⁽¹²⁴⁾ (grifo nosso)

Ao descrever o transe, deixa evidente que a pessoa fica num estado alterado de consciência, o que permite a emancipação da alma, para se manifestar em algum outro local, que, inclusive, pode ser apropriado por outro Espírito, é o fenômeno da incorporação.

No transe, a entidade psíquica, a alma, se revela por distinta atividade do funcionamento orgânico, por particular acuidade das faculdades. Quando é completa a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo modo que um Espírito estranho. O cérebro não é então, como no estado normal, um instrumento movido diretamente pela alma, mas um receptor que ela aciona de fora.

É o que resulta de numerosas observações.
⁽¹²⁵⁾ (grifo nosso)

Após o Espírito se emancipar, caindo num estado alterado de consciência, o corpo físico pode ser utilizado pelo próprio médium ou por um Espírito estranho.

Às vezes, durante o sono ou na vigília, a alma se exterioriza, se objetiva em sua forma fluídica e aparece, a distância. Daí o fenômeno dos fantasmas dos vivos.

124 DENIS, *No Invisível*, p. 249.

125 DENIS, *No Invisível*, p. 272.

Um dos mais notáveis casos é o de Emília Sagée, professora em Volmar, cujo desdobramento pôde ser inúmeras vezes observado pelas quarenta e duas pessoas residentes no internato. ⁽¹²⁶⁾ ⁽¹²⁷⁾ (grifo nosso)

Como não faz sentido um fato acontecer somente com uma pessoa, esse caso de Emilie Sagée torna-se bem estranho, para o qual se deveria encontrar alguma explicação que não ferisse o que se tem visto sobre a emancipação de Espírito de pessoas vivas.

Denis explica sobre a visão e audição psíquicas, no estado de vigília, dizendo:

A visão e audição psíquicas em estado de vigília estão ligadas aos fenômenos de exteriorização, neste sentido: necessitam de um começo de desprendimento no percipiente. Não se trata mais de fatos fisiológicos ou de manifestações do ser vivo, a distância, e sim de uma das formas de mediunidade.

Na visão espírita, a alma do sensitivo já se acha parcialmente exteriorizada, isto é, fora do organismo material. Sua faculdade própria de visão se vem acrescentar ao sentido físico da vista. Às vezes a substituição deste pelo sentido psíquico é completa. Demonstra-o o fato de, em certos casos, o médium ver com os olhos fechados. Fui muitas vezes testemunha desse

126 Nota da transcrição: Aksakof – “Animismo e Espiritismo”, cap. IV, III, IV.

127 DENIS, *No Invisível*, p. 145.

fenômeno. ⁽¹²⁸⁾ (grifo nosso)

Transcrevemos esses dois parágrafos apenas para que não se confunda os fenômenos anímicos e/ou mediúnicos mencionados com o que estamos aqui tratando.

Observamos também Denis referir-se ao acesso ao passado durante o sono:

Tudo na Natureza é alternativa e ritmo. Do mesmo modo que o dia sucede à noite e o Verão ao Inverno, a vida livre da alma sucede à estância na prisão corpórea. Mas a alma se desprende também durante o sono; reintegra-se em sua consciência amplificada, nessa consciência por ela edificada lentamente através da sucessão dos tempos; entra na posse de si mesma, examina-a, torna-se objeto de admiração para ela própria. Seu olhar mergulha nos recessos obscuros de seu passado, e aí vai surpreender todas as aquisições mentais, todas as riquezas acumuladas no curso de sua evolução, e que a reencarnação havia amortilhado. E o que o cérebro concreto era impotente para exprimir, seu cérebro fluídico o patenteia, o irradia com tanto mais intensidade quanto mais completo é o desprendimento. ⁽¹²⁹⁾ (grifo nosso)

O sono, em verdade, outra coisa não é que a evasão da alma da prisão do corpo. No sono

128 DENIS, *No Invisível*, p. 165-166.

129 DENIS, *No Invisível*, p. 131.

ordinário o ser psíquico se afasta pouco; não readquire senão em parte a sua independência, e quase sempre fica intimamente ligado ao corpo. No sono provocado, o desprendimento atinge todas as gradações. Sob a influência magnética, os laços que prendem a alma ao corpo se vão afrouxando pouco a pouco. Quanto mais profunda é a hipnose, o transe, mais se desprende e se eleva a alma. Sua lucidez aumenta, sua penetração se intensifica, o círculo de suas percepções se dilata. Ao mesmo tempo as zonas obscuras, as regiões ocultas do "eu" se ampliam, se esclarecem e entram em vibração: todas as aquisições do passado ressurgem. As faculdades psíquicas – vista a distância, audição, adivinhação – entram em atividade. Com os estados superiores da hipnose chegamos aos últimos confins, aos extremos limites da vida física. O ser já vive então da vida do espírito e utiliza as suas capacidades. Mais um grau, e o laço fluídico que liga a alma ao corpo se despedaçaria. Seria a separação definitiva, absoluta – a morte. ⁽¹³⁰⁾ (grifo nosso)

Sim, pode-se acessar ao conteúdo do passado, gravado no inconsciente, entretanto, isso não significa que quando o indivíduo voltar do estado alterado de consciência ele consiga manter tudo aquilo que viu do seu passado na memória consciente, numa espécie de transferência a esta de tudo quanto se encontra

130 DENIS, *No Invisível*, p. 132.

gravado no inconsciente.

É nele, segundo Denis, que são gravadas as nossas ações:

O corpo fluídico não é somente um receptáculo de forças; é também o registro vivo em que se imprimem as imagens e lembranças: sensações, impressões e fatos, tudo aí se grava e fixa. ⁽¹³¹⁾ (grifo nosso)

Sobre as recordações, trazemos esta contribuição de Yvonne A. Pereira (1900-1984), em *Recordações da Mediunidade*:

[...] De outro lado, o fenômeno de recordação de vidas passadas parece mais raro do que em verdade é, uma vez que podemos ter estranhas reminiscências sem saber que elas sejam o passado espiritual a se manifestar timidamente às nossas faculdades, aliás, a maioria das pessoas que as recordam, ignorando os fatos espíritos, sofrem a sua pressão sem saberem, realmente, do que se trata, e por isso não participam a outrem o que com elas se passa.

O Espírito Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, a quem tanto amamos, observou, em recentes instruções a nós concedidas, que nos manicômios terrestres existem muitos casos de suposta loucura que mais não são que

131 DENIS, *No Invisível*, p. 49.

estados agudos de excitação da subconsciência recordando existências passadas tumultuosas, ou criminosas, ocasionando o remorso no presente, o mesmo acontecendo com a obsessão, que bem poderá ser o tumulto de recordações do passado enegrecido pelos erros cometidos, recordações indevidamente levantadas pela pressão da vítima de ontem transformada em algoz do presente. Muitos chamados loucos, e também certo número de obsidiados, costumam asseverar que foram esta ou aquela personalidade já vivida e fizeram isto ou aquilo, narrando, por vezes, atos deploráveis. Bem poderá acontecer que tais narrativas nada mais sejam que reminiscências, talvez desfiguradas por alguma circunstância de momento, de um passado aflorando para o presente por entre choques traumáticos, causando a alteração nervosa ou mental.

A lei divina, que rege a condição do ser encarnado na Terra, estabeleceu o esquecimento das migrações pretéritas, por se tratar do que mais convém ao comum das criaturas, sendo mesmo essa a situação normal de cada ser, e, assim sendo, o fato de recordar produzirá choques morais por vezes intensos, na personalidade que assim se destaca, acarretando anormalidades que variam de grau, conforme a situação moral ou consciencial de cada um, pois só quem realmente recorda o próprio passado reencarnatório, no qual faliu, estará capacitado a compreender o desequilíbrio e a amargura que tal situação provoca. Ao que parece, o fato de recordar existências passadas constitui

provação para as criaturas comuns, ainda pouco evolvidas, ou concessão ao mérito, nas de ordem mais elevada na escala moral. No primeiro caso, como foi dito acima, verifica-se, não raro, uma espécie de obsessão, haja ou não haja o inimigo desencarnado a provocar a anormalidade, e, de qualquer forma, uma grande tristeza, um grande desânimo atingirá o que recorda, que pressentirá apenas espinhos e lágrimas no decorrer da existência. E assim como o Espírito desencarnado, de categoria inferior, muitas vezes sofre e se tumultua até à loucura, diante do desfile mental das próprias existências passadas desvirtuadas pelo crime, assim o encarnado se anormalizará sob os choques dos mesmos acontecimentos, por diminutos que sejam. ⁽¹³²⁾ (grifo nosso)

Portanto, poderá causar sérios problemas a algumas pessoas a lembrança de seus atos de vidas passadas.

3) 1924, 1934 e 1938: Ernesto Bozzano, em *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos, Fenômenos de Bilocação (Desdobramento) e Animismo ou Espiritismo*.

Na “Introdução” de *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, primeira obra das três, lemos:

As manifestações anímicas de ordem inteligente raramente se verificam sob forma mediúnica, pois, vias de regra, exercitam-se em

132 PEREIRA, A. *Recordações da mediunidade*, p. 34-35.

forma direta e, segundo os casos, tomam o nome de manifestações telepáticas, de fenômenos de bilocação, de clarividência no passado, no presente e no futuro. De qualquer modo não me ocuparei de tais modalidades de manifestações anímicas, limitando-me a analisar, comparar e classificar os casos de comunicações entre vivos, por via mediúnica. ⁽¹³³⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Aí temos, portanto, o objetivo que Bozzano traça para essa obra.

Transcreveremos alguns dos casos citados nela, aos quais destacaremos alguns pontos para tecer os nossos comentários.

CASO II – O seguinte episódio é extraído do vol. III, pág. 295 dos *Annali dello Spiritismo in Itália*. O Sr. F. Scifoni, um dos mais notáveis espíritas italianos da primeira hora, escreveu nestes termos ao Diretor da citada revista:

Em 17 de junho de 1863, pouco depois da meia-noite eu me achava no escritório, como de costume, absorvido pelo trabalho. Parando para um breve repouso lembrei-me de ter lido em jornais espíritas ou de magnetismo, algo sobre a experiência da evocação do espírito de pessoas imersas no sono. Sabia também que um dos meus amigos havia obtido bons resultados em tais provas, por mais de uma vez, e assim me veio à vontade de tentá-lo.

Morava comigo, havia muitos meses, o Senhor

133 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 11-12.

Vicenzo Tanni, que dormia no meu próprio quarto, contíguo ao meu gabinete. A porta estava encostada e eu o ouvia roncar ruidosamente, como de hábito. Aqui declaro que nunca o havia visto acordar, nem mesmo incomodar com qualquer ruído que eu fizesse, de modo que, durante o dia, muitas vezes ríamos do seu delicioso sono.

Quis então tentar a prova com ele e me esforcei por concentrar intensamente a minha vontade como quando, pelo magnetismo, se quer promover o êxtase do sonâmbulo. Evocado o seu espírito, comecei logo a escrever, e a minha mão traçou estas palavras: “Eis aqui. Que queres comigo?” Feitas algumas perguntas e recebidas respostas de pouco valor, escrevi este pedido: “Ora, meu caro Tanni, queres fazer-me um favor? Querias dar-me uma bela prova da realidade das comunicações espíritas, despertando-te por alguns instantes e chamando-me pelo nome?” E minha mão escreveu: “Sim”. Repito que me achava em meu gabinete e que ele dormia no quarto anexo. Do lugar em que fica o gabinete até à parede que o divide do dormitório distam quatro metros. Eu me mantinha em profundo silêncio e com o ouvido atento para verificar se ele fazia o menor movimento, porém nada interrompia o seu sono de chumbo. Continuando sem ouvir coisa alguma, evoco os meus espíritos familiares e a minha mão escreve: “Espere mais um pouco”. Espero-o, porém nada ouço... Desiludido, já pensava em retomar o meu trabalho interrompido, quando de repente vi o Tanni mover-se e *chamar-me distintamente pelo meu nome*. Surpreso, pergunto:

– O que queres?

– Ainda estás de pé?

– Sim. O que queres?

– Nada. E com uma espécie de incerteza: Que horas são?

– Meia-noite e trinta e cinco minutos.

– Ah! Supus que já fosse dia.

Em seguida, tornou a dormir profundamente. Pasmado com a belíssima experiência, pergunto aos meus espíritos familiares se a demora da prova não seria talvez devida à falta de firmeza de minha vontade, e a minha mão escreve: “Sim. Vacilas um pouco; contudo, podes ficar contente com o resultado.”

Desejando-se tomar ao pé da letra o desenvolvimento dos fatos no caso exposto, dever-se-ia dizer que o episódio da comunicação mediúnicamente entre vivos, aí contidos, poderia ter ocorrido pela intervenção de uma entidade espiritual, mas como tal circunstância não é demonstrável e como tal hipótese não é necessária para a interpretação dos fatos, não se deve insistir nela, pressupondo, ao contrário, a concentração da vontade do experimentador como tendo sido suficiente, como o é na prática para criar uma condição de “afinidade psíquica” entre o experimentador e o paciente adormecido, condição indispensável em tal espécie de experiências. (¹³⁴) (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

O fato ocorreu, como se percebe, no momento que o Sr. F. Scifoni estava dormindo. O fecho de Bozzano é concludente: “o paciente adormecido, condição indispensável em tal espécie de experiências.”

CASO III – Transcrevo-o de *Light* (1898, pág. 375) e digo que se trata de um caso muito

134 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, 19-21.

instrutivo de “vontade sugestionante” e de “lucidez” desenvolvida em uma distinta escritora norte-americana. O narrador é o Senhor Harrison D. Barret, diretor de Banner of Light e presidente da *National Spiritualist Association* dos Estados Unidos da América do Norte. É longo o relatório e, conquanto o incidente que nos interessa esteja em curto parágrafo, decidi-me a relatar um longo trecho, dado o valor teórico que os fatos apresentam. Escreve o Senhor Barret:

Trata-se de uma jovem senhora a quem o relator teve a honra de ser recentemente apresentado. Nela se desenvolvem espontaneamente faculdades de clarividência, sem que conhecesse coisa alguma do que a propósito ensina o Ocultismo. Em grau menor existem as mesmas faculdades em dois outros membros da família, porém como os sentimentos destes últimos são contrários a tal sorte de manifestações, eles as reprimem sistematicamente.

É costume da senhora projetar as suas faculdades perceptivas em direção à irmã e ao irmão que residem nos “Midlands” e assim procedendo ela os percebe nas situações em que se acham na ocasião, situações essas que depois lhe são confirmadas em cartas. Uma vez viu seu cunhado subindo numa escada a pregar na parede uma série de pregos nos quais dependurava outros tantos quadros. O fato a surpreendeu porque ela sabia que o seu cunhado não possuía os quadros que estava vendo, mas, quando lhe escreveu veio a saber, pela resposta, que realmente ele estava colocando na parede os mesmos quadros que ela vira, quadros que obtivera em virtude de um legado.

Por meio da sugestão mental conseguiu que um membro da família interrompesse uma carta que estava escrevendo, a pusesse de lado e

escrevesse outra carta que ela ditou mentalmente. E ele escreveu até o fim a segunda carta, meteu-a no envelope, pôs o endereço e selou, depois voltou a escrever a carta que havia interrompido. Tudo isso ocorreu sem a troca de uma única palavra e só três horas depois é que revelou tudo ao seu parente, o qual ficou um pouco contrariado e pediu que lhe fosse devolvida a carta que ela lhe havia ditado por sugestão, mas era tarde porque já fora posta no correio.

Quando projeta as suas faculdades perceptivas à distância ela pode influenciar as pessoas visualizadas, transmitindo-lhes os próprios pensamentos ou sugerindo-lhe a prática de uma determinada ação. Assim, por exemplo, ela lhe sugere que a venha visitar numa hora preestabelecida, o que nunca se deixa de realizar. Quando transmite ordens mentais, percebe os pensamentos das pessoas com as quais está em afinidade, como se conversasse de viva voz com elas, mas não fica certa do êxito da experiência enquanto não se verifica a ação sugerida. A projeção das suas próprias faculdades perceptivas em direção ao paciente determina um "circuito" de retorno que reage sobre ela e, dessa forma, é informada do êxito da experiência.

Quando deseja comunicar-se com pessoa de longe, começa por suprimir qualquer relação com o ambiente exterior, fechando os olhos e sobrepondo-lhes as mãos. Depois concentra intensamente o pensamento sobre a pessoa que deseja ver, evitando rigorosamente deixar-se colher pela mínima distração. Se pensar no ambiente em que se acha a pessoa que deseje ver ou em coisas que a mesma lhe sugere, falhará a experiências. Algumas vezes atinge o alvo imediatamente, outras vezes tem que sustentar a prova por uns vinte minutos. Enquanto não vê a pessoa visualizada, abstém-se de transmitir a

mensagem e, quando o fato se realiza, sente-se na presença da pessoa. Algumas vezes tem tentado tocá-la e a vê reagir imediatamente. Em geral as pessoas sobre as quais projeta o pensamento tomam conhecimento de sua presença ou pelo menos pensam nela. Ela não distingue o ambiente em que se acha a citada pessoa a menos que se proponha vê-lo como também não percebe a paisagem que tem de atravessar para chegar à pessoa visualizada. Com respeito a esta última circunstância o relator obteve dela a promessa de tentar visualizar os detalhes das paisagens interpostas de caminhos percorridos, pessoas encontradas etc.

O esforço que ela faz nessas circunstâncias a esgota sensivelmente e algumas vezes sente dor de cabeça. Vivendo só, procura a companhia dos parentes, recorrendo às suas faculdades de vidente, a qual desenvolveu tanto que agora funcionam espontaneamente, sem intenção alguma de sua parte. Ocorreu-lhe isso algumas vezes enquanto guiava a sua caleça, o que se torna um inconveniente muito sério, porque durante esse estado, fica inconsciente do ambiente que a cerca, de modo que por duas vezes o cavalo se desviou, indo esbarrar na cerca da estrada, onde ela caiu, despertando-se bruscamente para a vida normal, de forma bem pouco agradável. Ela é de opinião que em tais condições de clarividência realiza-se a projeção à distância de seu próprio "duplo", e isto porque vê o seu próprio corpo deitado no divã.

Além disso distingue repetidas vezes os "duplos" de outras pessoas vivas, algumas das quais vinham visitá-la em seu quarto, como também distingue e comunica-se mentalmente com pessoas mortas, separando facilmente os fantasmas de vivos e de mortos pelo grau diverso de densidade com que lhe aparecem: os fantasmas

dos vivos são muito mais densos do que os dos mortos. Ela conserva lembrança de suas experiências, conquanto se realizem evidentemente durante uma "segunda condição" de sensitiva. (¹³⁵) (grifo nosso)

A comunicação é algo que exige um forte esforço de concentração por parte do agente, fato que "a esgota sensivelmente e algumas vezes sente dor de cabeça".

Ressalte-se que não houve troca de uma única palavra, além disto, "começa por suprimir qualquer relação com o ambiente exterior, fechando os olhos e sobrepondo-lhes as mãos." E que "durante esse estado fica inconsciente do ambiente que a cerca", o que nos leva a concluir que o agente vivia um estado alterado de consciência, ainda que não estivesse dormindo.

Das considerações de Bozzano, transcrevemos o seguinte trecho:

Destaco ainda as seguintes passagens:

– Quando transmite ordens mentais, ela percebe os pensamentos das pessoas com as quais está em relação, como se estas conversassem com ela, de viva voz.

E mais adiante:

– Geralmente as pessoas sobre as quais projeta o seu pensamento têm consciência de

135 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, 21-23.

sua presença, ou pelo menos pensam nela.

E por fim:

Ela é de opinião que em tais condições de clarividência realiza-se a projeção, à distância, do seu próprio “duplo”, e isto porque ela vê o seu próprio corpo deitado, inerte, no divã.

As passagens citadas nos levam a presumir que, na sensitiva em questão, as faculdades de transmissão telepática do pensamento se alternam muitas vezes com os fenômenos da “bilocação” ou projeção a distância, do seu corpo fluídico. Em tal caso, porém, não devem ser tomadas ao pé da letra às impressões da vidente, isto é, que as pessoas por ela visualizadas conversem com ela, de viva voz. Tais pessoas, indubitavelmente, não se portariam desse modo, pois que não existem exemplos de tal natureza em toda a casuística do gênero, conquanto seja verdade que as pessoas que recebem um impulso telepático, muitas vezes se tornam conscientes de uma presença ou pensam na pessoa que, naquele momento, se acha em relação psíquica com elas. Portanto, deve-se presumir que as conversações de que se trata ocorrem entre as personalidades integrais subconscientes dos protagonistas e, como isso não faz diferença para os videntes, os quais desenvolvem os seus diálogos com as pessoas visualizadas, é natural que neles se produza a ilusão de uma conversa de viva voz, ilusão ou alucinação tão viva e infalível que constitui a regra em tais experiências, e o próprio William Stainton Moses a ela se sujeitava. [...]. ⁽¹³⁶⁾ (grifo

nosso)

Importantes considerações que nos remete ao fato de que não podemos confiar cegamente nos relatos dos agentes.

Chegamos ao “Subgrupo B”, em que Bozzano trata das “Mensagens transmitidas inconscientemente ao médium por pessoas em estado de vigília!”, do qual transcrevemos:

É, de presumir-se a priori que os casos pertencentes a este subgrupo sejam bem raros. No meu arquivo de manifestações metapsíquicas há 154 casos pertencentes ao grupo das comunicações mediúnicas entre vivos e neles só figuram cinco exemplos dessa natureza, mas, submetendo os a uma análise posterior, pareceu-me que três deles não poderiam ser incluídos nesse subgrupo, levando-se em consideração que, na ocasião em que se verificou a transmissão telepático-mediúnicamente, dois dos agentes estavam enfermos, acamados, circunstância esta que torna impossível afirmar se, no momento da manifestação à distância, não tivessem adormecido por um instante, tanto mais que os próprios agentes, embora afirmem que se achavam acordados, não estavam em estado de poderem afirmar isto com segurança.

No terceiro caso, trata-se de uma senhora inesperadamente atacada de grave crise de neurastenia, durante a qual o filho, em lugar afastado, sentiu certo impulso para escrever

automaticamente: "Estou muito doente, meu filho!" Como se vê, também neste caso não é possível afirmar com segurança que se trata de manifestação de um vivo, transmitida inconscientemente em estado de vigília. Primeiramente, porque é muito provável que, no período da crise, tenha ela pensado no filho ausente, desejando ardentemente tê-lo junto de si; depois, porque é bem difícil decidir se uma pessoa, tomada de grave crise de neurastenia, permaneça em condições normais de vigília, sem intervalos fugazes de "ausência psíquica" ou de "vigília aparente"; portanto, ficam à nossa disposição só dois exemplos: o primeiro manifesta-se pela mediunidade vidente, e o segundo pela tiptologia, ambos susceptíveis de serem explicados de modo diferente. De qualquer forma, eu os relato, quando não para outro fim, pelo menos para demonstração da tese contrária, quer dizer que por via de regra as mensagens mediúnicas entre vivos não se podem verificar quando o agente se acha em estado de vigília e não está pensando no percipiente à distância, salvo sempre em circunstâncias especiais que, em nosso caso, são bastante discutíveis, mas de qualquer modo não infirmam a regra.

E, muito provavelmente, uma condição de sono, notório ou disfarçado, mesmo que seja muito fugaz, é também necessária nas manifestações opostas, isto é, quando o sensitivo-agente, pensando fortemente numa pessoa distante, no momento, em estado de vigília, consegue igualmente comunicar-se com ela. No Subgrupo C, em que são consideradas

tais condições de manifestação, notam-se episódios em que a pessoa, influenciada pelo pensamento do sensitivo, é tomada efetivamente por um instante de sono, mas há, entretanto, outros casos em que tal não se dá, o que, porém, não implica que um breve momento de sonambulismo em vigília não se tenha igualmente produzido. ⁽¹³⁷⁾ (grifo nosso)

Aqui, Bozzano ressalta da necessidade ou ocorrência do sono nos casos de manifestações de pessoas vivas.

Nessa obra, é citado um caso pessoal (Caso VIII) acontecido com o Dr. Achille Uffreducci (? - ?), professor na Universidade de Roma, que, a certa altura, disse:

Não houve nenhuma evocação. Ensina a doutrina espírita que o espírito de um vivo, em seus momentos de liberdade pode se apresentar sem ser evocado, movido somente pela simpatia, mas em tal caso o corpo habitualmente dorme ou cochila. Em novo caso, o Doutor Palica estava no teatro, e os dois amigos que se encontravam com ele afirmam que, durante todo o tempo, ele não dormiu nem cochilou. Desnecessário é gastar palavras para provar que o fenômeno não era de origem subconsciente ou automática.

Por outro lado, o Palica não se achava absolutamente em estado de inconsciência completa, nem de semiconsciência, mas sim em estado de perfeita vigília, com a atenção atraída e distraída em coisas em tudo diferentes do que me dizia respeito;

137 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 48-49.

portanto, faltavam completamente todas as condições exigidas para que se verificassem comunicações mediúnicas de vivos, isto é, sono fisiológico, hipnótico, magnético, desmaio, coma ou outro estado mórbido semelhante. Logo, a causa não podia ser encontrada na personalidade de quem aparecia como presente à mesa da sessão e, contudo, o fenômeno devia ser de origem extrínseca.

Precisamos, por conseguinte, contentar-nos com o guia de Allan Kardec, que afirma (e com razão até o momento), que a única hipótese explicativa plausível é a de alguma inteligência oculta que se tenha mascarado (em nosso caso) de Antônio Palica para divertir-se à nossa custa.

[...].

a) Dr. A. U. Anastadi

As considerações que o incidente exposto sugere ao Doutor Anastadi parecem racionais e incontestáveis, desde o caráter leviano e jovial da personalidade mediúnica que dizia ser o Doutor Palica, mostrando-se em flagrante contradição com a seriedade do caráter e a correção dos modos deste, e isto sem contar que, no momento em que se verificou o incidente, o suposto agente se encontrava no teatro, absorto na representação em curso. E uma vez reconhecido que a personalidade comunicante não era o que afirmava ser, então só restam duas hipóteses para explicação dos fatos. Por uma dessas hipóteses, a que é acolhida pelo relator, tratar-se-ia de uma "inteligência oculta", mascarada de Antonio Palica, que se divertia à custa dos experimentadores. Pela outra, tratar-se-ia, ao contrário, de uma personificação subconsciente e

nada mais. A propósito, porém, desta última hipótese, não se pode deixar de refletir que as personalidades subconscientes, sejam elas de ordem hipnótica ou sonambúlica, chegam a imitar, mais ou menos bem, as características que distinguem bem a personalidade representada, mas estão muito longe de fornecer informações verdadeiras, ignoradas pelo médium e todos os presentes, e muito menos ainda, de predizer incidentes futuros, como no caso do episódio em pauta.

Segue-se daí que a segunda interpretação dos fatos é muito menos justificável do que a primeira, conquanto também a primeira apresente aspectos bem misteriosos para cuja elucidação nos estenderíamos em longa discussão estranha ao nosso tema e que, portanto, omitiremos. Do nosso ponto de vista, o ensino teórico a extrair cumulativamente do caso exposto e do que o precede, consiste nisso: **que um e outro não podem ser explicados estendendo a hipótese das comunicações entre vivos também aos casos em que o agente se acha em estado de vigília e sem pensar no percipiente.**

Ora, refletindo que, numa coleção de 154 casos recolhidos, os episódios citados são os únicos que aparentemente se levantam a favor de uma tal extensão da hipótese em exame, daí decorre que se deve considerar arbitrária e errônea qualquer solução em tal sentido, devido à perplexidade teórica suscitada pelos casos análogos aos citados. Importante

conclusão que não se deve esquecer. ⁽¹³⁸⁾ (grifo nosso)

CASOS XII a XIX – Limito-me a expor uma série de episódios, os mais interessantes desses Subgrupos, mais interessantes não só pelo valor intrínseco, mas ainda porque são narrados pelo célebre escritor e jornalista inglês William Stead. ⁽¹³⁹⁾

Como se sabe, possuía ele, em grau notabilíssimo, a faculdade mediúnica da escrita automática (psicografia) pela qual lhe foi ditado o livrinho de ouro de revelações transcendentais intitulado *Letters from Julia*. Além disso, conseguia sistematicamente entrar em relações mediúnicas e conversar, livremente, com pessoas vivas que se achavam à distância, obtendo muitas vezes confissões e informações que as mesmas pessoas nunca lhe teriam confiado, em condições normais. Ele nunca havia pensado na possibilidade de conversas supranormais de tal natureza e foi a personalidade mediúnica de Júlia que lhe sugeriu essa ideia, a título de experiência. Numa famosa conferência realizada na sede da *The London Spiritualist Alliance*, em 1893, conta ele, nas seguintes palavras, o seu começo nessa espécie de experiências:

Certo dia Júlia escreveu: Por que te

138 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 57-58.

139 William Stead (1849-1912), é o autor da obra *Letters from Julia* (Cartas de Júlia), informações do site Autores Espíritas Clássicos: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Mediuns/William%20Thomas%20Stead/William%20Thomas%20Stead.htm>.

surpreendes que eu possa servir-me da tua mão para escrever à minha amiga? Qualquer um pode fazê-lo" e eu lhe perguntei: "Que queres dizer com este *qualquer um?*" ao que ela respondeu: "Qualquer um, isto é, **qualquer pessoa pode escrever com a tua mão**". Perguntei ainda: "Queres dizer **qualquer pessoa viva?**" e ela replicou "**Qualquer amigo teu pode escrever com a tua mão**", ao que observei: "Queres dizer que se eu puser a minha mão à disposição de qualquer amigo distante poderá ele servir-se dela do mesmo modo que tu o fazes?" e ela respondeu: "Sim, experimenta e verás". Ora, parecia-me difícil à tarefa, mas resolvi fazer a tentativa e os seus resultados foram imediatos e assombrosos.

Pus minha mão ao dispor de amigos que residiam a diversas distâncias e notei que quase todos eles se achavam em condições de se comunicarem, embora variasse muito a capacidade de manifestação. Alguns escreviam logo correntemente, com as suas próprias características de estilo, de forma, de caligrafia, desde as primeiras palavras e prosseguiram desembaraçadamente como se estivessem escrevendo uma carta normal. Confiavam-me os seus pensamentos, informavam-me que tinham intenção de virem consultar-me ou diziam como haviam passado o dia mas, em tais conversações, já por si mesmas tão assombrosas, o que mais me surpreendia era a inconcebível franqueza de alguns amigos meus dos quais eu conhecia a sensibilidade, a moderação e a reserva de que eram dotados. Eu estava bem certo de que nunca me teriam confiado certos segredos ou certas dificuldades financeiras e, entretanto, me declaravam, com toda a sinceridade, que se achavam em aperturas econômicas ou me confessavam, sem disfarces ou reservas, outras coisas íntimas, de várias naturezas.

Tal circunstância me parecia tão séria, do ponto

de vista da convivência social, que um dia pedi explicações a *Júlia*, nos seguintes termos: “Os resultados que estou obtendo no meu novo campo de investigações estão me preocupando seriamente pois me parece que não haveria mais segredos neste mundo se os outros procedessem como eu”, ao que ela respondeu: “Oh, não! Estás exagerando”, pelo que objetei: “Então como se explica que, por meio de minha mão um amigo me revela segredos que pelas vias normais nunca confessaria?”

Deu-me ela uma explicação que não desejo citar como definitiva, mas simplesmente como uma explicação de *Júlia* escrita por minha mão e que certamente não era produto do meu subconsciente, porque eu nunca havia pensado aquilo. Disse ela “Vossa personalidade real, ou espiritual, não confiará nunca a ninguém, por via mediúnica, coisas que considera dever conservar secretas e, se algumas vezes confia incidentes mais ou menos íntimos, faz isto em plena consciência. A diferença é que a vossa personalidade real, ou espiritual, pensa e julga, com relação ao valor intrínseco de um fato, de modo muito diferente de vossa personalidade normal”. Perguntei: “Que queres dizer com a expressão 'personalidade real, ou espiritual?’” – Respondeu: “Vossa personalidade real, ou espiritual, o que chamais o vosso 'eu', inspeciona tanto a vossa mente consciente quanto a subconsciente, empregando a seu gosto uma e outra. Vossa mente consciente serves das faculdades sensoriais para se comunicar com os seus semelhantes quando estes se acham ao alcance das mesmas faculdades, que, portanto, são muito rudimentares em sua potencialidade. Não se dá o mesmo com as faculdades sensoriais da mente subconsciente, que são já um instrumento de comunicação muito mais sutil,

refinado e eficaz, porquanto permanecem sempre como instrumento a serviço de vossa personalidade espiritual, que quando deseja comunicar-se com alguma pessoa à distância, serve-se da mente subconsciente. Esta, porém, não se dá à tarefa absurda de revelar a outrem o que realmente deve ser mantido em segredo, tanto como não o faria, normalmente, pela conversação. Em suma, vossa personalidade real, ou espiritual, é senhora absolutos de seus instrumentos de comunicação” – Perguntei-lhe ainda: “Como tais comunicações são produzidas?” e assim ela respondeu: “Como? Os espíritos do universo inteiro acham-se em contato entre si, de modo que podeis falar com a personalidade espiritual de qualquer pessoa, no mundo, sem limite algum de distância, com a condição única de tê-la conhecido pessoalmente. Se podeis falar com uma pessoa que encontrardes na rua, pelo fato de já a conhecerdes, podereis, pela mesma razão, conversar com ela em qualquer parte do mundo em que ela se achar envidando-a a escrever pela vossa mão”.

Pode o caso ser devido à minha mediunidade imperfeitamente desenvolvida, mas o fato é que não consigo entrar em relações mediúnicas com todos os meus amigos e encontro grande diferença no valor intrínseco de suas comunicações. Assim por exemplo, há alguns que me dão informações pessoais tão extraordinariamente exatas que, em cem afirmativas, só encontro uma única inexata. Há outros, ao contrário, que se manifestam com as suas características pessoais e firmam as mensagens com o seu nome e, todavia, transmitem informações completamente falsas. De qualquer modo, a maioria deles demonstra a máxima

exatidão ao transmitir as suas notícias. [...]. ⁽¹⁴⁰⁾
(grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Fomos obrigados a estender um pouco esse relato explicativo sobre o início das pesquisas de Stead, porquanto, existem dois pontos importantes que, a nosso ver, devem ser destacados.

O primeiro é que quando Stead diz: “Deu-me ela uma explicação que não desejo citar como definitiva, mas simplesmente como uma explicação de Júlia [...].” Vê-se, portanto, que, nesse trecho, Stead não quer tomar as explicações de Júlia como algo categórico e fechado.

O segundo, tem relação com este trecho da fala de Júlia:

[...] Os espíritos do universo inteiro acham-se em contato entre si, de modo que **podeis falar com a personalidade espiritual de qualquer pessoa, no mundo, sem limite algum de distância, com a condição única de tê-la conhecido pessoalmente. [...].** (grifo nosso)

À qual relacionamos com esta explicação de Stead:

Pode o caso ser devido à minha mediunidade imperfeitamente desenvolvida, mas o fato é que

140 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 71-73.

não consigo entrar em relações mediúnicas com todos os meus amigos e encontro grande diferença no valor intrínseco de suas comunicações. (grifo nosso)

Se, como dito por Júlia, podemos nos comunicar com qualquer pessoa no mundo, então, por que Stead não conseguia fazer isso com alguns amigos? O que prova que há determinadas condições para que as comunicações de Espírito de pessoas vivas possam ocorrer. Aliás, ao condicionar ao fato de ter conhecido pessoalmente a pessoa, já estabelece uma das condições.

Ao todo são oito casos tomados das pesquisas de Stead, citaremos alguns deles.

Iniciaremos pelo caso XII, o da Srta. Summers:

Extraio o presente incidente do vol. IX, pág. 53, dos *Proceedings of the S.P.R.* O relato é escrito por William Stead, o qual se expressa nestes termos:

Como permanecesse eu um tanto incrédulo, comecei a fazer experiências pensando numa moça de Londres que escolhi, porque existiam entre mim e ela, laços de simpatia recíproca, e a prova produziu maravilhosos resultados. Minha amiga não encontrava dificuldade alguma em servir-se da minha mão para dar as suas notícias, expressando-se com o seu humor do momento.

Uma vez, enquanto a minha amiga, que aqui chamarei de Srta. Summers, estava ditando uma

mensagem, eu a interrompi bruscamente, perguntando-lhe: "É você mesma que está escrevendo com a minha mão, ou sou eu que estou conversando com a minha subconsciência?" Minha mão escreveu: "Provar-lhe-ei que sou eu realmente quem está escrevendo. Neste momento estou sentada diante da mesa e tenho nas mãos um objeto que amanhã levarei ao seu escritório. Será um pequeno presente que você terá de aceitar de mim. É a imagem de um velho cardo". Interrompi: "Como é mesmo? Um velho cardo?" – "Sim, exatamente um velho cardo. Representa uma grata recordação de minha vida e é por isso mesmo que tenho muito carinho por ele. Amanhã eu o levarei à sua casa e lhe explicarei tudo melhor, de viva voz. Tenho a pretensão de pensar que o aceitará."

No dia seguinte, minha amiga veio ao meu escritório e eu lhe perguntei logo se me havia trazido um pequeno presente. Respondeu que não, que havia pensado em trazê-lo, mas havia acabado por deixá-lo em casa. Perguntei-lhe em que consistia e ela respondeu que se tratava de um presente tão absurdo que não desejava nomeá-lo. Eu insisti e finalmente ela explicou que se tratava de um pedaço de sabão! Fiquei profundamente decepcionado com o aparente insucesso e lho confessei. Ela, porém, replicou com surpresa: "É deveras extraordinário! Tudo sucedeu como está escrito nesta folha de papel e trata-se mesmo de um cardo e até mesmo, de um cardo velho, que está impresso, porém, num pedaço de papel. Amanhã o trarei. O cardo representa algo importante nas recordações de minha vida." E então narrou o incidente pessoal relativo ao cardo, No dia seguinte levou-me o pedaço de sabão sobre o qual se distinguia, efetivamente impressa, a imagem de um velho cardo. (O Professor Myers confirma o episódio nos seguintes termos: Foi-me

narrado o incidente pessoal ligado à imagem do velho cardo, cuja significação completa estava na imagem sobre o pedaço de sabão. A Srta. Summers havia pensado em levá-lo ao Senhor Stead antes que a mão deste último houvesse escrito o informe e, provavelmente, pensou o mesmo no momento preciso em que Stead escrevia).

No caso exposto, o incidente da identificação pessoal destinado a provar a Stead que não se tratava de uma mistificação da subconsciência dele, e sim de uma conversa real com a personalidade espiritual da Srta. Summers, alcançou bem a sua finalidade, visto que o presente prometido a título de prova em tal sentido, consistia numa coisa de natureza tão excepcional, que não pode ser explicado pela hipótese das coincidências fortuitas. É, de fato, claro, que uma imagem de "cardo velho" não é objeto que se costuma dar de presente.

Observo, além disto, que no incidente em apreço, como em outros sucedidos com a mesma sensitiva, esta parece ter entrado em relação mediúcnica com Stead durante o estado de vigília, o que não significa, porém, que o incidente se tenha desenvolvido precisamente assim, antes de tudo, porque em nenhuma das experiências em exame; houve testemunhas que pudessem certificar-se de que a sensitiva não tivesse cochilado e, depois, porque, mesmo que tais testemunhas existissem, não teriam grande valor teórico, visto que uma pessoa pode muito bem passar para um estado de *sonambulismo em vigília* sem que os presentes o percebam.

O principal ensino teórico a extrair-se do caso exposto, ou, melhor, a confirmação ulterior de um ensino teórico já extraído dos casos precedentes e que será mais do que nunca confirmado nos que seguem, consiste no fato notório e indubitável de, *nas comunicações mediúnicas entre os vivos, tratar-se de verdadeiras e próprias conversas entre duas personalidades espirituais subconscientes, conversas transmitidas na personalidade consciente do médium por meio da escrita automática*. E, pelo contrário, verifica-se não poder tratar-se de faculdades telepático-clarividentes dos médiuns, que iriam colher segredos sepultados nos recessos das subconsciências alheias, selecionando-as no meio de um montão inextricável das recordações ali existentes em estado latente. Nada mais insustentável do que esta última versão, pois que tudo concorre para sustentar que os médiuns não compreendem nada e nada escolhem, mas simplesmente conversam com a personalidade subconsciente ou espiritual dos vivos distantes, do mesmo modo que conversariam normalmente com os próprios vivos, salvo a diferença de se mostrarem às personalidades espirituais dos vivos, quando conversam mediunicamente, muito menos reticentes do que as personalidades normais dos mesmos quando conversam de viva voz. E isto pela razão de que, quando os vivos se encontram em condições transitórias de espíritos desencarnados, não atribuem importância a certas conveniências sociais a que os espíritos encarnados dão demasiada

importância. ⁽¹⁴¹⁾ (grifo itálico do original, em negrito nosso)

A Srta. Summers disse a Stead que para lhe provar “que sou eu realmente que está escrevendo”, afirma-lhe que “nesse momento estou sentada diante da mesa e tenho nas mãos um objeto que amanhã levarei ao seu escritório”. Este “tenho em mãos” pode ser simbólico, ou seja, não que ela, mesmo “sentada diante da mesa” estivesse acordada segurando-o. Por que isso é provável? Simples, observa-se que, na sequência do relato, Stead diz que, no dia seguinte, a Srta. Summers foi à sua casa, entretanto, não levou o cardo como havia prometido que levaria. Ao ser questionada por ele, se lhe havia trazido um pequeno presente, ela “respondeu que não, que havia pensado em trazer, mas havia por acabado por deixá-lo em casa.” É muito provável que este “havia pensando em trazer” seja justamente a lembrança da promessa que ela fez quando de sua manifestação, ocorrida, como tudo leva a crer, num estado alterado de consciência.

Interessante é que Bozzano questiona o suposto estado de vigília da Srta. Summers, já que seria possível que ela tivesse dado um cochilo, sem perceber, o que, para nós, significa dizer que para ele, Bozzano, é necessário um estado alterado de consciência, seja pelo

141 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 74-76.

sono, seja pelo êxtase ou transe.

Um comentário de Kardec, constante da *Revista Espírita 1858*, mês de junho (¹⁴²), levado para a obra *O Céu e Inferno*, vem bem corroborar o que Bozzano disse:

[...] Se perguntarmos a um indivíduo sonambulizado se ele dorme, ele responderá quase sempre que *não*, e essa resposta é lógica: o interlocutor é que faz mal a pergunta, servindo-se de um termo impróprio. Na linguagem comum, a ideia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas. Ora, o sonâmbulo pensa, vê e sente e tem consciência da sua liberdade; logo, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão por que responde *não*, até que se familiariza com essa maneira de apreender o fato. [...]. (¹⁴³) (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Deve-se, portanto, relativizar quando o agente disser que estava em vigília.

Isso ficou ainda mais claro para nós, quando ele disse: “quando os vivos encontram em condições transitórias de espíritos desencarnados”, ou seja, num estado de emancipação da alma, fato que provoca a inatividade do corpo físico.

Nos comentários do caso XVI, Bozzano acaba por

142 KARDEC, *Revista Espírita*, 1858, p. 168.

143 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, cap. V, p. 263.

completar isso, mas nós os tomaremos a partir de certo ponto:

No episódio narrado fica bem clara a autenticidade do fenômeno de comunicação entre vivos, como também de haver desenrolado uma conversa verdadeira e própria, entre duas personalidades espirituais subconscientes. O episódio torna oportuna uma discussão ulterior para esclarecimento do acerto de que, quando uma pessoa entra em relação psíquica e conversa mediúnica com outra pessoa distante, deve necessariamente cair em sonolência notória ou disfarçada. De fato, no caso em apreço, nota-se que a amiga de William Stead teve de responder às suas perguntas em dois tempos diversos e que em ambas às vezes o fez imediatamente. Surgem, portanto, os seguintes quesitos: "É lícito admitir-se essa rapidez na passagem do estado normal à condição de inconsciência e vice-versa?" Parece que sim. Durante a conferência de Stead em *The London Spiritualist Alliance*, foram formuladas tais quesitos, e o Rev. G. W. Allen narrou, a propósito, o seguinte incidente pessoal que tende a demonstrar essa possibilidade. Disse ele:

Tinham de extrair-me dois dentes molares e fui aconselhado a submeter-me à ação do clorofórmio. Eu me achava em estado de convalescença de grave enfermidade e sob a suspeita de que, em tal estado de saúde, o clorofórmio me faria mal, tornava-me um tanto hesitante. Quando começaram a aplicar-me o anestésico, fui tomado de um grande pânico e tirei a máscara, exclamando: "Não aguento, não quero tomá-lo". O médico que me estava cloroformizando, disse-me:

“Fez muitíssimo mal em retirar a máscara, porque estava a ponto de adormecer. Experimente de novo e lhe garanto que tudo correrá bem”. Igualmente, a enfermeira, por sua vez, também me animava e por isso me decidi a submeter-me à prova, mesmo com o risco de sucumbir. Ajustaram-me de novo as máscaras e respirei profundamente algumas vezes, depois me levantei de um salto e sentei-me no leito, exclamando: “É inútil tentar a prova. Não posso adormecer.” O doutor disse-me: “Faça o favor de lavar a boca com esta solução”. Perguntei-lhe: “Por que?” Acrescentou ele: “Porque já lhe extraímos os dentes!” Pois bem. Eu teria jurado por qualquer tribunal de justiça que não havia perdido a consciência um só momento. E, ao contrário, tinha ficado inconsciente o tempo preciso para me extraírem dois dentes. Assim sendo, não é perfeitamente admissível que se possa realmente passar a outra condição de existência por um tempo mais ou menos curto, sem disso conservar recordação alguma? (Light, 1893 pág. 42).

Este incidente pessoal, narrado pelo Rev. G. W. Allen muito instrutivo e me parece bastante para demonstrar possibilidade de uma pessoa entrar em condições de sonambulismo mais ou menos vigilante durante o período de uma conversa mediúnica entre vivos, sem absolutamente recordar-se disso. ⁽¹⁴⁴⁾ (grifo nosso)

Mais explícita fica, para nós, a condição de inércia corporal; porém, ainda incluiremos um trecho dos seus comentários do caso XVIII:

144 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 83-84.

O erro de transmissão, interpolado curiosamente no meio de tantas particularidades verídicas não diminui, de modo algum, a importância teórica do fato. Tal erro, provavelmente, é consequência de um instante fugaz de interferência subconsciente. Não nos devemos esquecer de que o estado de recepção mediúnica é uma condição passiva e instável do espírito humano, a qual tem afinidade, por natureza, com outra condição passiva e instável do próprio espírito, que é o estado onírico, isto é, o reino dos sonhos. ⁽¹⁴⁵⁾
(grifo nosso)

O fechamento da explicação leva exatamente para um dos estados alterados de consciência “que é o estado onírico, isto é, o reino dos sonhos”.

Aqui terminamos os casos de William Stead, resumindo-os teremos: dois casos em que o próprio Bozzano questiona sobre o agente estar em estado de vigília, um caso é bem provável que estivesse dormindo, e os cinco não há informação alguma para se distinguir em que estado o agente se encontrava.

Bozzano, a certa altura, quando trata do Subgrupo F – Mensagens transmitidas com auxílio de entidade espiritual, no caso XXXII, argumenta:

Ora, em ambos os casos, o agente deveria ter caído em estado de sono claro ou

145 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 90-91.

disfarçado durante o período inteiro da conversação que se desenvolveu, pois que, se houvesse permanecido todo o tempo em estado de completa vigília, então o caso em exame deveria ser considerado como espírita, mas infelizmente faltam a tal propósito os informes necessários, e, portanto, não é possível chegar-se a uma conclusão. ⁽¹⁴⁶⁾ (grifo nosso)

Portanto, pelos motivos acima, os casos de Stead não podem ser tomados como se todas as manifestações tivessem acontecido com o agente no estado de vigília.

Seguindo em frente, vejamos algo bem interessante no tópico relativo a “Mensagens transmitidas por vontade expressa de pessoa distante”.

[...] Aqui, ao contrário, se consideram as mensagens experimentais de natureza análoga, porém transmitidas à distância. Saliendo que as transmissões telepáticas mediúnicas à distância entre pessoas vivas nas quais o agente se acha em estado de vigília, se mostram bem raras, ao passo que são relativamente frequentes na condição de sono manifesto ou disfarçado do agente.

De todos os modos, faço notar que as comunicações transmitidas ao médium pela vontade consciente de uma pessoa *próxima* ou *afastada* diferem grandemente daquelas

146 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 142.

transmitidas ao médium pela vontade subconsciente de uma pessoa *em estado de sono manifesto* ou *disfarçado*, pois, no primeiro caso, trata-se limitadamente de uma transmissão telepático-mediúcnica e, portanto, de uma mensagem simples e pura, que não assume o caráter de *diálogo*, ao passo que, no segundo caso, as manifestações assumem com frequência este caráter e, quando o fazem significa que não se trata de uma transmissão telepático-mediúcnica e *sim de uma conversa verdadeira* entre duas personalidades espirituais subconscientes, a não ser que se trate de uma mensagem de vivo transmitida com o auxílio de uma entidade espiritual, casos que examinaremos no Subgrupo F. ⁽¹⁴⁷⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Bozzano faz a diferenciação entre comunicação telepática e as manifestações propriamente ditas.

No tópico “Mensagens transmitidas com auxílio de entidade espiritual”, temos o Caso XXVII, do qual destacamos:

Certa personalidade mediúcnica que ainda não conheço intimamente porque se manifesta há poucos meses, assina o nome de “Shamar”. Diz ser de raça indiana e se afirma meu “espírito-guia”. Preside e dirige quase todas as minhas sessões, dedica-se a desenvolver e a aperfeiçoar a minha mediunidade, tendo cuidado, acima de

147 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 102-103.

tudo, de trazer às sessões, para se comunicarem, espíritos que se demonstram sempre escrupulosamente verdadeiros. Tal entidade me informa que agora se interessa de modo particular em trazer-me espíritos de vivos, aproveitando o momento em que estão dormindo ou cochilando. Interessa-se pelos encarnados porque com estes é possível obter-se a prova absoluta de identificação pessoal dos espíritos comunicantes. ⁽¹⁴⁸⁾ (grifo nosso)

A entidade espiritual Shamar, guia da Sra. Hester Travers-Smith (1868-1949), esperava que as pessoas vivas estivessem dormindo ou cochilando a fim de trazer as suas almas para que se comunicassem. Por que razão o guia não trazia Espíritos de pessoas vivas em estado de vigília? A resposta é óbvia: porque não há como o Espírito de uma pessoa viva se manifestar quando ele estiver no estado de vigília.

Na segunda obra *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, destacaremos algo do capítulo 2ª Categoria - "Casos em que o 'sujet' percebe seu próprio duplo, conservando pela consciência (autoscopia)", quando ele apresenta os dois critérios para se separar os fenômenos verídicos dos alucinatórios:

[...] observo que um *primeiro critério* a empregar, com este fim, poderá ser estabelecido

148 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 119.

sobre uma base comum aos casos mais notáveis de “desdobramento em estado de vigília”. Consistiria em que o *sujet* tenha ao mesmo tempo consciência de estar submetido a uma diminuição de suas forças vitais, quer sob a forma de uma súbita sensação de torpor e de frio, quer pela invasão de uma sonolência irresistível, quer ainda pela sensação de uma espécie de vácuo interior, quase sempre localizado no cérebro, e assim por diante, sensações todas que confirmariam, em certo sentido, a existência de algo vital que efetivamente saiu do organismo. ⁽¹⁴⁹⁾ (grito em itálico do original, em negrito nosso)

A título de *segundo critério de prova*, assinalarei esta outra circunstância de fato que, quando muito, no momento em que o percipiente vê seu próprio “duplo”, ele se acha sob condições de anestesia e analgesia parciais ou totais, circunstância que, neste caso, implicaria a existência provável do fenômeno correspondente de “exteriorização da sensibilidade” e, portanto, a possibilidade da formação real de um “fantasma ódico” no qual se teria concentrado a sensibilidade, possibilidade que já não se pode esquecer depois das famosas experiências do Coronel de Rochas, do Dr. Luys, do Dr. Joire e do Dr. Durville. ⁽¹⁵⁰⁾ (grifo nosso)

Resumindo esses dois critérios vemos, claramente, que o agente entra num estado alterado de

149 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 32.

150 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 33.

consciência, passando a desligar-se completamente da realidade que acontece em volta de seu corpo, embora, seu duplo possa acompanhar os desenrolar dos fatos, mas provavelmente não se lembrará do que aconteceu, porquanto o cérebro físico nada registrou.

Citaremos ainda o capítulo 3ª Categoria, intitulado “Casos em que a consciência pessoal se acha transferida no fantasma”, por se relacionar mais de perto com essa nossa pesquisa. Bozzano inicia-o explicando:

Os casos da presente categoria acontecem durante o sono fisiológico ou provocados por anestésicos, bem como nos estados sonambúlico-hipnóticos, no delírio, no coma, nas crises de convalescença, no esgotamento nervoso e assim por diante. Raramente se verificam em condições fisiológicas e psicológicas normais.

Nesses casos, eles sobrevêm no decurso de um repouso absoluto do corpo ou se segue ao sono. Nesta última circunstância, o sentido do desdobramento é, antes, vago, indeciso, fugaz. ⁽¹⁵¹⁾ (grifo nosso)

Bozzano informa das condições em que ocorreram os casos narrados no capítulo. Fácil, portanto, perceber de sua fala que os desdobramentos se ligam a

151 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 41.

um estado alterado de consciência, inclusive, reforçando que mesmo nos casos raros em que “se verificam em condições fisiológicas e psicológicas normais” eles só ocorrem “no decurso de um repouso absoluto do corpo ou se segue ao sono.”

Em todos os 18 casos listados no capítulo por Bozzano, os seus agentes, cujos Espíritos se exteriorizaram do corpo físico, estavam adormecidos ou em alguma situação alterada de consciência, quer por anestésico, por ação de clorofórmio, em letargia, etc.

Mencionaremos apenas dois dos casos; o primeiro trata-se do caso X, cujo relato de dois primeiros parágrafos é o seguinte:

Em 1884, ano em que me encontrava em Colombo, na ilha do Ceilão, fui certo dia, em companhia de meu amigo B., ao consultório de um dentista para extrair um dente. Tomei clorofórmio e, logo que experimentei a sua influência, achei-me de pé por detrás da cadeira em que jazia o meu corpo. Via-me e sentia-me precisamente a mesma pessoa como em meu estado normal, distinguia todas as coisas em meu derredor e entendia o que falavam; todavia, quando procurei apanhar um dos instrumentos colocados na mesinha perto da cadeira, não o consegui e vi os meus dedos atravessarem o instrumento.

Depois desse acidente, em outra ocasião me aconteceu assistir a uma separação do meu “eu”

do “corpo físico”, o que se deu de dois modos diferentes: quando, nas condições em que sobreveio o “desdobramento”, as faculdades conscientes continuavam sediadas no organismo e então eu percebia o meu “corpo astral” ereto diante de mim, ao lado do leito, e quando, ao contrário, as faculdades conscientes se encontravam no “corpo astral”, via o “corpo físico” estendido, inerte, no leito. ⁽¹⁵²⁾ (grifo nosso)

Esse caso é interessante, pois demonstra que a manifestação da consciência (mente) só ocorre em um dos dois corpos; ou no físico ou no espiritual, nunca nos dois ao mesmo tempo.

Um pouco antes, Bozzano explicando o caso VI que define como de autoscopia ⁽¹⁵³⁾:

Os casos de “dupla consciência”, análogos a este, são teoricamente importantes, porque servem para provar, baseado em fatos, que os fenômenos de “autoscopia” representam efetivamente uma fase inicial dos fenômenos de “bilocação”, nos quais a consciência já não é bipartida, mas integralmente transferida, com a inteligência e as faculdades sensoriais

152 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 43-44.

153 Autoscopia: Alucinação em que se vê a própria imagem. (<https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/autoscopia>); na visão espiritualista: Autoscopia é definida como uma experiência em que uma pessoa enquanto acreditando estar acordada vê seu corpo, o ambiente e o mundo a sua volta como se estivesse fora do seu corpo físico. [...]. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Autoscopia>)

supranormais, para o “corpo etéreo” exteriorizado, enquanto que o “corpo somático” está estendido em condições de sono sonambúlico profundo ou em catalepsia. ⁽¹⁵⁴⁾ (grifo nosso)

Nos fenômenos de desdobramento a questão do estado do corpo físico é bem clara, pois este “está estendido em condições de sono sonambúlico profundo ou em catalepsia”.

É curioso o caso XXVI, no qual o desdobramento aconteceu em virtude da intervenção de um Espírito. Vejamos um pequeno trecho:

William Stainton Moses narra como, em certo momento, sentiu-se irresistivelmente impelido a escrever automaticamente, coisa que não acontecia já havia vários meses. Sentou-se à mesa e perguntou:

“Sou impelido a escrever. Qual é, pois, um dos amigos que está aqui presente? Que deseja ele?”

E lhe foi ditado:

“Salve amigo! Que a bênção de Deus esteja sobre ti. Desejamos tratar de uma questão de grande importância e, para fazermos em condições de transmissão segura, abriremos ainda esta vez os teus sentidos interiores e fecharemos os teus sentidos corporais a toda influência, a fim de que permaneças separado

154 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 36.

do mundo. Em tais condições, ser-nos-á fácil utilizar o teu corpo para transmitir os nossos pensamentos e tu, ao mesmo tempo, poderás conversar conosco face a face. Conserva-te passivo e não perguntes nada.”

Imediatamente ele recebeu a comunicação anunciada e que pouco importa transcrever aqui. Eis em que condições a obteve. Escreve Moses:

“Enquanto era ditada a mensagem, meu espírito se achava separado do corpo, de modo que eu examinava, à distância, minha mão a escrever. A importância dos fatos é tal que precisa de uma exposição minuciosa e atenta do que se passou. ⁽¹⁵⁵⁾ (grifo nosso)

Aqui talvez tenhamos o que acontece com os médiuns mecânicos, que sua consciência é “transportada” para o plano espiritual, de onde vê o que ocorre, sem, no entanto, o seu sentido físico testemunhe o que acontece. Confirma-se, por conseguinte, que no desdobramento a consciência (mente) acompanha o Espírito, de que faz parte integrante, como já o dissemos.

Não podemos deixar de mencionar esta fala da escritora e sensitiva Joy Snell (? - ?), nos comentários que faz sobre sua aparição à amiga Maggie, com a qual encontrou-se uma semana depois:

155 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 76-78.

[...] Parecia evidente que ela não havia conservado a menor recordação da visita que me fizera em espírito. É este um mistério que não consigo explicar, tanto mais que, no decurso de minha vida, tive numerosas aparições de vivos que me falaram e aos quais falei, e sempre tive de convencer-me que nunca eles guardaram lembrança de se terem comunicado comigo... ⁽¹⁵⁶⁾ (grifo nosso)

Por que motivo os vivos não guardavam lembrança das visitas? É simples a resposta: porque o cérebro físico delas não registrou essas visitas, somente os Espíritos, cuja consciência (mente) acompanhava, estiveram presentes e testemunharam tais visitas.

Da terceira obra, ou seja, *Animismo e Espiritismo*, transcrevemos do cap. III – As comunicações mediúnicas entre vivos provam a realidade das comunicações mediúnicas com defuntos, os seguintes trechos:

Na minha monografia, eu subdividira em sete categorias os fenômenos das comunicações mediúnicas. Na primeira, considerei os episódios de gêneros inteiramente afins com a “transmissão do pensamento”, salvo a circunstância de se produzirem *mediunicamente*. Nas outras, considerei sucessivamente as mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas mergulhadas em sono e por pessoas em condições de

156 BOZZANO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 125.

aparente vigília; em seguida, as que foram obtidas por vontade expressa do médium, que a isso chegara pensando intensamente na pessoa distante com quem desejava comunicar-se; depois, a transmitida ao médium por vontade expressa de pessoas ausentes; a seguir, os casos de transição, em que o vivo que se comunicara era um moribundo; finalmente, as mensagens mediúnicas, entre vivos, transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual. ⁽¹⁵⁷⁾ (grifo nosso)

Na terceira categoria, em que considerei as mensagens involuntariamente transmitidas ao médium por pessoas em condições de aparente vigília, ofereceu-se-me oportunidade de demonstrar a presumível inexistência de tal forma de comunicações mediúnicas entre vivos, por falta de exemplos convenientemente circunstanciados, que valessem para demonstrar que uma pessoa em condições de vigília possa entrar involuntariamente em comunicação mediúnica com um *sensitivo* distante, ainda que nele não pense. Ponderando-se os resultados efetivos, dever-se-ia, ao contrário, dizer que, para se produzirem episódios semelhantes, seria indispensável, pelo menos, que a pessoa em condições de vigília caísse em sonolência, por breve espaço de tempo, ou em “sonambulismo vígil”, ou em estado de “ausência psíquica”, ou, ainda, que pensasse mais ou menos vivamente na pessoa distante.

157 BOZZANO, *Animismo ou Espiritismo?*, p. 52.

(¹⁵⁸) (grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Devo observar que nas minhas classificações se encontram outros nove casos (cinco dos quais ocorridos com William Stead, em que aparece a circunstância presumível do estado de vigília nos vivos que se comunicavam; mas, ao mesmo tempo, assinalo que em nenhum deles se pode afirmar isso com segurança. [...]. (¹⁵⁹) (grifo nosso)

Bozzano informa que "*há quarenta anos que me dedico a pesquisas psíquicas*" (¹⁶⁰), portanto, era um pesquisador experimentado, se ele usou a expressão "aparente vigília", foi porque não havia como se ter certeza do real estado de vigília, nos casos mencionados na sua obra.

A pergunta que cabe aqui é: poderíamos nós, que não pesquisamos fenômeno algum, assegurar categoricamente que algum Espírito de pessoa viva conhecida pode ter-se manifestado em completo estado de vigília, como se ele tivesse se dividido em dois? Vejamos esta pergunta em *O Livro dos Espíritos*:

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade?
Em outras palavras, o mesmo Espírito pode dividir-se ou existir em vários pontos ao mesmo

158 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 53.

159 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 107-108.

160 BOZZANO, *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*, p. 12.

tempo?

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito, mas cada um é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parecem estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente; no entanto, irradia-se em todas as direções e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.” ⁽¹⁶¹⁾ (grifo nosso)

Irradia-se e não se divide é o que se conclui.

Embora sendo uma situação diferente, podemos extrapolar para o nosso assunto algo interessante:

137. Um Espírito pode encarnar a um tempo em dois corpos diferentes?

“Não, o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos.” (Ver, em *O Livro dos Médiuns*, o capítulo VII, “Da bicorporeidade e da transfiguração.” ⁽¹⁶²⁾ (grifo nosso))

Nos comentários que Kardec faz à questão 92-a, também afirma “*Cada Espírito é uma unidade indivisível*”, ⁽¹⁶³⁾. Ora, se como dito, o Espírito é indivisível, tanto faz se ele esteja encarnado ou na erradicidade; isso se aplica em ambas as situações; portanto, ele só poderá estar presente e se manifestar

161 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 87.

162 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 105.

163 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 87.

em um lugar, nunca em dois ao mesmo tempo.

No caso de desencarnados, podemos admitir exceção para os Espíritos de grau evolutivo elevado, não que possam estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas que têm a capacidade de irradiar o seu pensamento para vários lugares ao mesmo tempo, isso, certamente, dará a impressão de estar em vários lugares.

Vamos incluir aqui um pesquisador da atualidade que merece ser citado. Trata-se de Hermínio C. de Miranda (1920-2013). Em sua obra *Diversidade dos Carismas – Teoria e Prática da Mediunidade*, ele aborda o tema ao relatar as experiências da médium Regina.

Algo que dissemos, Hermínio Miranda também menciona:

[...] O que nos leva a outra especulação: a de que esse estado de "esvaziamento" da mente pode ser também resultante de um desdobramento, ou seja, de um afastamento maior ou menor do perispírito em relação ao corpo físico, pois, como sabemos, a consciência "vai" com o espírito, em vez de "ficar" no corpo físico. [...]. (¹⁶⁴) (grifo nosso)

Se a consciência acompanha o Espírito e tendo ele se afastado do corpo físico, então, não conseguirá

164 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 97-98.

agir de maneira totalmente normal por lhe faltar o “comandante”, de um lado, e, por outro, o invólucro espiritual está preso ao corpo apenas por um fio tênue – cordão fluídico –, não oferecendo ao Espírito as mesmas condições operacionais que existem quando está “acoplado” a ele.

[...] da estrutura operacional do ser humano encarnado que se compõe de corpo físico, perispírito e espírito. O perispírito é um campo energético, estruturado como o corpo físico e que serve de morada ao espírito, esteja este encarnado ou desencarnado. Ao desprender-se pelo sono ou em estado de torpor, leva consigo a função de pensar e suas respectivas memórias e estados de consciência ou inconsciência. [...]. ⁽¹⁶⁵⁾ (grifo nosso)

Exatamente o que foi falado na transcrição anterior, apenas se utilizou de outras palavras.

Na verdade, o espírito encarnado desenvolve prodigiosa atividade durante seus habituais desprendimentos parciais do corpo físico, principalmente, mas não exclusivamente, durante o sono comum. Sempre que pode, ele aproveita esses momentos de liberdade relativa para realizar projetos, promover estudos, pôr-se em contato com pessoas amigas que vivem na carne ou na dimensão espiritual e até resolver importantes problemas pessoais a partir

165 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 173.

de um contexto no qual sua visão é mais ampla, serena e mais bem informada. (¹⁶⁶) (grifo nosso)

Ressalta-se a necessidade de “desprendimentos parciais”, ou seja, emancipação da alma, para que possa fazer alguma coisa.

Muitos livros têm sido escritos sobre comunicações diretas, não telepáticas, entre vivos que se visitam em desdobramento ou são vistos em locais diferentes de onde se acham seus corpos físicos. Houve tempo em que isso foi considerado, literalmente, fato milagroso, como o muito citado episódio de santo Antônio de Pádua (ou Lisboa, como querem os portugueses). Nem todos sabem que isso acontece com mais frequência do que seria de se supor.

Boddington conta em *Secrets of mediumship* um caso curioso desses, narrado em carta pelo próprio cidadão com quem se deu o fenômeno. Escreveu-lhe o homem:

Há uns poucos anos passei por uma experiência que não tive coragem de contar a ninguém. (Sempre o receio de passar por louco!). Acordei, pela manhã, sentindo-me muito doente, mas decidi arrastar-me de qualquer maneira até o trabalho, na esperança de conseguir aguentar-me até o fim do dia, mas me sentia tão mal que desisti, já a caminho, e retornei à minha casa. **Algumas horas de sono me puseram bom novamente e,** após uma refeição, fui para o trabalho, como

166 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 170.

sempre. Três colegas, pelos quais eu costumava passar com uma palavrinha, queixaram-se rudemente de minha atitude pela manhã. Eu os ignorara totalmente. Assegurei-lhes que eu não havia estado ali pela manhã e ele, se recusaram a acreditar em mim. Logo em seguida meu contramestre mandou me chamar ao seu escritório e me perguntou à queima-roupa onde eu havia me escondido depois de encará-lo por um momento através da porta aberta, aí pelas dez horas da manhã. Como poderia eu explicar-lhe que naquele momento eu estava profundamente adormecido em casa? Fui acusado de ter abandonado o trabalho e tive, por isso, duas horas descontadas do meu pagamento. Desde então, tenho lido sobre esse problema, mas não posso ainda compreender o que aconteceu... minha mulher e minha filha testemunham que eu estava em casa. Meus colegas de trabalho comprovam que eu não estava... (Boddington, Harry 1949).

Aí está, pois, o exemplo típico e bem testemunhado de uma atividade inconsciente do ser em desdobramento. Enquanto seu corpo repousava mergulhado em profundo sono, o homem que se deitara novamente vencido pelo mal-estar físico, mas disposto de qualquer maneira a ir ao trabalho, desligou-se do corpo adormecido e foi; não, porém, telepaticamente, e sim como pessoa, reconhecida pelos colegas de trabalho e pelo seu chefe, enquanto que a esposa e a filha sabiam muito bem que ele estava recolhido ao leito, doente. ⁽¹⁶⁷⁾ (grifo nosso)

Mais um caso em que se confirma o

adormecimento quando ocorre a emancipação da alma.

Na sequência, Hermínio Miranda cita o caso de Emilie Sagée, descrevendo-o pela narrativa de Akasakof, porém, nenhum comentário fez dessa ocorrência. Continuemos.

Regina distingue seus desdobramentos em duas categorias: os que ocorrem em plena consciência, no estado de vigília, e os que acontecem durante o sono, sendo estes os mais comuns, ainda que menos percebidos, pela simples razão de que, assim que se encontra desdobrada em consequência do mergulho no sono, a atividade do perispírito começa a ser traduzida sob o que entendemos por sonho. O aspecto específico do sono/sonho, contudo, fica para outro capítulo.

[...].

Nos que ocorreram em vigília, às vezes estava deitada, em repouso, quando começava a sentir uma estranha movimentação dentro dela. Parecia-lhe estar sendo jogada para cima e para baixo, como se fosse um ioiô. É a forma que ela encontra para descrever o fenômeno, porque, na realidade, era como se alguém quisesse tirar alguma coisa de dentro dela, que aí funcionava como uma caixa ou uma forma. Enquanto isso ocorria, ela podia ver a cabeceira da cama ou do sofá subindo e descendo alternadamente, embora tenha logo concluído que não era a cama que se movimentava, mas sua percepção, ou seja, ela mesma, com sua consciência a reboque. Mesmo sem conhecer ainda a teoria

que sustentava e explicava o fenômeno, ela acabou igualmente percebendo que aquilo que se movimentava dentro dela era uma duplicata de si mesma, porque o corpo físico, pesado, continuava imóvel, deitado, enquanto o outro ia e vinha para cima e para baixo. Até que num desses impulsos ela saía, como que projetada para fora.

[...].

Quanto à migração da consciência, é fenômeno que o coronel de Rochas confirma em suas notáveis experimentações e de que há notícia mais extensa em *A memória e o tempo*. No decorrer do processo de desdobramento, a consciência (ou, se você quiser, o EU) assume progressivamente três posições distintas. Está, inicialmente, no corpo físico e daí é que observa os primeiros movimentos e esforços. (Em Regina, a impressão é de que a cama ou o sofá é que se movimenta.) Em seguida, a consciência como que se reparte, observando o fenômeno ao mesmo tempo, do corpo físico e do corpo espiritual, pois Regina vê um e outro, no ato de se “desencaixarem”. Finalmente, a consciência se transfere toda para o corpo espiritual, que começa a movimentar-se numa dimensão diferente da habitual, deixando de atuar no corpo físico; e a partir desse momento ela não sabe mais o que ocorre, a não ser que seja programada para lembrar-se posteriormente ou que não desmagnetize as lembranças gravadas no cérebro físico, como no episódio em que ela se lembrou do sacrifício das duas sobrinhas no antigo Egito. (Ou, talvez, ela apenas

colocasse ali, naqueles pontos específicos do cérebro, uma espécie de anestesia a fim de impedir que eles emergissem na memória de vigília, após despertar.)

[...].

Havia um terceiro processo de desdobramento para ela. Neste, ela sentia deslocar-se em círculos, como se estivesse atada à ponta de um cordão que ninguém fizesse girar com velocidade, chegando a provocar-lhe a clara sensação de zumbido. Este parecia ser o mais eficiente, porque, de repente, ela se via em pé, ali mesmo no ambiente físico, mas fora do corpo. Lá estava o sofá e nele seu corpo físico, deitado, em repouso, enquanto ela o contemplava por alguns momentos, como que observando se estava tudo bem mesmo e, em seguida, partia para seu destino, fosse qual fosse.

[...].

Mais familiarizada com o fenômeno, começou a observar que também ocorria à noite, Parece, não obstante, que era mais fácil tomar conhecimento dele na volta ao corpo em vez de na ida. Notou isto ao perceber que, ao levantar-se no meio da noite para tomar água ou ir ao banheiro, por exemplo, nem sempre conseguia 'levar' consigo o corpo físico, nas primeiras tentativas. Era assim: sentava-se na cama para se levantar, mas observava o 'outro eu' deitado, ou seja, metade dela estava sentada na cama e a outra metade deitada. Era preciso deitar-se de novo, em espírito, 'apanhar' o corpo físico, por um impulso da vontade, e então levantar-se inteirinha, com os dois corpos fundidos um no

outro para as providências que desejava tomar.

Ocorria também acordar durante a noite e ver duas cabeças suas, uma virada para o canto, por exemplo, e outra para o lado de fora da cama. **Detalhe: 'a outra' é que estava dormindo, ou seja, o corpo físico.**

[...].

Certa noite, uma de suas irmãs dormiu em sua casa com um filho menor, de quatro anos de idade, A criança estava resfriada e tossia muito. Como o apartamento era pequeno e havia uma só cama, ou melhor, um sofá, Regina cedeu-o à irmã e ao menino e improvisou para si mesma uma cama no chão. Estava absorta em seus pensamentos, perfeitamente acordada (a irmã e o menino já adormecidos), quando, de repente, viu-se desdobrada. Bem mais familiarizada com o processo, não criava resistências e por isso aprendera a dominar bem seu mecanismo. Uma vez fora do corpo físico, deitado aos seus pés, examinou o ambiente à sua volta. Lá estavam a irmã e o menino adormecidos no sofá e **seu próprio corpo ali no chão, em repouso.** Ouvia a criança a tossir e continuou suas observações exploratórias. Caminhou pela sala e foi até uma saleta contígua, na entrada. Chegou junto à parede, do outro lado a qual era o apartamento vizinho e pensou: “Estou desdobrada; esta parede não existe para mim. Se quiser, posso atravessá-la, mas não devo fazê-lo porque estaria invadindo a privacidade alheia.”

Voltou-se para o interior, **onde o corpo físico continuava em repouso.** O menino tossiu e ela o viu agitar-se. 'Deitou-se' então sobre o corpo

físico e, assumindo-lhe os controles, abriu os olhos físicos. A criança voltou a tossir e ela pensou: "É, o menino continua tossindo; realmente me desdobrei. Interessante!" Ouvira, pois, a criança tossindo, tanto na condição de vigília como na de desdobramento, fora do corpo físico. Em seguida, adormeceu e desdobrou-se novamente, desta vez pelo sono natural, e sem consciência, a partir daí, do que fazia e para onde seguia. ⁽¹⁶⁸⁾ (grifo nosso)

A experiência pessoal de Regina confirma que, sempre entrava no estado alterado de consciência, ela adormecia, o que, portanto, vem confirmar a necessidade desse estado alterado.

É preciso ressaltar que "os desdobramentos que ocorrem em plena consciência, no estado de vigília", não devem ser entendidos senão como uma necessidade de se estar em vigília para que se inicie o processo de desdobramento.

Confirma-se a situação de Regina, de fato, estar sempre adormecida, quando ela diz: "É como se eu não tivesse nada a ver com os problemas daquela mulher adormecida que ficou lá na minha cama..." ⁽¹⁶⁹⁾ (grifo nosso)

Entraremos num capítulo, da obra de Hermínio

168 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 183-187.

169 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 218.

Miranda, que será preciso a sua paciência, caro leitor, pois a transcrição será longa.

VII – Condomínio Espiritual

1. Introdução

Por mais que a gente se dedique ao estudo da fenomenologia anímica e mediúnica, há sempre aspectos inusitados a observar, situações imprevisíveis, eventos literalmente inacreditáveis para os quais fica difícil até mesmo formular uma hipótese de trabalho razoável.

Encontro alguns desses casos na experiência pessoal de Regina, como a evidência da sua bilocação. Mas será que é mesmo bilocação? Às vezes parece que é, de outras, parece que não. Vamos aos fatos.

Vivia ela o difícil período de sua vida, ainda muito jovem, durante o qual frequentava a faculdade e já trabalhava para se manter. Foi uma época de perplexidades. Era grande o número de pessoas capazes de afirmar, sob juramento solene, que a tinham visto em lugares onde ela não podia ter estado. Alunos seus, que a conheciam bem de perto, nas suas feições, porte e gestos, declaravam não apenas tê-la visto, aqui e ali, como ainda informavam que a saudaram e ela respondera com acenos e sorrisos inequívocos para eles.

Certa vez, alguém lhe disse: – Aí, hein? Passeando em Copacabana em vez de estar trabalhando! O que não era absolutamente verdadeiro. Isso a deixava confusa, pois não havia

como convencer as pessoas de que 'a outra' não era ela. Quem seria, então? Por muito tempo pensou que teria uma sósia. Quando afirmava que provavelmente a haviam confundido com outra pessoa, a negativa era categórica: – Não; era a senhora mesma. Chamei pelo seu nome, a senhora sorriu e me acenou. Ou então: – Cumprimentei-a e a senhora me respondeu.

Despreparada para a observação do fenômeno, à época, Regina não lhe deu a atenção que merecia, o que lamentaria mais tarde. É que nem lhe passava pela cabeça que pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo. Totalmente impossível. Tinha de ser algum mal-entendido ou confusão de identidade com pessoas parecidas com ela.

2. Fim de semana no sítio

Cena vez, a situação foi não apenas dramática, mas traumatizante. Acabara de dar suas aulas num colégio em Cascadura, no Rio, aí por volta de meio-dia e seguia para casa quando, numa das ruas centrais daquele bairro, foi abordada por uma senhora que a cumprimentou alegremente:

– Como é que vai? Tudo bem com você?

Não era, pois, nenhuma confusão de identidade. A mulher diante dela em plena rua, com uma criança na mão, estava lúcida, em estado de alerta, não tendo aparência alguma de alienada. Decididamente, ela conhecia Regina. O problema é que Regina não a conhecia! Veja bem, não é dizer que não a reconhecia. Nunca tinha visto aquela pessoa. Mas não quis ser grosseira e respondeu delicadamente que ia bem, obrigada. E a senhora? Não pôde evitar, contudo,

que certo constrangimento se revelasse sua maneira de falar e na reserva da sua atitude. Em seguida, a mulher lhe perguntou o que ela achara do fim de semana. Se havia gostado do seu sítio, da comida etc. Não havia dúvida, portanto: ela estava obviamente equivocada. Mais contrafeita do que nunca, Regina respondeu-lhe que estava ocorrendo ali algum engano porque, infelizmente, ela não conhecia a senhora. Que a desculpasse, portanto. Mas a mulher insistiu, agora, tanto irritada:

– Que história é essa de não me conhecer? Pois você foi recebida minha casa, com toda a gentileza possível, esteve conosco e agora diz que não me conhece?

– Sinto muito – declarou Regina, com firmeza – mas a senhora está enganada. Eu não a conheço.

A essa altura, a pobre senhora se mostrava não apenas aturdida, mas, visivelmente indignada falando com certa agressividade:

– Mas então é assim? Você passa um fim de semana conosco, em minha casa, e depois vem me dizer que não me conhece? Que história é essa? Além de mal-educada, você é mal-gradecida?

Regina procurava habilmente contornar a situação, sem saber o que dizer para convencer a outra do seu evidente equívoco. Tentou fazê-lo declarando seu nome, o que fazia e onde trabalhava. Em desespero de causa, propôs à senhora irem juntas ao colégio, que não ficava longe dali, para que esta se certificasse da sua identidade.

Lembrou-se da sua carteira de identidade, pois a mulher a chamava por outro nome que não o seu. Abriu a bolsa, tirou a carteira e mostrou-a à sua interlocutora.

– A senhora está vendo: Não sou a pessoa que a senhora pensa. Deve ser alguém muito parecida comigo.

E como que a desculpá-la e até consolá-la pelo equívoco, declarou que muita gente cometia com ela o mesmo engano, dizendo tê-la visto em lugares onde, absolutamente, ela não estivera.

A outra pegou a cédula de identidade, examinou-a atentamente e ficou a conferir o retrato com o original diante dela. Manteve-se um momento em silêncio, perplexa, confusa, assustada mesmo. E saiu com uma conclusão imprevisível:

– Então já sei. Você mentiu para nós naquele dia. Você não era quem você disse que era. É isso.

E deu por encerrada a conversa e aquele estranhíssimo encontro na rua.

Estava visivelmente aborrecida, magoada e, por certo, ressentida. Pegou a mão da criança, virou-lhe as costas e se foi.

Nesse dia, Regina ficou seriamente preocupada. A coisa estava indo longe demais. Teria ela uma sócia tão perfeita assim: Estaria ficando perturbada?

3. Preâmbulo a uma explicação

Bem, o ser humano é um animal explicativo. Na realidade, é o único bicho que explica as

coisas e fica desesperado quando não descobre, nos seus arquivos mentais, material suficiente para deslindar uma bela confusão dessas. Acho que uma explicação bem imaginada e bem exposta pode não fazer ninguém mais esclarecido sobre o assunto, mas dá ao explicador uma agradável sensação de inteligência e competência.

Vamos tentar a nossa. [...].

É de se supor, portanto, que Regina pudesse estar num lugar e apresentar-se em outro, ao mesmo tempo, com o seu perispírito suficientemente adensado a ponto de ser visto por conhecidos seus com o sistema normal de visão, sem nenhuma conotação especial. Ou, quem sabe, as pessoas que a viam longe do local onde ela deveria encontrar-se, no momento, eram dotadas de faculdades clarividentes? É, também, uma alternativa possível. Acontece que, para isto, seria necessário um desdobramento bem caracterizado e para que este ocorra o normal é que o corpo físico esteja, pelo menos, em repouso, em estado de relaxamento, quando não adormecido mesmo.

Será que, além do perispírito, há outro corpo que também pode desprender-se, deslocar-se e mostrar-se à visão alheia em locais diferentes? Sem dizer que isso seja possível, podemos supor que é, pelo menos, concebível. Confesso, porém, que a hipótese exige um volume respeitável de boa vontade, pois seria preciso admitir, também, que a consciência de Regina funcionasse, simultânea e independentemente, em dois

corpos separados por uma distância considerável.

Acho que por aí a coisa fica difícil de se explicar. Vamos experimentar outra hipótese.

Esta explicação precisa de um preâmbulo que passo a expor.

Conta-nos Regina que, na época em que tais fenômenos ocorriam, estava ela sujeita a mergulhar, subitamente, em períodos de inconsciência. Foi essa, aliás, a razão que a levou a procurar um psiquiatra, temerosa de estar perdendo o juízo. Como todos nós, ele tinha até um rótulo prontinho para o pacote psíquico. Foi só sacá-lo e pregá-lo como um adesivo. Segundo ele, a coisa chamava-se ausência. E acontecia, como sempre, de maneira imprevista. Por exemplo: ela tomava um ônibus, sentava-se e, de repente como que se perdia. Voltava, ao cabo de algum tempo, a si, mas não sabia onde estava (nem onde estivera), o que estava fazendo ali, quem era ela, afinal. A situação, era angustiante, desesperadora. Quando finalmente conseguia lembrar-se, já estava longe do ponto onde deveria ter saltado do ônibus.

De outras vezes, caminhava pela rua em certo sentido, indo para algum lugar onde tinha compromisso e novamente se perdia passando pela mesma rotina de sempre: perda de identidade, de objetivo, de rumo, até que acordava e vivia alguns momentos de perplexidade, enquanto não conseguia resumir os comandos da sua mente e sua identidade. Com a repetição de tais episódios, sentiu-se realmente assustada. E se numa dessas ela não

voltar mais? Ou não recuperasse sua identidade perdida?

Uma dessas ausências foi marcante.

Ela morava, na ocasião, em Inhaúma, em um conjunto residencial afastado do centro do bairro. [...].

Certo dia saiu de casa e tomou o lotação. Entrou, sentou-se e novamente perdeu-se, ou seja, teve uma de suas ausências. Ao retornar, despertar que seja, foi particularmente difícil localizar-se no tempo e no espaço e recuperar sua identidade. Olhava para tudo em volta de si, sem entender, com a vaga noção de que estava dentro de um ambiente que se deslocava e no qual havia outras pessoas sentadas em poltronas. Lá estava o motorista, acolá as legendas, uma das quais exibia o preço da passagem, mas, a despeito do seu esforço mental, não entendia nada do que se passava, quem era, o que estava fazendo ali ou para onde ia. Era como se acabasse de ser violentamente sacudida de um sono profundo, durante o qual sonhava com outra realidade. E trazia ainda imagens vagas do sonho, que agora se misturavam àquela outra realidade, no ônibus. Qual delas era a verdadeira? O que estava fazendo ali? Quem eram aquelas pessoas?

Pouco a pouco, foi conseguindo localizar-se e identificar-se. Olhou para o relógio e concluiu que se haviam passado cerca de quarenta minutos e que ela estava muito longe de Inhaúma, na altura de Pilares. Saltou no primeiro ponto, oprimida por uma sensação de angústia, de medo, de perplexidade. Começou a chorar, sentindo-se

desamparada, nervosa, confusa, certa de que algo estranho e incompreensível estava acontecendo com ela e à sua inteira revelia. Não tinha dúvida agora: estava perdendo a razão. A caminho da loucura...

[...].

Com o tempo, Regina conseguiu dominar suas ausências. Seria, talvez, injusto declarar que ela nada deve por isso à psiquiatria. É possível que tenha sido ajudada de alguma forma. O certo, porém, é que os fenômenos ficaram sob controle desde que ela passou a exercer regularmente suas faculdades anímicas e mediúnicas.

Por algum tempo, ela ainda continuou a perder-se, inesperadamente, mas os fenômenos começaram a esparsar e, a não ser ocasionalmente em breves momentos, ela não tem mais esse problema ao escrevermos estas linhas. Mesmo assim, ela parece ter aprendido a controlá-la e até usá-lo em seu próprio benefício. Quando se encontra em lugar muito barulhento, por exemplo – ela detesta barulho –, consegue, não propriamente ausentar-se, mas isolar-se como se ficasse pairando pouco acima de sua própria cabeça, onde o barulho lhe chega amortecido como um vago rumor, à distância. Imagino que isto seja um desdobramento parcial, pois ela diz ter condições de ver o seu próprio corpo, de pé ou sentado, mais abaixo, não muito longe no espaço físico, mas o suficiente para desligá-la de certa forma do ruído ambiental. Isto, aliás, nos leva a crer que ela tenha condição de desdobrar-se, mesmo sem estar o corpo em repouso ou em estado de

relaxamento total. O que explicaria certos fenômenos de bilocação, mas não o do “fim de semana no sítio da mulher zangada”.

Bem, mas eu prometi uma explicação para o caso. Vamos a ela.

4. Teoria do condomínio

Uma vez documentada a sua faculdade de ausentar-se, bem como sua mediunidade nascente, ainda um tanto descontrolada – dado que ela não tinha, àquela altura, a mínima noção disso –, é de se supor que, em estado de relativo relaxamento, sentada numa poltrona de ônibus ou lotação, ela se desprendesse – daí a ausência – enquanto outro espírito assumia o controle e seu corpo. A psiquiatria tem para esse caso um vistoso rótulo: múltipla personalidade. Como também gosto de pregar os meus adesivos, inventei para mesmo caso a expressão condomínio espiritual. Tanto num como noutro rótulo, o fenômeno é o mesmo, ou seja, uma comunidade de espíritos desencarnados, que partilham com um encarnado o mesmo corpo físico. É exatamente com um condomínio, segundo o qual várias pessoas vivem no mesmo edifício, cada um tem a sua hora certa de sair ou de se retirar para descansar. Há até convenção e síndico.

Existe uma rica e confiável literatura científica sobre o assunto que tem servido de tema a filmes do maior interesse, como *As três faces de Eva* ou *Sybil*.

Essa hipótese adapta-se como perfeita luva ao caso do 'fim de semana no sítio'. Regina poderia ter tido uma de suas costumeiras

ausências (ou de um desdobraimento), um espírito invasor incorporou-se nela e foi passar o fim de semana no sítio da mulher. Divertiu-se, passou do bom e do melhor depois devolveu o corpo a Regina, sem que esta percebesse coisa alguma que ocorreu nesse intervalo. Como vimos, a dona do sítio não a chamava de Regina e sim, por outro nome.

É de fato lamentável que Regina não tivesse ligado maior importância ao fenômeno, na época, e que o seu psiquiatra não tentasse, pelo menos, aprofundar-se mais nos detalhes. Teria produzido um estudo de elevado alcance científico, com base no caso. Havia, apenas, uma séria dificuldade inicial a vencer – a de localizar a dona do sítio. Feito isso, era fazer um levantamento completo do caso para se descobrir como as coisas realmente se passaram. Como foi que a moça foi parar no sítio? A convite de quem? Por quê? Como estava vestida? Onde foi encontrada? Alguém foi apanhá-la em casa? Terminado o fim de semana, como regressou e, com quem e para onde? Deu o seu endereço? Conhecia alguém na família ou entre os amigos mais próximos? Que tipo de personalidade? Que história contou? Seria possível colher o depoimento de outras pessoas da família? E Regina, o que fez naquele fim de semana? Teve alguma ausência? Estava pessoalmente com alguém? (Ela morava sozinha).

Ao que se depreende, ela agiu com impecável naturalidade na sua visita, pois não despertou a menor suspeita de fraude ou estranheza na mulher. É também óbvio que, embora com identidade diversa – nome, personalidade etc. – o

corpo físico era o de Regina. Dificilmente a gente se enganaria com as feições de uma pessoa com a qual passou todo um fim de semana e, em seguida, a encontra, em plena luz do dia, na rua. Se a pessoa fosse apenas parecida, bastariam uns poucos momentos de conversa para descobrir-se o equívoco, mas a mulher não se convenceu disso nem mesmo depois de ver a cédula de identidade de Regina. Para ela aquela mulher não era Regina e, sim, a moça que passou o fim de semana no seu sítio, com a sua família, e que agora recusava-se a reconhecê-la.

5. Bilocação *versus* invasão espiritual

A meu ver, há aqui duas ordens de fenômenos. A primeira consiste em desdobramento que acarreta a bilocação, ou seja, a pessoa é vista em dois lugares ao mesmo tempo. A dificuldade que encontra esta hipótese para explicar o caso do fim de semana está em que é bem mais raro o fenômeno do desdobramento enquanto o corpo físico se mantém em atividade normal ou mesmo mais reduzida. Vimos, com a srta. Sagée (¹⁷⁰) que, ao desdobrar-se, no jardim, seus movimentos continuaram, ou seja, ela seguiu colhendo flores, embora mais lentamente, enquanto o outro corpo foi sentar-se na poltrona do salão de trabalhos manuais. Este caso é impecável porque as mesmas pessoas – e muitas pessoas – viam, ao mesmo tempo, a Sagée I e a Sagée II, uma no jardim e outra na poltrona. É possível, portanto, o fenômeno. Regina mesma o confirma, desdobrando-se em

170 O próximo tópico será sobre este caso.

ambiente ruidoso a fim de se livrar do barulho, enquanto seu corpo fica lá, não em relaxamento ou sem movimentos, mas normalmente. O famoso fenômeno de bicorporeidade de santo Antônio de Pádua confirma que o normal em tais episódios é ficar o corpo físico em repouso enquanto o perispírito se desloca no espaço (ou no tempo). Segundo os relatos – que parecem fidedignos, porque o fenômeno foi testemunhado por muita gente, tanto de um lado como de outro –, o santo estava pregando, quando se ajoelhou no púlpito e ali ficou seu corpo imóvel, enquanto, em espírito, foi a Lisboa defender a causa do pai, injustamente acusado de crime que não cometera.

Não estamos aqui certificando que o caso se passou exatamente assim, mas que é possível, sem recorrer à hipótese do 'milagre' como derrogação de leis divinas.

A outra ordem de fenômenos não é uma bilocação e sim, uma invasão espiritual, via mediúnica. Uma vez a sensitiva desdobrada de seu próprio corpo físico, este fica à mercê de espíritos desencarnados que se incorporam, ou melhor, passam a controlar o corpo alheio e dele se servem, nos seus deslocamentos, como se encarnados estivessem. Exatamente isso acontecia com Eva, com Sybil com Henry Hawkworth (*The five of me*) e outros tantos.

[...].

É preciso considerar, contudo, que, na avaliação dos fenômenos psíquicos em geral, é sempre seguro optar-se pela hipótese mais

provável e/ou aquela que se produz com economia de esforço, seguindo a linha de menor resistência, como tudo o que se processa nos vastos laboratórios da vida. Se você derrama um balde d'água num piso cimentado de um cômodo ou pátio, ela não galgará elevações e ressaltas em desafio às leis que regulam a dinâmica dos líquidos. Ao contrário, ela escorrerá pelos desníveis que levam para baixo, embora invisíveis ao olho inexperto. Não é outra razão pela qual os cursos d'água, desde as suas origens até a foz que os entrega ao mar, buscará os caminhos mais fáceis e, por isso, traçam curvas e zigue-zagues caprichosos ao longo dos quilômetros percorridos até o mar.

Por isso, no exame final dos casos há pouco relatados por Regina, prefiro concluir que eram todos devidos a uma incorporação mediúnica e não, a um desdobramento. Ou seja, ela não era encontrada, em seu perispírito adensado, em local diferente de onde deveria estar, mesmo porque nunca teve oportunidade de conferir com precisão a hora em que era vista num lugar quando deveria estar em outro, Não houve esse rigor científico neste caso. Pessoas lhe diziam tê-la visto, aqui ou ali, há dias, ou semanas atrás, não às tantas horas do dia tal, na rua tal vestida desta ou daquela maneira. Se difícil, senão impraticável, saber, ela própria, o que estava fazendo naquele exato momento, a não ser que ocorresse em dia e hora de aula. Esse dado ela não possui. Fico, por conseguinte, com a hipótese mais provável ainda que neste caso, a mais complexa, porque exige a interferência de um espírito que não o seu.

Considerando suas óbvias faculdades mediúnicas desde a infância e sua facilidade de desdobramento (ou ausências, como quer a psiquiatria), a hipótese de uma incorporação espiritual é mais aceitável do que a bicorporeidade, dado que esta não apenas pressupõe certo estado de relaxamento ou repouso, como às vezes, até sono mais profundo. Além do mais, tornar-se-ia muito mais difícil e até pouco provável que seu perispírito desdobrado conseguisse tal grau de adensamento que tivesse a aparência de um corpo sólido, identificável, caminhando à plena luz do dia pelas ruas de uma cidade movimentada como o Rio de Janeiro. O que alunos seus e amigos viam, portanto, em locais diferentes de onde a supunham estar, não era Regina/espírito, com o correspondente corpo físico de Regina, mas um espírito desconhecido na posse do corpo físico de Regina. Para isso bastava afastá-la temporariamente do corpo – hipnose ou magnetização, às quais ela é extremamente suscetível, como pude eu mesmo verificar – e assumir os controles do seu cérebro e, conseqüentemente, do corpo material. Todos nós que viajamos de ônibus ou outra condução, regularmente, como rotina de trabalho, sabemos da facilidade com que nos desligamos do ambiente e da paisagem, familiares demais e que nenhum interesse tem a nos oferecer. De um estado de alheamento à sonolência ou ao desligamento efetivo do perispírito não há mais que um passo ou dois, ou seja, alguns momentos. Vimos um episódio em que ela 'perdeu-se' (o verbo é dela mesma) por quarenta minutos, mas continuou no mesmo ônibus, onde

foi acordar depois, já muito distante do ponto onde deveria ter saltado. Não sabemos, contudo, das vezes em que os espíritos invasores conseguiram fazê-la descer e tomar outro rumo como, por exemplo, ir passear em Copacabana, onde Regina (corpo físico) foi vista, sem que ninguém suspeitasse de que o espírito que controlava esse corpo *não era o de Regina*.

6. Manifestação mediúnica de uma condômina

No já citado caso de Henry Hawksworth, o sensitivo era um garoto de três anos, quando teve um desmaio (ou seja, uma ausência). Só iria despertar quarenta e três anos depois, aos quarenta e seis anos de idade, casado com uma mulher que ele nem conhecia e com filhos que, a rigor, não eram seus, embora gerados na esposa com a participação de seu corpo físico que, neste ínterim, fora ocupado rotativamente por várias entidades. Estou certo de que a ciência ainda está achando que essas 'personalidades' são fictícias, desdobramentos da personalidade central, facetas ou cisões desta. Na realidade, porém, são espíritos autônomos que vivem em condomínio disputando a posse de um mesmo corpo. Em nossas experiências mediúnicas, ao longo dos anos, tivemos uma única oportunidade (infelizmente uma só) de conversar com um dos espíritos que partilhavam um condomínio desses no corpo da jovem esposa de um amigo que nos procurou para conversar sobre o assunto que o deixava aturdido. O caso era semelhante ao de Regina nas suas estruturas, ainda que não nas conseqüências, de vez que já se agravara pela consolidação do domínio de uma comunidade de espíritos desencarnados sobre a companheira

encarnada. Havia entre eles uma espécie de pacto ou acordo e até certa disciplina para que cada um deles tivesse sua oportunidade de sair com o corpo da única que era, de fato, encarnada. Ao que pudemos apurar, eram todas mulheres e tinham tendências diversas e temperamentos também diferentes, como é de se esperar em pessoas diferentes. Uma era mais caseira e gostava de cuidar das crianças; a outra, um tanto infantil (seria ainda uma criança também?), brincava com os filhos do casal; uma terceira apresentava forte conotação política na sua formação e envolvia-se com grupos ativistas que punham o pobre marido em polvorosa.

A que veio nos falar, utilizando-se dos recursos da mediunidade, manifestou-se como qualquer espírito, sendo muito franca e não fazendo mistério algum. Sim, participava do grupo, entrosavam-se bem e estavam muito satisfeitas com o arranjo; a outra tinha com elas um compromisso – que ela não esclareceu, mas que mencionou discretamente – e não conseguiríamos desfazer o grupo, no qual imperava certa harmonia de interesses.

No caso de Regina, não ficamos sabendo – pela ausência de pesquisa época e pelo tempo decorrido – quantas e que entidades operavam com seu corpo e o que faziam, mas tudo leva a crer que havia uma cena comunidade de interesses em torno dela. Diz ela que, às vezes, sem nenhuma razão aparente, sentia-se dominada por um sono quase invencível. Era preciso um tremendo esforço de vontade para não se deixar adormecer em plena aula no meio de alguma tarefa qualquer. Nem sempre,

contudo, tinha condições de escapar a tais induções. Bastava afastar-se o perispírito do corpo físico como já vimos, que ela tinha a maior facilidade de desdobramento – para que tornasse possível à outra assumir seus controles mentais. Uma desculpa qualquer aceitável poderia ser formulada para que se vissem tais invasores com liberdade para sair com o corpo dela. Como esta, por exemplo: – Hoje terei de acabar a aula mais cedo, pois preciso ir ao médico.

Por outro lado, convém considerar um importante e dramático aspecto, o de que a memória dos eventos ocorridos durante as ausências, quando o corpo físico fica entregue a outro espírito, não fica com o dono do corpo e sim com o espírito invasor ou possessor. Daí porque, ao retomar o corpo, em local distante daquele em que deveria estar naquele momento, Regina sofria um angustiante período de perda de identidade até que conseguisse retomar todos os seus controles mentais no corpo e lembrar-se novamente de que era Regina e acabara de se perder por mais algum tempo, sem saber onde estivera e fazendo o quê. ⁽¹⁷¹⁾ (grifo em itálico do original, em negrito nosso, exceto os títulos)

Percebemos que Hermínio Miranda tinha consciência de que para que o desdobramento “ocorra o normal é que o corpo físico esteja, pelo menos, em repouso, em estado de relaxamento, quando não adormecido mesmo.” Falando sobre o caso de bilocação

171 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas*, p. 227-238.

do Santo Antônio de Pádua (1191-1231), reafirma “o normal em tais episódios é ficar o corpo físico em repouso enquanto o perispírito se desloca no espaço (ou no tempo).”

Levanta, para alguns casos, a hipótese de uma incorporação espiritual como a explicação mais cabível, justificando que para ocorrer bicorporeidade, pois “esta não apenas pressupõe certo estado de relaxamento ou repouso, como às vezes, até sono mais profundo.” E aqui perguntaríamos: o caso de Emilie Sagée não poderia ser algo parecido?

Diz também que “De um estado de alheamento à sonolência ou ao desligamento efetivo do perispírito não há mais que um passo ou dois, ou seja, alguns momentos.”, o que explicaria o fato de certas ocorrências não ser notada pela pessoa viva.

O inexplicável caso de Emilie Sagée

Como visto, esse foi um dos casos mencionados por Kardec quando ele falava da obra de Perty. Talvez seja o caso mais citado pelos estudiosos e pesquisadores, entre eles, por exemplo, Alexandre Aksakof (1832-1903), Léon Denis e Gabriel Delanne.

Na obra *Animismo e Espiritismo* (publicada em 1890), Aksakof o menciona. É dele que transcrevemos o seguinte relato:

Sob esta categoria vêm juntar-se numerosos fatos observados em todos os tempos e conhecidos sob o nome de aparições de duplos. A Ciência nunca os considerou de outra maneira a não ser como alucinações puramente subjetivas; mas graças aos trabalhos da sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, que erigiu para si um monumento eterno com a publicação de sua obra capital: *The Phantasms of the Living* (edição francesa abreviada, sob o título *Alucinações Telepáticas*, Paris, 1891, em 8º, Alcan), essa explicação superficial não é mais admissível.

Centenas de fatos novos recolhidos de primeira mão pela Sociedade e verificados por ela com todo o cuidado possível provam de maneira incontestável que existe uma relação íntima entre a aparição do duplo e a pessoa viva que ele representa; desde então, se é uma alucinação, é, segundo a expressão dos autores da obra, uma alucinação verídica, isto é, o efeito

de uma ação psíquica, emanante de uma pessoa que está longe da que vê a aparição. [...].

O fato mais precioso e mais instrutivo desse gênero é, certamente, o do **desdobramento habitual de Emília Sagée**, que foi observado durante meses por um colégio inteiro, e que se produzia ainda quando a própria Emília era visível para todos.

Somos devedores deste fato a Robert Dale Owen, que o recebera de primeira mão da Baronesa Júlia de Güldenstubbe, e deu dele, em seu *Footfalls on the Boundary of Another World* (Passos na Fronteira de Outro Mundo), uma breve narração que Perty mencionou em sua brochura *Realidade das Forças Mágicas* (pág. 367); todavia, mais tarde, informações mais circunstanciadas, fornecidas pela própria Baronesa Güldenstubbe foram publicadas em *Light* de 1883, página 366, e como o caso é extremamente notável e pouco conhecido, cito-o na íntegra.

"Aparição do duplo da jovem Emília Sagée

"Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga e a 1 légua e meia da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de 'Colégio de Neuwelcke'. O diretor naquela época era o Sr. Buch.

"O número das colegiais, quase todas de famílias livonesas nobres, levava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a segunda filha do Barão de Güldenstubbe, da idade de treze anos.

"No número das professoras havia uma

francesa, a jovem Emília Sagée, nascida em Dijon. Tinha o tipo do Norte; era loura, de belíssima aparência, de olhos azuis-claros, cabelos castanhos; era esbelta e de estatura pouco acima da mediana; tinha gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa e durante o tempo (um ano e meio) em que esteve em Neuwelck não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e os diretores mostraram-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.

“Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, frequentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião, dizendo: 'Isso não; não é possível, pois acabo de passar por ela na escada', ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como o fato não cessava de reproduzir-se, as meninas começaram a julgá-lo muito estranho e finalmente falaram sobre ele às outras professoras. Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.

“Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a

possibilidade de fantasia ou de erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Gldenstbbe e que, para melhor fazer compreender a sua demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

“Daí, grande sensao no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceo, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrio que faziam do fenômeno.

“Pouco depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar sua toalete, e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, a menina viu no espelho duas Emlias Sagée que se ocupavam consigo. Ficou tão aterrada com essa brusca apario, que perdeu os sentidos.

“Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, o duplo da professora de p, por trás de sua cadeira,

imitando seus movimentos, enquanto ela jantava, porém sem faca, garfo ou comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

“Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali. Em certa ocasião, estando de cama por causa de um defluxo, a menina de quem se tratou, a menina de Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-la, viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos; em seguida, a menina, atemorizada, perguntou-lhe se se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina de Wrangel, voltando-se casualmente alguns instantes depois, divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento. Desta vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas pouco depois desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

“O caso mais notável, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas é certamente o seguinte:

“Certo dia todas as alunas, em número de quarenta e duas, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Era um salão do andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam

diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha ou outros análogos.

“Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa e podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo em que trabalhavam, viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa; era uma das suas distrações prediletas. No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde. Em dado momento, essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas por pouco tempo, pois que as meninas viram ali de repente a forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga. De novo dirigiram os olhos para a poltrona em que o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala, acreditariam que era ela em pessoa. Convictas, no entanto, de que não se tratava de uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas

se aproximaram da poltrona e, tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou de crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a atravessar na realidade uma parte da forma. Apesar disso, esta durou ainda por certo tempo; depois desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recomeçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual. As quarenta e duas colegas verificaram o fenômeno da mesma maneira.

“Algumas dentre elas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela tinha experimentado alguma coisa de particular; esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada: 'Eu preferiria que a professora não se tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura.'

“Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses, isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou seu emprego em Neuwelcke (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma a muitas semanas. Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus serviços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser

corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo e, do mesmo modo, parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.

“Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstube teve a oportunidade de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea; algumas vezes, entretanto, o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento. Todo o pessoal da casa o tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

“Pode-se facilmente imaginar que um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem lhe dar prejuízo. Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou aos ouvidos dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegiais testemunhavam uma viva excitação e desfaziam-se em recriminações

todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulo em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, foi preciso que os diretores sacrificassem Emília Sagée.

“Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Guldenstubbe: 'Oh, já pela décima nona vez; é duro, muito duro de suportar!'”

“Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda parte por onde tinha passado – e desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de ir a Neuwelcke –, os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando sua destituição. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os outros pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. Em razão dessas circunstâncias, ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do precedente quanto possível.

“Depois de ter deixado Neuwelcke, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para a companhia de uma cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos. A jovem de Guldenstubbe

foi visitá-la ali e soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos, conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emília.

“Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Güldenstubbe não mais ouviu falar a seu respeito.

“Eu soube de todos esses pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbe, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de data; ela se conservou no pensionato de Neuwelcke durante todo o tempo em que a jovem Sagée lecionou ali; por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os seus pormenores.” ⁽¹⁷²⁾ (grifo nosso, exceto o do título do caso)

Parece-nos que esse caso foge ao padrão que se vê nos outros casos, nos quais se confirmou que após o afastamento ou desprendimento da alma “[...] jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres.” ⁽¹⁷³⁾ ou “[...] Pode acontecer que o corpo não durma, embora isto seja muito raro. Em todo caso, jamais se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um

172 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. 255-262.

173 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 59.

estado mais ou menos extático.” (174). Ademais é preciso não esquecer que “A alma não se divide, no sentido literal da palavra.” (175).

Considerando que essas circunstâncias são necessárias, como já o dizemos várias vezes, então esse caso de Emílie Sagée deveria ser visto sob outra perspectiva. Kardec, infelizmente, não lhe deu nenhuma explicação especial, e ao que pudemos entender não os sancionou tacitamente.

O dr. Ary Lex (1916-2001), em *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*, após citar o caso do juiz de cantão e esse de Sagée, tece as seguintes considerações:

Os leigos poderiam objetar: Mas como? Então o Espírito se dividiu em dois? Responderemos: - O Espírito é indivisível; não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ocorre o seguinte: na bilocação, o Perispírito se desprende parcialmente, ainda envolvendo o Espírito, formando, assim, o duplo fluídico, à custa de uma condensação do Perispírito, podendo tornar-se visível e até tangível. Dá, assim, a impressão de um ser real, que se movimenta. Mas o desprendimento dele, em relação ao corpo orgânico, nunca é total, senão a pessoa morreria. O Perispírito continua ligado ao

174 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 119, p. 130.

175 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, item 119, p. 130.

corpo, através de um cordão ectoplasmático, como foi explicado antes, quando falamos dos sonhos e das viagens astrais. A condição necessária, como explica Gabriel Delanne, é ficar o corpo como que adormecido, em transe ou em estado cataléptico. Não pode haver atividade simultânea do corpo e do duplo, ou seja, não pode haver divisão do comando espiritual. ⁽¹⁷⁶⁾ (grifo nosso)

A posição do renomado estudioso dr. Ary Lex é a que estamos defendendo desde o início desse estudo.

É importante registrar que alguns dos estudiosos mencionados optaram por entendê-lo como tenha ocorrido a emancipação da alma, com atividade em ambos os corpos. É certo que não estamos a altura de nenhum deles, mas não concordamos com atividade plena da consciência em ambos os corpos, pois, no caso, suporia a divisão do Espírito.

Delanne é quem vai nos oferecer alguma explicação razoável. Vejamos o que ele coloca em *O Espiritismo perante a Ciência*:

Evidencia-se um fato desta narrativa, a relação íntima que existe entre o estado do corpo e o duplo. Quando o perispírito se torna menos vaporoso, mais sólido, o corpo enfraquece, quando se toma fluídico, o organismo material retoma forças. Isto indica que existe um laço

176 LEX, *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*, p. 67-68.

entre o corpo e o duplo. Dassier denomina-o tecido vascular invisível. Kardec ensina há muito tempo que, durante o sono, a alma se desprende do corpo, mas que lhe fica sempre ligada por um cordão fluídico e que, se ele se rompesse, a morte do paciente seria instantânea.

Emilie Sagée, de constituição muito nervosa, era sujeita ao desprendimento da alma, mas o fato é notável porque o desdobramento se dava, mesmo durante a vigília, enquanto que, de ordinário, ele só se opera quando o corpo está mergulhado no sono.

Se nos reportarmos aos casos de sonambulismo lúcido, narrados por Charpignon, compreenderemos a série ascendente que se manifesta nesses diferentes fenômenos. No sonambulismo, natural ou provocado, a alma se desprende do corpo, porque este, mergulhado no sono, tem uma vida menos ativa, o que permite ao Espírito escapar-se, por momentos, do seu invólucro e ver o que se passa a distância.

No caso de desdobramento, a alma separa-se, no sono, da mesma maneira, mas, ora se materializa de forma imperfeita, como vimos com a alsaciana, ora toma um aspecto inteiramente material, pode escrever e falar. Se o fenômeno é ainda mais acentuado, a bicorporeidade se manifesta sem que o paciente esteja adormecido, como o prova a história precedente, mas, então, quanto mais o duplo adquire tangibilidade, mais a inspetora se torna fraca e enlanguescida.

Estas observações confirmam plenamente o ensino de Allan Kardec. Encontramos, com efeito,

em O Livro dos Espíritos, a explicação racional de todos esses casos singulares. A alma é retida ao corpo por seu perispírito, que tem por condutor o sistema nervoso; segue-se que todas as modificações trazidas a esse sistema, que tenham por fim paralisar sua ação, favorecerão o desprendimento da alma. ⁽¹⁷⁷⁾ (grifo nosso)

Um pouco mais à frente lemos:

Em suma, diremos com Allan Kardec, que o indivíduo que se mostra, simultaneamente, em dois lugares diferentes, tem dois corpos; mas, desses dois corpos, um só é permanente, o outro é apenas temporário; pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo a da alma. Ao despertar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma reaparece no corpo material.

Não pareceria possível que pudessem dois corpos, em estado de separação, gozar simultaneamente, e no mesmo grau, a vida ativa e inteligente. Entretanto, dir-se-ia contradizerem esta lei os exemplos de Antônio de Pádua e de Xavier.

Deve-se, talvez, atribuir essa divergência aos cronistas, que, impressionados por fatos tão estranhos, quiseram torná-los ainda mais misteriosos, atribuindo-lhes uma simultaneidade absoluta. ⁽¹⁷⁸⁾ (grifo nosso)

Observamos que, na sua exposição, ele tem

177 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 234.

178 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 250-251.

conhecimento de que:

a) “o desdobramento se dava, mesmo durante a vigília, enquanto que, de ordinário, ele só se opera quando o corpo está mergulhado no sono.”;

b) “a alma se desprende do corpo, porque este, mergulhado no sono, tem uma vida menos ativa”;

c) “Não pareceria possível que pudessem dois corpos, em estado de separação, gozar simultaneamente, e no mesmo grau, a vida ativa e inteligente.”

Eis as razões pelas quais, julgamos, se deve buscar outras explicações.

Tendo em vista que esse caso não tem paralelo, é mesmo de se supor outra explicação plausível para ele, especialmente pelo que Delanne menciona ao final, que nos pareceu razoável.

Vejamos uma das falas de Denis, já citada, em que ele afirma:

Não nos seria lícito deixar de mencionar ainda os casos de incorporação de vivos no organismo de médiuns adormecidos. Esse gênero de manifestações introduz quase sempre um elemento de confusão e erro nos fenômenos de “transe” e é preciso uma experiência consumada para os não confundir com as manifestações dos desencarnados. Com efeito, os vivos incorporados em um organismo estranho

nem sempre têm a noção perfeita de sua verdadeira situação. ⁽¹⁷⁹⁾ (grifo nosso)

Será que o que acontecia com Sagée poderia ser visto como uma incorporação ou, quem sabe, poderia ser uma destas duas possibilidades?:

1ª) a jovem estaria envolvida no processo obsessivo, algum Espírito vingativo, procurava de todos os meios, fazer com que as pessoas a despedisse do emprego, e para isso tomava a sua aparência e a imitava no que fazia;

2ª) o fato foi mesmo real, e, na verdade, tudo leva mesmo para esse lado; entretanto, pelas suas particularidades fica evidente que o espírito da jovem surgia como se fosse uma aparição materializada, que nada dizia, falava, ou escrevia; portanto, numa condição de total apatia, quase como se fosse que um holograma de Sagée.

É importante destacar este trecho da transcrição, para se ver, segundo Aksakof, em que condições se dava a manifestação da alma da jovem Emilie Sagée:

[...] Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus serviços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido e adquiria maior

179 DENIS, *No Invisível*, p. 151.

consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo e, do mesmo modo, parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas. [...]. ⁽¹⁸⁰⁾ (grifo nosso)

Fica claro, portanto, que havia algo que não permitia, ou seja, que impedia a manifestação plena da parte corporal e da duplicata da jovem, em razão disso não vemos nenhum sentido generalizar e dizer que o duplo possa manifestar-se com independência, ainda que relativa, do corpo em estado de plena vigília.

Percebe-se, do final da fala de Aksakof, um certo estado alterado de consciência de Sagée, que assim se referiu a ela: “[...] nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo”, ao que ele arrematou dizendo “parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.”

Apenas para demonstrar que um relato pode

180 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo*, p. 260.

levar a gente a pensar algo que, de fato, não aconteceu. Trazemos o caso da Sra. Natalie Annenkof (? - ?) ⁽¹⁸¹⁾, mencionado por Bozzano, na obra *Fenômenos de Bilocação (desdobramento)*:

Na primavera de 1926, durante um dia belo e quente, estava eu no cemitério, sentada à beira da sepultura de minha filhinha, que eu perdera recentemente. Achava-me deprimida e triste, mas gozava de boa saúde. Recordo-me bem de que, enquanto observava as abelhas que faziam a sua provisão de mel nas flores que eu havia plantado, senti que me tomava leve; cada vez mais leve física e moralmente. Minha primeira impressão foi a de que as minhas pernas e os braços já não pesavam, depois o ventre e em seguida o peito. E de repente achei-me acima e ao lado de meu corpo, que eu via sentado na borda do túmulo. Contemplei o meu rosto fatigado e notei mesmo que o meu mantô estava manchado de terra. Tinha a sensação de pairar sobre o meu corpo, em completa beatitude, e experimentava a sensação de um grande e luminoso prazer de viver, como se eu vivesse mil vidas ao mesmo tempo, e de completa quietude. (grifo nosso)

O que está acima relatado nos leva à conclusão de que Natalie se desdobrou, mas ainda ficara bem consciente, não teria dormindo ou ficado em nenhum estado alterado de consciência. Certamente, que

181 BOZANNO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 53-54.

defenderíamos o desdobramento em plena vigília. Mas, vamos seguir o relato para ver o que de fato aconteceu a Natalie.

Não podia mover-me e disso não sentia necessidade, mas podia ver, compreender e ter o sentimento de uma vida interior e ditosa. Meu corpo parecia um farrapo, alguma coisa abandonada, e eu pensava: “Isto é a morte!” e, contudo, sentia o prazer de viver.

Vi o guarda do cemitério aproximar-se de meu corpo, tocá-lo, apalpá-lo, chamar-me e partir correndo. Mais tarde me disse que fora chamar a ambulância, pois as minhas mãos e os pés começavam a esfriar.

Quando o via a correr, compreendi que ele me julgava morta e repentinamente fiquei aterrorizada. “Isto é a morte! – pensei eu. – Como irá meu marido viver sem mim?”, mas eu me sentia tão cheia de vida que me disse a mim mesma: “E preciso que eu volte a entrar no meu corpo”. Tentei reentrar nele, temia não poder consegui-lo.

Comecei por sentir o peso, em seguida as dores, as pequenas indisposições às quais estamos de tal modo habituados que quase nos passam despercebidas. Logo depois veio a tristeza e uma vontade de chorar. Pouco a pouco fui recuperando meu corpo. (grifo nosso)

Comprova-se que o corpo de Natalie ficou em estado alterado de consciência, o que modificará todo entendimento da experiência pela qual passou.

Por outro lado, temos que tomar muito cuidado quando se diz que o agente estava consciente, pois estaria se referindo ao fato dele ter vivenciado um desdobramento consciente, ou seja, sua alma emancipada do corpo consegue perceber o que acontece à sua volta. Portanto, nada tem a ver com o corpo está consciente, se assim podemos nos exprimir.

E, como já foi dito, onde estiver a consciência (mente) estará também o Espírito, pois aquela é inseparável deste.

Apenas para não deixar de registrar, informamos que o astrônomo Camille Flammarion (1842-1925), em *A Morte e o Seu Mistério*, menciona esse caso. Após citá-lo ele faz o seguinte comentário:

Viu-se mais acima que a Srta. Sagée era de Dijon. Encontrando-me próximo dessa cidade (no solar de Quincey) em agosto de 1895, procedi a investigações para saber se uma família Sagée ali existira ou existia ainda; o resultado das buscas por mim realizadas acerca dos registros do estado civil de Dijon não é despidido de curiosidade:

Esta professora tinha 32 anos em 1845. Havia nascido, portanto, em 1813. Nos registros civis de Dijon não se encontra nenhuma família Sagée; mas consignavam o nascimento, em 3 de janeiro de 1813, de uma criança de nome Otávia Saget, "filha natural". Este nome parece-se de tal modo com o da professora que se

torna difícil duvidar da identidade. A sua vida nômade na Alemanha e na Rússia não se explicará pelo seu irregular nascimento? A memória da Srta. Gùldenstubbé teria determinado ligeira confusão tanto no prenome como na ortografia do nome? É possível, dado o fato de que todas essas narrativas foram relatadas em línguas estrangeiras. A professora, alarmada com as suas 18 mudanças de situação, não teria, de resto, alterado um pouco o seu apelido?

Carl du Prel falou dessa história de desdobramento na sua obra "A Morte e o Além" (1905) ⁽¹⁸²⁾ e ortografou o nome Emília Saget. "Seu corpo astral – escreve ele – foi visto por todo um pensionato de moças durante o tempo em que ela permaneceu no Colégio." ⁽¹⁸³⁾ (grifo nosso)

Muito estranha a afirmativa de Flammarion de que os nomes parecem, o do registro civil é Otávia Saget e o outro é Emília Saget, considerando a ortografia de Du Prel.

182 Publicado pela LAKE, São Paulo, em março/2012, com o título *O Outro Lado da Vida*.

183 FLAMMARION, *A Morte e o Seu Mistério*, p. 47.

O que a experiência de médiuns aponta

Muitas vezes é necessário vermos o que a experiência de médiuns nos revela, é o que faremos no presente caso.

Como previmos, agora é o momento de vermos os fenômenos de bicorporeidade ocorridos com o médium Eurípedes Barsanulfo. Encontramos duas fontes que relatam estas situações vividas por esse médium:

1^a) Obra *Eurípedes Barsanulfo – o Apóstolo da Caridade*, de autoria de Jorge Rizzini 1924-2008), lemos:

[...] nessa noite revelara ele vários dons mediúnicos que haveriam, mais tarde, de ampliar-se: vidência, audição, psicofonia, psicografia, efeitos físicos, cura, bicorporeidade... ⁽¹⁸⁴⁾ (grifo nosso)

Era comum Eurípedes Barsanulfo no pátio do colégio ou em plena sala de aula entrar em transe sonambúlico. As pálpebras, então, fechavam-se, o rosto ficava pálido, o suor escorria e... seu espírito libertava-se! Os alunos, já acostumados com o fenômeno ficavam em silêncio à espera de que o professor abrisse os olhos e narrasse o que vira ou o que fora fazer em espírito pela cidade; uma cura, um parto ou... verificar porque determinado

184 RIZZINI, *Eurípedes Barsanulfo – o Apóstolo da Caridade*, p. 44.

aluno travesso fugira do colégio. ⁽¹⁸⁵⁾ (grifo nosso)

Parto mediúnico (e bi-locação) (sic) – Certa vez, disse Eurípedes Barsanulfo, sorrindo, após o transe durante uma aula:

– Prestem atenção. Acabo de estar em uma residência atrás da igreja do Rosário, fazendo um parto difícil. O marido não sabe que já é pai e está a caminho daqui. Vem a cavalo e com roupa de montaria. Ele está, neste momento, apeando em frente ao colégio. Vai agora subir os degraus da escada. Quando ele entrar na sala os senhores devem ficar em pé e depois sentar. Atenção... Ele vai entrar...

E o homem com chapéu e roupa de montaria entrou muito aflito, pedindo a Eurípedes Barsanulfo que fosse, urgentemente, fazer o parto, pois a mulher estava passando mal.

– Acalme-se, respondeu o médium, sorrindo. Fiz o parto há cinco minutos atrás...

Não é possível, “seu” Eurípedes. Há cinco minutos atrás eu teria visto o senhor pelo caminho.

– O senhor não me viu porque fui em espírito. Mas, eu vi o senhor. Pode voltar para sua casa, sossegado. A menina que nasceu é bonita e forte.

O homem, porém, duvidou e, temendo pela vida da mulher, levou Eurípedes Barsanulfo... A parturiente, com a filhinha deitada ao lado, ao ver o médium, exclamou:

185 RIZZINI, *Eurípedes Barsanulfo – o Apóstolo da Caridade*, p. 75.

– O senhor não precisava vir de novo, “seu” Eurípedes... Eu e o bebê estamos passando bem!

Eurípedes Barsanulfo, então, regressou, rápido, ao colégio para continuar a aula interrompida. ⁽¹⁸⁶⁾ (grifo nosso)

Não resta dúvida alguma sobre o fato de que, no momento de seus deslocamentos, Eurípedes ficava num estado de êxtase, sem conexão com a realidade, só a tendo onde se manifestava em Espírito.

O detalhe acontecido com ele é que também ocorria o fenômeno de materialização, a ponto de conseguir, conforme relatado, realizar um parto difícil.

2ª) Na obra *Eurípedes – o Homem e a Missão*, da autora Corina Novelino (1912-1980), temos:

AS “VIAGENS” DO PROFESSOR

Os famosos desdobramentos de Eurípedes, semelhantes aos de Antônio de Pádua, propiciavam aos sofredores a assistência do grande médium, nos processos de bilocação visível e tangível, frequentemente na sua missão excepcional.

Os alunos estavam tão familiarizados com essas “viagens” de Eurípedes, que já reconheciam as características com que se apresentavam.

186 RIZZINI, *Eurípedes Barsanulfo – o Apóstolo da Caridade*, p. 77-78.

Eis como o Dr. Tomaz Novelino, um de seus alunos, descreve um desses importantes desdobramentos:

“Desprendia-se facilmente, transportando-se, em espírito, à distância. Quantas vezes, em aulas, ele pendia a cabeça, caía em sono e permanecia assim por alguns minutos. Era por ocasião da primeira grande guerra e, com horror, descrevia os combates de que tinha sido testemunha.

Desprendia-se outras vezes, visitando doentes à distância, presença muitas vezes sentida e notada por alguns de seus enfermos.

Sentia a ação dos pensamentos de muitos de seus amigos e enfermos, que o chamavam de longe, em certas arremetidas insistentes e importunas.”

Em depoimentos de vários alunos, encontramos a informação que se segue:

Os alunos conheciam o momento em que se processavam os desdobramentos do mestre e quando algum distraído não percebia a situação era, incontinente, alertado por outro colega:

– S' Eurípedes já se foi embora...

Todos se conservavam em respeitoso silêncio o que evidentemente, contribuía para o êxito do trabalho de Eurípedes.

Dentro de poucos minutos, regressava Eurípedes de sua excursão espiritual, relatando episódios, que se prendiam à assistência a enfermos. Muitas vezes,

relacionava portadores apressados que se dirigiam à cidade, em busca de auxílios para algum doente, em estado desesperador. Inúmeros foram os casos em que Eurípedes afirmara ao homem da estrada: "Volte, meu irmão. O enfermo acaba de desencarnar."

Esses fatos se confirmaram, posteriormente.
(¹⁸⁷) (grifo nosso)

Esses momentos de transe de Eurípedes, em que ficava "viajando" totalmente fora da realidade à sua volta, eram fatos comuns, até mesmo reconhecidos por seus alunos: "Quantas vezes, em aulas, ele pendia a cabeça, caía em sono e permanecia assim por alguns minutos."

A médium Yvonne A. Pereira não pode deixar de ser citada, pois suas experiências nos seus desdobramentos relatados na obra *Devassando o Invisível* muito nos ajudarão.

Como de hábito, independente sempre da nossa vontade, tivemos o espírito arrebatado para um voo pelo Espaço, cuja finalidade se manteve velada ao nosso entendimento terreno até hoje, pois de coisa alguma conseguimos recordar-nos ao despertar. Apenas pudemos perceber que fôramos atraída sob as injunções de Charles, pois que o víramos aproximar-se, distintamente, antes de lançar a

187 NOVELINO, *Eurípedes - o Homem e a Missão*, p. 135-136.

descarga fluídica que nos levou a adormecer magneticamente, no transe que se seguiu. Ao regresso, porém, mal despertávamos, notamos estar acompanhada também por outra entidade, além de Charles, reconhecendo tratar-se de Frederico Chopin, já nosso conhecido desde o ano de 1931. Totalmente desperta, mas ainda imobilizada sob a dormência da letargia, compreendemos que se acentuava a materialização das duas individualidades em apreço, pois jamais os amigos espirituais abandonam seus médiuns antes que se desfaça a ação melindrosa de um transe dessa natureza. (188) (grifo nosso)

[...] portanto, desde nossa primeira juventude vimos exercendo tarefas mediúnicas nas “regiões inferiores” do Invisível, onde a desgraça e a dor, a desordem e o vício, o opróbrio e a miséria, a maldade e o remorso, o ódio e a vingança, e até a licenciosidade e o crime [...] de tão intensos, se afigurariam inacreditáveis às mentalidades pouco afeitas a análises profundas sobre assuntos transcendentais. E porque os desprendimentos espirituais peculiares às nossas faculdades, através do transe letárgico, trazem a singularidade de permitir lembranças, por vezes minuciosas, do que nos é dado presenciar no Espaço, procuraremos descrever, nestas páginas, algo de nossas experiências, já que o fazemos ao sabor das intuições dos amigos espirituais que nos assistem e cumprindo, por sinal, suas

próprias determinações. ⁽¹⁸⁹⁾ (grifo nosso)

[...] Na noite de 18 de Março de 1958, no entanto, encontrando-nos, durante uma temporada, na residência daqueles nossos familiares, eis que a figuração espiritual de Charles, envolvida na sua luminosa e bela roupagem de iniciado hindu, apresentou-se à nossa visão e, adormecendo-nos em sono magnético, como habitualmente, arrebatou nosso espírito, deixando o corpo carnal imerso em letargia. Passado o primeiro atordoamento, fenômeno invariável nesse gênero de desprendimento, nós nos reconhecemos no recinto da própria residência da paciente, sem alçar ao Espaço, acompanhada pelo nobre amigo, mas rodeada de seres disformes, extravagantes, feios, grotescos, repulsivos. [...]. ⁽¹⁹⁰⁾ (grifo nosso)

Nos primeiros momentos, supusemos tratar-se de uma das meninas da casa onde nos hospedávamos, as quais usavam uniformes idênticos. Mas, encontrando-se presente o nosso mentor espiritual Charles, que também é iniciado hindu, depressa compreendemos o que realmente se passava. Mergulhou-nos o nobre amigo em transe letárgico e perdemos a noção de nós mesma durante um período de tempo que tanto poderia ser de minutos como de séculos, pois, quando nessa inconsciência, nesse lapso singular e intraduzível, o espírito do médium é absolutamente incapaz de medir o tempo. Nem mesmo tem noção de longevidade

189 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 87.

190 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 108.

ou de brevidade. ⁽¹⁹¹⁾ (grifo nosso)

Observa-se, nessa amostra, que os seus desdobramentos sempre eram produzidos pelo Espírito Charles, seu mentor espiritual, este, por ação magnética, a leva a um estado alterado de inconsciência, provocando-lhe letargia.

Encontramos também esta informação bem curiosa:

Na noite seguinte, dormimos sossegadamente o primeiro sono, sem que nenhuma anormalidade sucedesse, como sói acontecer, dado que o desprendimento apenas se verifica achando-se o médium desperto, condição para que se processe o sono magnético. Poucos minutos depois da meia-noite, porém, havendo despertado naturalmente, distinguimos à beira do nosso leito o Espírito que se apresentara na véspera, ao qual chamaremos “Beletrista”, à falta de um nome que melhor o qualifique, e, em seguida, caímos em transe letárgico, num “arrebato do espírito” para o plano invisível. O processo para o desdobramento verificou-se exatamente como se dá sob a direção de Charles, dos hindus ou de Bezerra de Menezes, o que leva a crer tratar-se de mecanismo próprio da faculdade em si mesma, que independe de agentes superiores para seu

191 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 207.

exercício. [...]. ⁽¹⁹²⁾ (grifo nosso)

Pareceu-nos a necessidade da médium estar acordada, ou seja, em pleno estado de vigília, para que ela fosse levada ao transe letárgico. Seria algo que devesse ser generalizado, já que também foi o que se viu em Regina?

O inglês Leslie Flint (1911-1994) é mais um médium que merece ser mencionado aqui, para completar essa lista. Em Flint, destacava-se a mediunidade de efeitos físicos com a produção de fenômenos de voz direta, comprovada por alguns renomados pesquisadores.

Flint informa que, aos seus 59 anos de idade, quando completa 35 anos de atividade mediúmica, vários espíritos já haviam se manifestado pela voz direta, entre os quais citamos: o ator Rodolfo Valentino, o romancista George Bernard Shaw, o rei George V, o inventor Tomas Alva Edison, o fisiologista Charles Richet, a rainha Vitória, o ator Leslie Howard, o escritor Arthur Conan Doyle e a atriz Ellen Terry.

De sua obra *Voices in the Dark*, que, estranhamente, em português tornou-se *Em busca da vida após a morte*, onde registra a sua trajetória mediúmica, transcrevemos:

192 PEREIRA, *Devassando o Invisível*, p. 151.

Em raras ocasiões, tem acontecido que uma pessoa viva fale em minha sala de sessões através de minha mediunidade, e quando uma pessoa presente exclama maravilhada que essa tia, ou prima, ou amigo, ainda está na terra, a voz, geralmente um fraco sussurro, desaparece gradualmente. Quando essa pessoa, que estava presente na sessão, a meu pedido vai verificar se o comunicador está vivo, geralmente descobre que o comunicador estava doente, em coma, ou profundamente adormecido, no tempo em que tentou se manifestar. A conclusão parece ser inevitável: a comunicação foi feita pela contraparte espiritual, corpo astral ou duplo ectoplasma, enquanto o corpo físico encontrava-se inconsciente e desacordado. ⁽¹⁹³⁾ (grifo nosso)

Mais para o início deste estudo, apresentamos uma fala de Kardec, que aqui nos cabe relembrar um trecho:

Até ao presente, porém, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. [...]. ⁽¹⁹⁴⁾.

Então, podemos afirmar com segurança que a experiência do médium Flint é mais uma prova que, para o Espírito de uma pessoa viva se manifestar, é

193 FLINT, *Em Busca da Vida Após a Morte*, p. 203.

194 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 83.

preciso que seu corpo físico esteja inconsciente – estado alterado de consciência – e desacordado, exatamente, o que conseguimos ver ao longo desse estudo.

Citaremos agora, para melhor compreensão do fenômeno, o relatado no cap. II – Desdobramento em Serviço, da obra *Nos Domínios da Mediunidade*, psicografia de Chico Xavier (1910-2002), que nos dá conta de que, num simples desdobramento mediúnicos, o médium já não fica em condições normais, ou seja, no estado de vigília.

Desdobramento em serviço

Chegara a vez do médium Antônio Castro. Profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos de serviço.

Aproximou-se dele o irmão Clementino e, à maneira do magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito.

Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros.

Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa *duplicata do médium*, em tamanho ligeiramente maior.

[...].

O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo

somático.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda.

[...].

Enquanto Clementino o encorajava com palavras amigas, o nosso orientador, certamente assinalando-nos a curiosidade, deu-se pressa em esclarecer:

– Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou “corpo astral” estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o “duplo etérico”, formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda.

– Ah! – disse Hilário, com expressão admirativa – aqui vemos, desse modo, a exteriorização da sensibilidade!...

– Sim, se algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispirítica do nosso amigo, registraria ele, de imediato, a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.

Observei atentamente o médium projetado ao nosso círculo de trabalho.

Não envergava o costume azul e cinza de que se vestia no recinto, mas sim um roupão esbranquiçado e inteiriço que descia dos ombros até o solo, ocultando-lhe os pés, e dentro do qual se movia, deslizante.

[...].

Desde esse momento, demonstrando manter segura comunhão com o veículo carnal, ouvimo-lo dizer através da boca física:

– Seguimos por um trilho estreito e escuro!

[...].

– Ah! sim, meus amigos – prosseguia Castro, qual se o corpo físico lhe fosse um aparelho radiofônico para comunicações a distância –, a prece de vocês atua sobre mim como se fosse um chuveiro de luz... Agradeço-lhes o benefício!... Estou reconfortado... Avançarei!...

Interpretando os fatos sob nossa observação, o Assistente explicou:

– Raros Espíritos encarnados conseguem absoluto domínio de si próprios, em romagens de serviço edificante fora do carro

de matéria densa. Habitados à orientação pelo corpo físico, ante qualquer surpresa menos agradável, na esfera de fenômenos inabituais, procuram instintivamente o retorno ao vaso carnal, à maneira do molusco que se refugia na própria concha, diante de qualquer impressão em desacordo com os seus movimentos rotineiros. Castro, porém, será treinado para a prestação de valioso concurso aos enfermos de qualquer posição.

[...].

A voz de Castro apagou-se-lhe nos lábios e, daí a instantes, vimo-lo regressar, amparado pelos irmãos que o haviam conduzido, retomando o corpo denso, com naturalidade.

Reajustando-se, qual se o vaso físico o absorvesse, de inopino, acordou na esfera carnal, na posse de todas as suas faculdades normais, esfregando os olhos, como quem desperta de grande sono.

O desdobramento em serviço estava findo e com a tarefa terminada havíamos recolhido preciosa lição. ⁽¹⁹⁵⁾ (grifo nosso)

O penúltimo parágrafo demonstra claramente a condição do médium em desdobramento não estar no estado de vigília, mas numa condição bem próxima ao sono, senão completamente dormindo.

195 XAVIER, *Nos Domínios da Mediunidade*, p. 97-105.

Emancipação da alma em estado de vigília caso em que ocorre

Logo de início, destacaremos a resposta à questão 89.a, de *O Livro dos Espíritos*, porquanto o que os Espíritos superiores disseram tem tudo a ver com o tema desse tópico: “Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também está, pois é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.” (196) (grifo nosso)

Entendemos, que se numa manifestação qualquer há algo que se origina da mente da pessoa viva, é forçoso reconhecer que seu Espírito ali está, do que concluímos que seu corpo físico não poderá concomitante agir com total desenvoltura como se o Espírito também ali estivesse.

Dentro da Codificação só aparece uma situação em que, no estado de vigília, ocorre a manifestação da alma, que é o caso da segunda vista ou dupla vista.

Vejamos um trecho das explicações do item 455, intitulado “Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista”, de *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII, “Emancipação da Alma”:

196 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 86.

A emancipação da alma se manifesta, às vezes, no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido pelo nome de *segunda vista*, que dá aos que a possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir *além dos limites dos nossos sentidos*. Percebem as coisas ausentes por toda parte onde a alma possa estender a sua ação; veem, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado; o olho tem algo de vago: ele fita sem ver; toda a sua fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos visuais são alheios ao fenômeno, já que a visão persiste, apesar da oclusão dos olhos. [...]. ⁽¹⁹⁷⁾ grifo em itálico do original, em negrito nosso)

Então, a bem da verdade, no estado de vigília aqui referido não se produz senão com uma modificação nas condições de atividade sensitiva, porquanto, o “indivíduo se acha sensivelmente modificado: o olho tem algo de vago: ele fita sem ver; toda a sua fisionomia reflete uma espécie de exaltação”, isso prova que ele está em algum estado alterado de consciência e não propriamente desperto ou acordado, ou seja, em pleno estado de vigília.

O professor Jäder dos Reis Sampaio (1965-),

197 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 228.

psicólogo, tradutor da obra *Os fantasmas e suas aparições*, de autoria do naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1913), explicitando um conceito equivocado do dr. Eugene Crowell (1817-1894), a respeito da manifestação de Espírito de pessoa viva, diz o seguinte:

Kardec explica que é possível a emancipação da alma, ou seja, o afastamento do perispírito (que é o 'corpo' espiritual) e do espírito de uma pessoa encarnada, sem que haja a desencarnação, ao contrário do que diz o sr. Crowell. Todavia, o corpo fica em estado de alteração de consciência, isto é, em estado de sono ou sonambúlico (*O livro dos Espíritos*, questões 422 a 426), sem a plena consciência do ambiente no qual se encontra o corpo físico, com exceção dos fenômenos telepáticos, que Kardec denomina “transmissão do pensamento” (*O livro dos Espíritos*, questão 420). [...]. (198) (grifo nosso)

Ora, se a emancipação da alma provoca um “estado de alteração de consciência, isto é, em estado de sono ou sonambúlico, sem a plena consciência do ambiente no qual se encontra o corpo físico” não há como admitir que no estado de vigília a alma do vivo possa ter condições de manifestar-se conscientemente.

Um trecho da explicação de Kardec à resposta da

questão 425 há algo que ajudará no esclarecimento disso:

No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, não mais recebem as impressões *exteriores*. Esse estado se manifesta principalmente durante o sono; é o momento em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria. [...].⁽¹⁹⁹⁾ (grifo itálico do original, em negrito nosso)

Entendemos, portanto, que o prof. Jáder Sampaio está com a razão quando estende para todos os casos de emancipação da alma o fato do corpo físico não receber as impressões exteriores, ou seja, não tem consciência do ambiente no qual se encontra.

Na *Revista Espírita 1867*, já mencionada, encontramos essa mesma informação, que julgamos oportuno transcrevê-la novamente:

Essa emancipação da alma, frequentemente, tem lugar no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, onde a alma parece não estar mais preocupada com a Terra; sobretudo, ela ocorre, de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas

199 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 216.

pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*. ⁽²⁰⁰⁾ (grifo nosso)

Confirma-se o estado alterado de consciência.

Em *A Gênese*, cap. XIV, “Os fluidos”, tópico II, “Explicação de alguns fenômenos considerados sobrenaturais”, que trata da vista espiritual ou psíquica, dupla vista, sonambulismo e sonhos, lemos:

O Espírito, portanto, sente-se feliz em deixar o corpo, como o pássaro ao deixar a gaiola; aproveita todas as ocasiões para dele se libertar, de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. É o fenômeno designado como *emancipação da alma*, o qual se produz sempre durante o sono. Toda vez que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende. (*O Livro dos Espíritos*, Livro II, cap. VIII)

Nesses momentos ele vive da vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas da vida vegetativa; acha-se, em parte, no estado em que se encontrará após a morte; percorre o espaço, conversa com os amigos e com outros Espíritos, livres ou *encarnados* como ele.” ⁽²⁰¹⁾ (grifo nosso)

Se “toda vez que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o Espírito se desprende” não é

200 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 338.

201 KARDEC, *A Gênese*, cap. XIV, item 23, p. 247.

impróprio concluir que se o corpo não estiver repousando e/ou os sentidos permanecem ativos, não ocorrerá a emancipação da alma.

Em *A Gênese*, cap. XVI, item 5, lemos:

[...] É sabido, além disso, que tanto durante o sono quanto no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em grau mais ou menos alto, as faculdades do Espírito livre. [...]. ⁽²⁰²⁾ (grifo nosso)

Aqui, a segunda vista é ainda levada à conta de um estado de êxtase, confirmando, portanto a condição de estado alterado de consciência.

Como já vimos, a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, o que confirma, mais uma vez, que a alma, quando a pessoa está em estado de vigília, não se manifesta, por absoluta falta das condições necessárias para que isso ocorra.

202 KARDEC, *A Gênese*, cap. XVI, item 5, p. 307

Considerações finais

É importante recordarmos que a manifestação é o fenômeno pelo qual o Espírito se utiliza de um médium para se interagir com alguém; já a comunicação é apenas a mensagem transmitida, e pode ocorrer diretamente entre os envolvidos, mente a mente, sem nenhum intermediário.

O Espírito de uma pessoa viva, permanecendo em estado de vigília, pode manifestar-se, ou seja, se emancipar do corpo e entrar em sintonia com um médium, para, através deste, manifestar-se a alguém? Segundo o Espiritismo a resposta é: não!

Será que poderíamos ter casos de uma pessoa viva conversar consigo mesma? Vejamos este fato, mencionado na Codificação:

O espírito se irradia, às vezes, para o lugar da evocação sem deixar o corpo; nesse caso, a pessoa evocada pode conservar tudo ou partes de suas faculdades da vida de relações. Se estiver presente, ela pode interrogar seu próprio espírito e responder a si próprio. ⁽²⁰³⁾
(grifo nosso)

Essa transcrição é um trecho da fala de Kardec

203 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, p. 111.

sobre a questão 272 de *O Livro dos Espíritos*, publicação de 18 de abril de 1857; portanto de sua primeira edição. O interessante é que ela não foi mantida na segunda, publicada a 18 de março de 1860, e, nem tampouco, levada para algum ponto de *O Livro dos Médiuns*.

Entendemos que esse fato se deu porque Kardec mudou de ideia, pois a partir de 1858, conforme registros na *Revista Espírita*, ele inicia suas pesquisas com evocação de Espíritos de pessoas vivas. Certamente, que os fatos o fizeram mudar de posição, pois Kardec era da opinião de que “Contra fatos não há oposição nem negação que possam prevalecer [...].” (204)

Uma ocorrência bem curiosa está narrada em *Nosso Lar*, no cap. 36, intitulado “O Sonho”, do qual transcreveremos os pontos importantes ⁽²⁰⁵⁾:

[...] Tobias pôs à minha disposição um apartamento de repouso, ao lado das Câmaras de Retificação, e aconselhou-me algum descanso. De fato, sentia grande necessidade do sono. Narcisa preparou-me o leito com desvelos de irmã.

Recolhido ao quarto confortável e

204 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 91.

205 Não temos como contestar a veracidade dessa narração, pois ela se prende a conceitos que vão além daqueles genuinamente espíritas, mas que, em respeito ao autor, foi considerada aqui pela relevância ao tema.

espaçoso, orei ao Senhor da Vida agradecendo-lhe a bênção de ter sido útil. A “proveitosa fadiga” dos que cumprem o dever não me deu ensejo a qualquer vigília desagradável.

Daí a instantes, sensações de leveza invadiram-me a alma toda e tive a impressão de ser arrebatado em pequenino barco, rumando a regiões desconhecidas. Para onde me dirigia? Impossível responder. A meu lado, um homem silencioso sustinha o leme. E qual criança que não pode enumerar nem definir as belezas do caminho, deixava-me conduzir sem exclamações de qualquer natureza, extasiado embora com as magnificências da paisagem. Parecia-me que a embarcação seguia célere, não obstante os movimentos de ascensão.

Decorridos minutos, vi-me à frente de um porto maravilhoso, onde alguém me chamou com especial carinho:

– André!... André!...

Desembarquei com precipitação verdadeiramente infantil. Reconheceria aquela voz entre milhares. Num momento, abraçava minha mãe em transbordamentos de júbilo.

Fui conduzido, então, por ela, a prodigioso bosque, onde as flores eram dotadas de singular propriedade – a de reter a luz, revelando a festa permanente do perfume e da cor. Tapetes dourados e luminosos estendiam-se, dessa maneira, sob as grandes árvores sussurrantes ao vento. Minhas impressões de felicidade e paz eram inexcedíveis. O sonho não era propriamente qual se verifica na Terra. Eu sabia, perfeitamente, que deixara o veículo

inferior no apartamento das Câmaras de Retificação, em “Nosso Lar”, e tinha absoluta consciência daquela movimentação em plano diverso. Minhas noções de espaço e tempo eram exatas. A riqueza de emoções, por sua vez, afirmava-se cada vez mais intensa. [...]. ⁽²⁰⁶⁾ (grifo nosso)

Seguem-se as orientações que a mãe de André Luiz lhe dá, mas que, no momento, não são de interesse nessa nossa pesquisa, portanto, vamos ao final da narrativa:

Minha mãe calou-se enquanto eu enxugava os olhos. Foi então que ela me tomou nos braços, acariciando-me desveladamente. Qual o menino que adormece após a lição, perdi a consciência de mim mesmo, para despertar mais tarde nas Câmaras de Retificação, experimentando vigorosas sensações de alegria. ⁽²⁰⁷⁾ (grifo nosso)

André Luiz, por arregaçar as mangas dedicando-se ao trabalho, teve como recompensa de ir visitar sua mãe que habitava esferas mais altas. Sua visita aconteceu por desdobramento, pois enquanto seu corpo espiritual estava nos “braços de Morfeu”, em outro corpo, ainda mais sutil que o perispírico, talvez o mental ⁽²⁰⁸⁾, foi ter com sua mãe na esfera que ela se

206 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 195-197.

207 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 199.

208 O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos

encontrava.

Ora, isso é deveras interessante, pois se até um desencarnado, indo visitar alguém em outro plano mais elevado, precisa sair do estado de vigília, o que dirá de nós, os encarnados?

O presente estudo mostra, portanto, que o Espírito de uma pessoa viva não pode se manifestar quando seu corpo está em pleno estado de vigília.

Como disse Kardec: *“o que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, de qualquer parte que venha, não tenho a pretensão de ter sozinho a luz.”* ⁽²⁰⁹⁾; fora o fato de que *“Cada um está no direito de manter suas convicções”*. ⁽²¹⁰⁾

estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. (André Luiz, *Evolução em Dois Mundos*, p. 25.

209 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 67.

210 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 1ª parte, cap. II, 2007, p. 37.

Conclusão

Diante de tudo que aqui colocamos não há como não inferir que o Espírito de pessoa viva, não se comunica em estado de vigília; a impossibilidade de isso acontecer está demonstrada nessa pesquisa que fizemos, em que tomados vários elementos contidos nas obras da Codificação Espírita, bem como dos estudiosos e pesquisadores Aksakof, Bozzano e Delanne.

Restamos colocar apenas mais um ponto que julgamos de suma importância para completar tudo que aqui dissemos.

Na *Revista Espírita 1858*, mês de julho, temos o registro de um diálogo com um soldado que, imediatamente após a morte, disse estava tão atordoado que não se acreditava morto. Kardec explicando este fenômeno, diz:

Isto concorda com o que temos observado nos casos de morte violenta; não se dando conta imediatamente de sua situação, o Espírito não se julga morto. Esse fenômeno se explica muito facilmente; é análogo ao dos sonâmbulos que não acreditam que estejam dormindo. Realmente, para o sonâmbulo, a ideia de sono é sinônimo de suspensão das faculdades intelectuais. Ora, como ele pensa, não acredita que dorme; só mais tarde reconhece a verdade, ao se familiarizar com o sentido ligado a essa palavra. Acontece a mesma coisa com o Espírito

surpreendido por morte súbita, quando não se havia preparado para a separação do corpo. Para ele a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, desde que vê, sente e raciocina, julga não ter morrido. É necessário certo tempo para poder reconhecer-se. ⁽²¹¹⁾ (grifo nosso)

Se diante de um fenômeno de manifestação de pessoa viva quem o passa disser que está em estado de vigília, devemos analisar com muito cuidado para ver se o ocorrendo com ele não é o que aqui Kardec diz a respeito dos sonâmbulos, evitando assim, tomarmos “gato por lebre”.

Embora em contexto diferente, fazemos nossas, estas palavras de Kardec:

[...] Não impomos nossas ideias a ninguém; aqueles que as adotam é porque as acham justas; aqueles que vêm a nós é porque pensam e acham ocasião de aprenderem, mas não o é como *filiação*, porque não formamos *nem seita, nem partido*.; estamos reunidos para o estudo do Espiritismo, como outros para o estudo da frenologia, a história ou outras ciências; [...]. ⁽²¹²⁾ (grifo nosso)

Não vemos necessidade alguma de alongarmos mais nessa conclusão, pois o que foi dito, no desenrolar

211 KARDEC, *Revista Espirita 1859*, p. 185.

212 KARDEC, *Revista Espirita 1860*, p. 100.

dessa pesquisa, julgamos ter sido o suficiente.

Referências bibliográficas

- ABDALA, N. E. *O Perispírito: o Que Fizemos Com Ele?* in. Revista Internacional de Espiritismo, Ano LXXXVIII, nº 10. Matão, SP: O Clarim, nov./2013, p. 512.
- AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- BOZZANO, E. *Animismo ou Espiritismo?* Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- BOZZANO, E. *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*. São Paulo: Edicel, 1978.
- BOZZANO, E. *Fenômenos de bilocação (desdobramento)*. São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 1983.
- DELANNE, G. *A Alma é Imortal*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DELANNE, G. *Evolução Anímica*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- DELANNE, G. *O Espiritismo Perante a Ciência*. Rio de Janeiro: FEB, 2993.
- DELANNE, G. *Pesquisas Sobre Mediunidade*. Limeira, SP: Conhecimento, 2010.
- DENIS, A. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*. Rio da Janeiro: CELD, 2001.
- DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DU PREL, C. *O Outro Lado da Vida*. São Paulo: Lake, 2012.
- FLAMMARION, C. *A Morte e o Seu Mistério*. Vol. II. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- FLAMMARION, C. *As Forças Naturais Desconhecidas*. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2011.
- FLINT, L. *Em Busca da Vida Após a Morte*. São Paulo: Editora Três, 1987.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*. 6ª ed. Matão, SP: O Clarim, s/d.
- KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*. São Paulo: IPECE, 2004.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Que é O Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, *Oeuvres Posthumes*. Paris, França: Edition Dervy, 1924. (em PDF)
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras, SP: IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. (PDF) Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Arara, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Arara, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras, SP: IDE, 2001.
- LEX, A. *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*. São Paulo: FEESP, 2009.
- MONTEIRO, E. C. *Allan Kardec (O Druida Reencarnado)*. São Paulo: Eldorado/Eme, 1996.
- NOBRE, M. *Lições de Sabedoria*. São Paulo; Ed. Jornalista Fé, 1997.
- NOVELINO, C. *Eurípedes – o Homem e a Missão*. Araras, SP: IDE, 1989.
- OLIVEIRA, W. M. *A Volta de Allan Kardec*. Goiânia, GO: Kelps, 2007.
- PALHANO JR, L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2004.
- PEREIRA, Y, A. *Devassando o Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PEREIRA, Y. A. *Recordações da mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- RANIERI, R. A. *Recordações de Chico Xavier*. Guaratinguetá, SP: Edifrater, 1997.
- RIZZINI, J. *Eurípedes Barsanulfo – o Apóstolo da Caridade*, São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 2004.

SCHUTEL, C. *Exteriorização da Sensibilidade e da Motricidade*. In Revista Internacional de Espiritismo. Matão, SP: O Clarim, outubro 2009, p. 462-463.

WALLACE, A. R. *Os Fantasmas e Suas Aparições*. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2016.

XAVIER, F. C. *Entre a Terra e o Céu*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

XAVIER, F. C. *Nos Domínios da Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

Revista Internacional de Espiritismo. Ano LXXXIV, nº 09, Matão, SP: O Clarim, outubro 2009.

Revista Internacional de Espiritismo, Ano LXXXVIII, nº 10. Matão, SP, O Clarim, novembro 2013.

<http://www.significados.com.br/devaneio/>

<http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Mediuns/William%20Thomas%20Stead/William%20Thomas%20Stead.htm>

(<https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/autoscopia>, acesso em 21.04.2017, às 17:00h.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Autoscopia>, acesso em 21.04.2017, às 17:07h.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cant%C3%B5es_da_Fran%C3%A7a, acesso em 27.04.2017, às 9:15h.

Essa pesquisa, na versão original, foi publicada:

– Em *Jornal de Estudos Espíritas*. Campinas, SP, 26.04.2015, disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0BwP5I2F8N4s3bEJwQVphM1J5a3c/view>, no qual acrescentamos, na Conclusão, novos parágrafos.

– na revista *Espiritismo & Ciência Especial*, nº 83. 1ª parte, p. 54-66; *Espiritismo & Ciência Especial*, de nº 84, São Paulo: Mythos Editora, 2016, 2ª parte, p. 46-61.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em alguns sites Espíritas na Internet, entre eles:

- A Era do Espírito: <http://www.aeradoespirito.net/>
- Panorama Espírita: www.panoramaespirita.com.br

Autor dos livros: a) impressos: *A Bíblia à Moda da Casa, Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, As Colônias Espirituais e a Codificação e Kardec & Chico: dois missionários*; b) Ebook: *Racismo em Kardec?* e *A Reencarnação tá na Bíblia*.

Belo Horizonte, MG
www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com
Tel.: (31) 3296-8716